

UNIVERSIDADE VILA VELHA-ES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E CIDADE

**MULHERES E ESPAÇO PÚBLICO: USOS E APROPRIAÇÕES
FEMININAS EM PRAÇAS**

MYLLENA SIQUEIRA SANTOS

VILA VELHA
MARÇO/ 2024

UNIVERSIDADE VILA VELHA-ES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E CIDADE

**MULHERES E ESPAÇO PÚBLICO: USOS E APROPRIAÇÕES
FEMININAS EM PRAÇAS**

Dissertação apresentada a Universidade
Vila Velha com pré-requisito do Programa
de Pós-Graduação em Arquitetura e para
obtenção do título de Mestra em Arquitetura
e Cidade.

MYLLENA SIQUEIRA SANTOS

VILA VELHA
MARÇO/ 2024

Catálogo na publicação elaborada pela Biblioteca Central / UVV-ES

S231m Santos, Myllena Siqueira.
Mulheres e espaço público : usos e apropriações femininas em
praças / Myllena Siqueira Santos. – 2024.
204f. : il.

Orientador: Larissa Letícia Andara Ramos.
Dissertação (mestrado em Arquitetura e Cidade) -
Universidade Vila Velha, 2024.
Inclui bibliografias.

1. Arquitetura. 2. Cidades. 3. Praças. 4. Espaço urbano.
I. Ramos, Larissa Letícia Andara. II. Universidade Vila Velha.
III. Título.

CDD 720

MYLLENA SIQUEIRA SANTOS

**MULHERES E ESPAÇO PÚBLICO: USOS E APROPRIAÇÕES
FEMININAS EM PRAÇAS**

Dissertação apresentada a Universidade Vila Velha com pré-requisito do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e para obtenção do título de Mestra em Arquitetura e Cidade.

Aprovada em 27 de março de 2024.

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
gov.br LUCIANA APARECIDA NETTO DE JESUS
Data: 18/12/2024 23:09:05-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Luciana Aparecida Netto de Jesus (UFES)



Profa. Dra. Melissa Ramos da Silva Oliveira (UVV-ES)

Documento assinado digitalmente
gov.br LARISSA LETICIA ANDARA RAMOS
Data: 17/12/2024 17:09:47-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Larissa Letícia Andara Ramos (UVV-ES)

Orientadora

Dedico este trabalho a todas as mulheres que vieram antes de mim, que abriram caminhos, moldaram minha jornada e continuarão a fazê-lo, moldando também o futuro.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha sincera gratidão a todas as mulheres que vieram antes de mim, que desafiaram limites e questionaram normas. Suas conquistas pavimentaram o caminho para minha jornada acadêmica e me inspiraram profundamente. Estou aqui hoje por causa delas, comprometida em contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária. Obrigada por serem fontes de inspiração constante. Gostaria de expressar minha profunda gratidão às mulheres fortes que me criaram e moldaram quem sou hoje. Seu exemplo de resiliência, coragem e determinação me ensinou a me respeitar e a me posicionar perante o mundo. A elas, minha eterna gratidão.

Agradeço imensamente à minha família por todo o apoio incondicional ao longo desta jornada. À minha mãe, meu exemplo de força e determinação, que me ensinou a ser independente e persistente. Sua crença inabalável em mim, mesmo nos momentos em que eu duvidava de mim mesma, foi fundamental para seguir em frente. Ao meu pai, que sempre demonstrou orgulho em cada uma das minhas conquistas e me guiou com sabedoria em minhas decisões, ensinando-me a impor respeito e exigir o mesmo em retorno. Agradeço por todas as conversas significativas e conselhos preciosos que compartilhamos ao longo do caminho.

A meus queridos avós, sou profundamente grata por todo o amor e carinho que sempre me acolheram em seu lar, proporcionando-me o ambiente necessário para realizar o sonho do mestrado. E à minha irmã, companheira de risadas e momentos leves, agradeço por estar sempre presente e pronta para oferecer seu apoio incondicional, mesmo que fosse apenas para ouvir. A cada um de vocês, minha família, meu mais sincero obrigado por fazerem parte desta jornada e por serem meu pilar de sustentação em todos os momentos.

Gostaria de expressar minha profunda gratidão aos meus amigos que estiveram ao meu lado nos momentos mais desafiadores da minha pesquisa. Um agradecimento especial ao Jayme, cujo apoio e dedicação foram inestimáveis

durante todo o processo. À Mariana, meu sincero agradecimento por seu auxílio nos momentos difíceis, sua presença foi fundamental. E à Luana, que dedicou seu final de semana para me acompanhar a campo, meu muito obrigado. A presença e o apoio de vocês tornaram essa jornada mais leve e significativa. Sou imensamente grata por ter amigos tão especiais ao meu lado.

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a todos os meus professores, cujo apoio e orientação foram fundamentais em minha jornada acadêmica. Em especial, gostaria de agradecer às minhas professoras da graduação, verdadeiros exemplos de excelência não apenas como profissionais, mas também como pessoas. Agradeço de forma especial à Ana Paula Rabello Lyra por ter me proporcionado minha primeira experiência no mundo da pesquisa e por acreditar no meu potencial desde o início.

Imensamente grata à minha orientadora, Larissa, que tem sido uma presença constante desde minha iniciação científica até meu mestrado. Agradeço por seu apoio e por me desafiar a ir além e por guiar-me com sabedoria ao longo dessa jornada. Sua disponibilidade e parceria foram essenciais durante estes dois anos de mestrado. Através de seu amor pela pesquisa, você se tornou meu exemplo como pesquisadora e profissional. Não poderia ter desejado orientação melhor, agradeço a confiança e amizade que compartilhamos.

Também gostaria de expressar minha gratidão à professora e coordenadora do mestrado, Melissa Ramos, por sua disposição desde o processo de seleção, pelo apoio constante e pelas valiosas conversas nos momentos de dúvidas em relação aos rumos da pesquisa. Agradeço também à professora Luciana, que integrou minha banca, por sua valiosa contribuição para o desenvolvimento da dissertação, pela parceria nos artigos e eventos, e por sempre enriquecer o trabalho com sua visão e conhecimento. A cada um dos meus professores, meu mais sincero obrigado por seu comprometimento e dedicação em minha formação, especialmente aos meus professores do Programa De Pós-Graduação em Arquitetura e Cidade (PPGAC) Da Universidade Vila Velha.

Por fim, gostaria de expressar meu profundo agradecimento à Universidade Vila Velha (UVV) e à Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES) por tornarem possível a realização do meu sonho e por seu papel fundamental no incentivo à pesquisa no Brasil. Sem o apoio e os recursos oferecidos por essas instituições, minha jornada acadêmica e de pesquisa não teria sido possível. Sou imensamente grato pelo investimento contínuo na educação e na pesquisa, que beneficia não apenas a mim, mas também a toda a comunidade acadêmica. Obrigado por acreditarem no potencial dos estudantes e pesquisadores e por tornarem nossos sonhos uma realidade.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
1.1	Contextualização temática.....	16
1.2	Objetivos.....	18
1.3	Justificativa	19
1.4	Procedimentos metodológicos.....	23
2	MULHER NA CIDADE.....	28
2.1	Cidade Sexista: Um breve histórico	28
2.2	Relações urbanas domínio masculino e exclusão feminina.....	40
3	ESPAÇO PÚBLICO: POLÍTICA, FUNÇÃO E GÊNERO.....	47
3.1	A dimensão política do espaço público.....	48
3.2	Vitalidade urbana e o papel dos espaços livres de uso público	53
3.3	A Praça na Cidade: Função e Significado	58
3.4	Urbanismo sob perspectiva de gênero	64
4	MATERIAIS E MÉTODOS.....	73
4.1	A escolha das praças.....	75
4.1	Análise dos elementos físico-morfológicos	77
4.2	Análise comportamental	83
4.3	Análise perceptiva.....	87
5	USOS E APROPRIAÇÕES URBANAS: MULHERES NAS PRAÇAS DE VILA VELHA.....	89
5.1	A praça Agenor Moreira.....	89
5.2	Análise dos elementos físico-morfológicos da praça Agenor Moreira...	97
5.3	Análise comportamental da praça Agenor Moreira.....	110

5.5 A praça Haroldo Rosa.....	145
5.6 Análise dos elementos físico-morfológicos da praça Haroldo Rosa ...	149
5.7 Análise comportamental da praça Haroldo Rosa.....	158
5.8 Análise perceptiva da praça Haroldo Rosa.....	164
5.8 Síntese comparativa das duas praças	176
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	182
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	184
APÊNDICES	191

RESUMO

SANTOS, MYLLENA SIQUEIRA, M.Sc, Universidade Vila Velha – ES, março de 2024.

Mulheres e Espaço Público: Usos e Apropriações Femininas em Praças. Orientador: Larissa Letícia Andara Ramos.

As cidades contemporâneas são resultado de um planejamento urbano predominantemente orientado pela experiência masculina, perpetuando a desigualdade de gênero e negligenciando a vivência das mulheres no espaço público. Essa disparidade se reflete no acesso e na forma como as mulheres utilizam e se apropriam dos espaços públicos. Nesse contexto, os espaços livres urbanos devem ser inclusivos e promover uma vivência mais amigável para as mulheres. O objetivo principal desta pesquisa é analisar os elementos físico-morfológicos que influenciam as interações entre as mulheres e os espaços públicos de praças urbanas. O estudo adota uma abordagem quanti-qualitativa, de natureza aplicada, exploratória e descritiva, tendo como estudo de caso as praças Agenor Moreira e Haroldo Rosa em Vila Velha-ES. A pesquisa se desdobrou em cinco etapas metodológicas: 1) construção do referencial teórico e metodológico; 2) análise físico-morfológica; 3) análise comportamental; 4) análises gerais e correlações. Inicialmente, foi realizada uma revisão bibliográfica, seguida pela identificação de aspectos físico-morfológicos das praças que poderiam influenciar o uso feminino desses espaços. A seguir, foram aplicadas técnicas de mapeamento comportamental, contagem de pessoas e entrevistas semiestruturadas para compreender as percepções das mulheres sobre os espaços. Por fim, os dados foram organizados e correlacionados para identificar padrões nas apropriações femininas nas praças estudadas. Os resultados destacam as diferenças nas reformas das praças Agenor Moreira e Haroldo Rosa, com a primeira apresentando aprimoramentos substanciais e a segunda, intervenções mais modestas. Além disso, as características físicas e sociais das praças influenciam diretamente o uso e a percepção das mulheres. Observou-se uma maior presença masculina, enquanto as mulheres desempenham múltiplas funções nos espaços públicos. As sugestões para tornar os espaços mais inclusivos abordam questões de acessibilidade, segurança, diversidade, participação comunitária, educação e conscientização. Essas recomendações visam promover um uso mais igualitário e inclusivo dos espaços públicos, levando em consideração não apenas as características das praças, mas também o seu entorno e a interação com a comunidade local.

Palavras-chave: Gênero; espaço público; praças urbanas; urbanismo feminista; mulheres.

ABSTRACT

SANTOS, MYLLENA SIQUEIRA, M.Sc, Vila Velha University – ES, March 2024. **Women and Public Space: Feminine Uses and Appropriations in Squares.** Advisor: Larissa Letícia Andara Ramos.

Contemporary cities result from urban planning that has considered the male experience as the standard, thus perpetuating gender inequality and neglecting the urban life of women. This disparity reflects both on access to public spaces and on the way women use and appropriate them. Public open spaces should be vibrant and inclusive; from this perspective, urban planning more attuned to women's experiences is essential. This research aims to analyze the physical and morphological elements that influence the interactions between women and public urban spaces, particularly urban squares. The study is applied, exploratory, and descriptive, adopting a quantitative and qualitative approach. The case study focuses on the Agenor Moreira and Haroldo Rosa squares in Vila Velha, ES, Brazil. The research consists of five methodological stages: 1) Construction of theoretical and methodological frameworks; 2) Physical and morphological analysis; 3) Behavioral analysis; 4) General analysis and correlations. Initially, a literature review was conducted, followed by the identification of physical and morphological aspects of urban squares that might influence women's use of the space. Subsequently, behavioral mapping, people counting, and interviews were conducted to understand women's perceptions of the squares. Finally, the data was organized and correlated to identify patterns and trends in the female appropriation of the studied urban squares. The results highlight differences between the renovations of the Agenor Moreira and Haroldo Rosa squares, showing substantial improvements in the first and more modest interventions in the second. Additionally, they highlight distinct physical and social characteristics of the squares, influencing their use and women's perceptions. There is a higher male presence, while women perform multiple roles in these public spaces. Suggestions for making the spaces more inclusive address issues of accessibility, security, diversity, community participation, education, and awareness. These recommendations aim to promote a more egalitarian and inclusive use of public spaces, considering not only the characteristics of the squares but also their surroundings and the interaction with the local community.

Keywords: Gender; public space; urban squares; feminist urbanism; women.

Lista de figuras

Figura 1 - Diagrama Metodológico.....	25
Figura 2 - Mapa de localização da Regional 01.....	90
Figura 3 - Localização da praça Agenor Moreira no bairro Itapuã	90
Figura 4 - Imagem do projeto da praça Agenor Moreira	92
Figura 5 - Imagem da praça vista de cima.....	92
Figura 6 - Antes e depois da reforma Av. Fortaleza	93
Figura 7 - Antes e depois da reforma R. Maj. Nodge Ulisses de Oliveira ...	94
Figura 8 - - Antes e depois da reforma R. Guanabara	95
Figura 9 - Mapa de uso do solo do entorno da praça Agenor Moreira.....	99
Figura 10 - Mapa de fachadas do entorno da praça Agenor Moreira	100
Figura 11 - Mapa figura e fundo quadra do entorno da praça Agenor Moreira	101
Figura 12 - Acessibilidade e comércio praça Agenor Moreira.....	103
Figura 13 - Amenidades e mobiliário praça Agenor Moreira.....	104
Figura 14 - Arborização praça Agenor Moreira.....	105
Figura 15 - Viatura praça Agenor Moreira.....	107
Figura 16 - Atividades na praça Agenor Moreira	120
Figura 17 - Praça Agenor Moreira: Caminhos mais percorridos	121
Figura 18 - Mapa de lugar mais agradável da praça Agenor Moreira	136
Figura 19 - Mapa de lugar menos agradável da praça Agenor Moreira....	138
Figura 20 - Mapa de” ruas para evitar” no entorno da praça Agenor Moreira	143
Figura 21 - Mapa de localização da Regional 02.....	145
Figura 22 -Localização da praça Haroldo Rosa no bairro Santa Mônica ..	146
Figura 23 - Imagem aérea da praça Haroldo Rosa reformada	146
Figura 24 - Antes e depois da reforma praça Haroldo Rosa/ R. Aniceto Ferreira Lima.....	147
Figura 25 - Antes e depois da reforma praça Haroldo Rosa/ R. Nove	148
Figura 26 - Mapa de uso do solo do entorno da praça Haroldo Rosa	150

Figura 27 - Mapa de fachadas do entorno da praça Haroldo Rosa	151
Figura 28 - Mapa de figura fundo quadras do entorno da praça Haroldo Rosa	152
Figura 29 - Acessibilidade na praça Haroldo Rosa.....	153
Figura 30 - Amenidades e mobiliário praça Haroldo Rosa.....	154
Figura 31 - Conforto e Segurança praça Haroldo Rosa.....	155
Figura 32 - Mapa de circulação praça Haroldo Rosa.....	158
Figura 33 - Mãe e filhas usando a academia ao ar livre praça Haroldo Rosa	162
Figura 34 - Pessoas fazendo churrasco na praça Haroldo Rosa.....	163
Figura 35 - Mapa de lugar mais agradável da praça Haroldo Rosa.....	172
Figura 36 - Mapa de lugar menos agradável da praça Haroldo Rosa	173
Figura 37 - Mapa de ruas "para evitar" praça Haroldo Rosa	175

Lista de quadros

Quadro 1 - Princípios para espaços urbanos e inclusivos	56
Quadro 2 - Comparativo entre dados das duas praças do recorte de estudo	61
Quadro 3 - Ficha avaliativa das praças	64
Quadro 4 - Resumo da análise físico-morfológica da praça Agenor Moreira	91
Quadro 5 - Mapas Comportamentais Praça Agenor Moreira (Continua)	94
Quadro 6 - Mapas Comportamentais Praça Agenor Moreira (Conclusão)	95
Quadro 7 - Síntese das respostas da pergunta 01 praça Agenor Moreira (continua)	106
Quadro 8 - Síntese das respostas da pergunta 01 praça Agenor Moreira (conclusão)	107
Quadro 9 - Síntese das respostas da pergunta 02 praça Agenor Moreira)	110

Quadro 10 - Síntese das respostas da pergunta 03 praça Agenor Moreira (continua)	113
Quadro 11 - Síntese das respostas da pergunta 03 praça Agenor Moreira (conclusão)	114
Quadro 12 - Síntese das respostas da pergunta 04 praça Agenor Moreira (continua)	116
Quadro 13 - Resumo da análise físico-morfológica da praça Agenor Moreira	133
Quadro 14 - Síntese Mapas comportamentais praça Haroldo Rosa	137
Quadro 15 - Síntese das respostas da pergunta 01 praça Haroldo Rosa (continua)	144
Quadro 16 - Síntese das respostas da segunda pergunta da Praça Haroldo Rosa (continua)	146

Lista de gráficos

Gráfico 1 - Contagem de pessoas na praça Agenor Moreira/	98
Gráfico 2 - Respostas do questionário praça Agenor Moreira	103
Gráfico 3 - Resposta questionário pergunta 06 praça Agenor Moreira	105
Gráfico 4 - Contagem de pessoas dia de semana praça Haroldo Rosa	139
Gráfico 5 - Respostas das perguntas 1,2,3 e 4 (Praça Haroldo Rosa)	143
Gráfico 6 - Respostas da pergunta 05 (Praça Haroldo Rosa)	144

1 INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização temática

Ao analisar a origem da palavra “cidade” nas línguas neolatinas, percebe-se que é um substantivo feminino. Além disso, em contextos literários, algumas cidades são simbolicamente retratadas como figuras femininas, representando a mãe, a jovem, a amante e a prostituta (Risério, 2015). Por exemplo, Roma era chamada de 'mãe das armas e da lei', Paris era descrita como jovem e glamourosa, e no Brasil, o poeta Gregório de Matos referia-se a 'Senhora Dona Bahia' (Clapp apud Risério, p. 63-64; 2015) e o Rio de Janeiro foi apelidado por Estácio de Sá como 'a Rainha das províncias' (Risério, p. 65, 2015). Embora a palavra cidade seja referida no feminino e utilizem a figura de linguagem feminina para descrevê-la, na prática, o meio urbano não é acolhedor para as mulheres, especialmente, quando se deslocam e permanecem em espaços públicos.

A cidade, criada por homens, foi destinada ao uso masculino, sustentando papéis de gênero ultrapassados que consideram a experiência masculina como o padrão, sem levar em conta como a cidade pode dificultar a vida urbana das mulheres. No cerne do ambiente urbano, há uma estrutura que perpetua ideais de famílias patriarcais, funções sociais e papéis de gênero. Embora a sociedade tenha evoluído e supostamente superado essa distinção de função social com base no gênero, as mulheres ainda enfrentam barreiras impostas por normas sociais, que, embora não sejam tangíveis, manifestam-se na forma como as cidades foram construídas (Kern, 2021).

Esta segregação do domínio do espaço em função do gênero, torna necessária uma visão da arquitetura e do urbanismo mais sensível às relações sociais de desigualdade, a fim de buscar reduzir tal disparidade. A diferença entre as posições de poder entre homens e mulheres advém de uma sociedade patriarcal na qual as mulheres são objetos da opressão masculina (Saffioti, 2004).

Pensar na cidade contemporânea implica criar um espaço inclusivo e seguro para todos que a vivenciam, tendo em vista que o direito à cidade é universal. Os espaços públicos devem ser inclusivos e garantir segurança e acessibilidade, principalmente, para os grupos mais vulneráveis. Sobre a violência urbana, Bauman (2009) afirma que a sociedade vai perdendo seus vínculos comunitários e a solidariedade abre espaço para o individualismo e a competição.

Segundo o autor, a consequência é uma cidade que vivencia um contexto de insegurança e medo de tudo e de todos, identificado pelo autor como o “estrangeiro”, ou seja, aquele que é desconhecido. De acordo com Bauman (2009, p. 20), a sociedade enxerga a cidade contemporânea através de um filtro chamado “a cultura do medo” e, com isso se afastam do convívio comunitário - a “mixofobia” - e evitam o espaço público, buscando refúgio na promessa de segurança atribuída ao espaço privado.

Lefebvre (2015) argumenta que a cidade é um reflexo das relações sociais, interações e conflitos entre diferentes grupos, destacando o espaço físico como influenciador da vida social. Ele enfatiza a importância de compreender o espaço como um produto social e político, não apenas físico. Para Lefebvre, a vida urbana requer encontros, confrontos e reconhecimento dos diferentes modos de viver, o que ocorre especialmente no espaço público. Este último é fundamental para a comunidade, sendo um palco de desafios, conflitos, reflexões e diálogos da vida social.

A praça, como espaço público, apresenta características morfológicas, simbólicas e funcionais que variam de acordo com o contexto histórico e social. Sua função primordial é proporcionar um espaço para a convivência social, assim como, refletir os aspectos sociais e políticos. Conforme Alex (2008), a praça é simultaneamente uma construção e um vazio, integrando-se ao tecido urbano como um centro social. Atualmente, as praças são consideradas espaços livres de uso público, frequentemente caracterizados por áreas verdes, desempenhando funções públicas e ambientais importantes na estrutura da cidade. Embora haja divergências na definição, Robba e Macedo (2003) as conceituam como espaços urbanos públicos

destinados ao lazer e convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livres de veículos.

Há uma diferença na forma de se apropriar dos espaços públicos, portanto, entre homens e mulheres. Homens utilizam de maneira mais livre, pois, não se preocupam tanto com julgamentos sociais, portanto, esta diferença no uso, influencia na imagem emotiva - sentimentos inconscientes relacionados aos espaços e aos objetos – que as pessoas formam da cidade (Martínez; Moya; Munhoz, 1995). A cidade segura para as mulheres é também uma cidade segura para todos. Nessa perspectiva, é crucial que o planejamento urbano e o design considerem a perspectiva e a experiência das mulheres, incluindo aquelas em situação de maior vulnerabilidade socioeconômica. A análise da questão de gênero não pode ser dissociada da desigualdade étnico-social, que agrava os índices de violência.

Este estudo compreende que a inclusão de gênero é um assunto complexo e envolve diversos fatores multidisciplinares. Envolve, ainda, questões socioculturais enraizadas no sistema patriarcal vigente, porém, identifica dentro do urbanismo, uma ferramenta para criar cidades mais amigáveis às mulheres. Dentro deste panorama, identifica-se a busca de um cenário urbano em que a igualdade de gênero seja favorecida.

Desta maneira, levanta-se a seguinte questão: *Quais características físico-morfológicas das praças podem influenciar os usos, apropriações e padrões de comportamento das mulheres nesses espaços públicos?*

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

A presente pesquisa busca investigar como as características físico-morfológicas das praças podem influenciar nas inter-relações das mulheres com esses espaços públicos, considerando os seus usos e apropriações. Para o desenvolvimento do trabalho fez-se necessário os seguintes objetivos específicos:

1.2.2 Objetivos específicos

- a) Compreender aspectos socioculturais e espaciais sobre gênero e espaço público;
- b) Observar os padrões de uso e comportamento das mulheres em praças urbanas;
- c) Compreender a relação das mulheres com as praças, através das percepções femininas sobre as praças

1.3 Justificativa

A visão de homem público e da mulher pública implicava conotações diferentes, enquanto o primeiro era visto em seu lugar natural, às mulheres foi passada a ideia de que perderiam sua respeitabilidade ao circular pelas ruas. No Brasil, as mulheres passaram séculos isoladas ao ambiente doméstico da casa, pois, se saíssem desse lugar privado e íntimo poderiam ser confundidas com prostitutas, o que era considerado o pior cenário para as senhoras de alta classe social no período colonial (Risério, 2015).

Ao analisar a história da criação das cidades, percebe-se que as mulheres nunca foram bem-vindas e, por muitas vezes, foram excluídas da vida urbana. Vale ressaltar que as mulheres são mais da metade da população brasileira, segundo levantamento do IBGE (2021), ou seja 51,1%. Portanto, pensar em políticas públicas, desenho e planejamento urbano sem pensar nas necessidades desse público, é ignorar pouco mais da metade da população.

Ademias, as mulheres são suscetíveis a violências em níveis diferentes em comparação com os homens, os corpos femininos ainda que não estejam mais sob o domínio masculino sofrem com a consequência do passado da dominação masculina. Essas se preocupam com as violências que podem ser cometidas contra seus corpos, como assédio, estupro, por exemplo, no seu cotidiano na cidade.

Isso se torna perceptível com a pesquisa realizada pelo Instituto YouGov, divulgada pelo Actionaid (2016) que evidencia que o Brasil é um dos países que lidera em números de assédio em espaços públicos. 86% das entrevistadas já sofreram assédio nas ruas e 79% afirmam que a má qualidade dos serviços públicos dificulta o acesso a oportunidades de trabalho e educação, além de favorecer casos de assédio, assalto e estupro.

Em caso de crimes de morte violentas, por sua vez, segundo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2021), no caso de feminicídios¹, o estado do Espírito Santo supera a média nacional, sendo a média do Brasil 1,2 e a do estado 1,8 a cada 100 mil mulheres. O Espírito Santo registrou 26 feminicídios em 2020 e 38 em 2021, ou seja, houve um aumento de 46%, de acordo com o Anuário Brasileiro da Segurança Pública realizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2022).

Vale ressaltar, no entanto, que é necessário analisar os dados de homicídio de mulheres no geral, pois em 2020 o Espírito Santo registrou 102 homicídios e em 2021, 107. Portanto, pode haver uma subnotificação dos registros na classificação dos dados de homicídio. Os dados deste anuário indicam, ainda, que, no Brasil, uma mulher é vítima de feminicídio a cada 7 horas, o que significa dizer que, ao menos 3 mulheres morrem por dia no Brasil por serem mulheres.

E por mais que as residências continuem sendo, sempre foram, o local em que as mulheres são mais vítimas de feminicídio 65,6% do total de crimes cometidos foi realizado na residência; no caso das demais mortes violentas, o principal local foi a via pública (37,0%) (FBSP, 2022). Este panorama revela a urgência de pesquisas e

¹ “A Lei 13.104, de 9 de março de 2015, qualificou o crime de feminicídio quando ele é cometido contra a mulher por razões da condição de sexo feminino. Considera-se que há razões de condição de sexo feminino quando o crime envolve violência doméstica e familiar e menosprezo ou discriminação à condição de mulher” (FBSP, 2022).

projetos com foco em gênero, no urbanismo, por exemplo, buscando criar espaços mais seguros e de acesso igualitário.

Tal realidade inibe a presença de mulheres no espaço público e restringe suas oportunidades de trabalho, educação e lazer. Portanto, as mulheres precisam aprender estratégias e táticas para lidar com o medo de ocupar espaços públicos, medo esse que lhes é ensinado mesmo com pouca idade e que é influenciado pela sociedade, família e pessoas próximas e que também contribui para limitar a privacidade e a liberdade devido à preocupação da violência urbana (Leão, 2022).

No entanto, as mulheres precisaram encontrar maneiras de ocupar a cidade para exercer suas funções cotidianas, tanto para trabalhar quanto para exercer atividades ligadas ao cuidado doméstico. Então, ainda que haja mudanças quanto a quem recai a responsabilidade pelo trabalho reprodutivo (cuidado da família e atividades domésticas), as mulheres ainda são as maiores responsáveis. E ocorre uma sobreposição, um acúmulo de atividades, pois, além do trabalho reprodutivo, são também responsáveis pelo trabalho produtivo, ou seja, remunerado fora de casa.

Sendo assim, vale ressaltar, que em seus momentos livres as mulheres acabam por desempenhar atividades domésticas, que não foram cumpridas por tempo. Quando frequentam os espaços públicos é para cuidar de algum dependente seja filhos ou idosos, então o lazer é de terceiros, seja seus filhos ou idosos (IPEA, 2015).

Ainda segundo pesquisa realizada pelo mesmo Instituto YouGov. em campanha feita pela “Cidades Seguras para as mulheres” Actionaid, 2016, as mulheres também foram questionadas sobre em quais situações elas sentiram mais medo de serem assediadas. As respostas foram ao andar pelas ruas, ao sair ou chegar em casa depois que escurece; e no transporte público.

Os caminhos são para inúmeros destinos e incluem idas e vindas a supermercados, lojas, farmácias, creches, escolas, postos de saúde, que acabam

desenhando um tipo específico de deslocamento no espaço (LIMA, 2016). Dessa maneira seus destinos e deslocamentos diferem dos homens que saem do trabalho para casa ou para lazer pós-expediente.

Vale destacar ainda, que a igualdade de gênero é uma pauta reconhecida pela Organização das Nações Unidas (ONU) em seu 5º Objetivo do Desenvolvimento Sustentável (ODS) na Agenda 2030: “Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas”. Além disso, o Objetivo 11 também reconhece a necessidade de acesso igualitário aos espaços públicos e a garantia da segurança, ao destacar que:

Até 2030, proporcionar o acesso universal a espaços públicos seguros, inclusivos, acessíveis e verdes, em particular para as mulheres, crianças e adolescentes, pessoas idosas e pessoas com deficiência, e demais grupos em situação de vulnerabilidade (ONU, 2015).

Em relação as lacunas de pesquisa, quando realizado um levantamento das produções acadêmicas, na plataforma de Teses e Dissertações da CAPES, das dissertações de mestrado, percebe-se que a temática ainda é incipiente. Tal levantamento encontra-se detalhado no Apêndice A. Esta busca utilizou do período de 10 anos, portanto de 2012 a 2022, e com palavras-chave como “mulher”, “cidade”, “gênero”, “espaço público”. Alguns autores focam na ocupação da mulher na cidade através dos padrões de deslocamento e sobre a mobilidade (Siqueira, 2015; Harkot, 2018; Lyra, 2016). Então, evidencia-se uma lacuna de pesquisa quando o tema é a ocupação feminina nos espaços públicos de lazer e as relações das mulheres com esses espaços. Durante o levantamento da revisão bibliográfica, por sua vez, dois nomes são destaque na literatura sobre o “Urbanismo Feminista”, cujo termo é recente e será mais bem elaborado nos capítulos seguintes. Muxí (2022) com seu livro *“Política e arquitetura: Por um urbanismo do comum e ecofeminista”* e Kern (2021), *“Cidade feminista: A luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens”*.

1.4 Procedimentos metodológicos

A metodologia e o recorte deste estudo serão apresentados brevemente neste subitem e encontram-se mais bem detalhados no Capítulo 4 MATERIAIS E MÉTODOS.

A pesquisa é de natureza aplicada, exploratória e descritiva, adotando uma abordagem quanti-qualitativa. Considera-se aplicada porque, conforme Gil (2016), busca responder a problemas práticos, com o objetivo de gerar soluções que possam ser utilizadas na prática social. Ele enfatiza que esse tipo de pesquisa visa a produção de conhecimento que contribua para o entendimento e a resolução de problemas reais, com implicações diretas na formulação de políticas públicas e na melhoria das condições de vida. A pesquisa também se caracteriza como exploratória, conforme Marconi e Lakatos (2017), por procurar investigar amplamente um fenômeno, identificando variáveis relevantes e proporcionando uma visão geral do tema. Essa abordagem permite conhecer melhor o objeto de estudo, mesmo que ainda não existam hipóteses formuladas de maneira precisa.

Além disso, a pesquisa possui caráter descritivo, segundo Gil (2016), pois se foca na descrição detalhada dos fenômenos observados, sem extrapolar para generalizações ou inferências além dos dados coletados diretamente. A pesquisa busca apresentar as características e comportamentos observados na prática, oferecendo uma visão clara e sistemática da realidade estudada. Por fim, embora adote uma abordagem qualitativa, voltada para a compreensão profunda das experiências e percepções das mulheres em relação ao espaço público, a pesquisa também integra elementos quantitativos, visando uma análise mais abrangente do comportamento das usuárias da praça.

Desta maneira o presente estudo foi dividido em quatro etapas metodológicas:

- 1) Construção do referencial teórico e metodológico;
- 2) Análise físico-morfológica;
- 3) Análise comportamental;

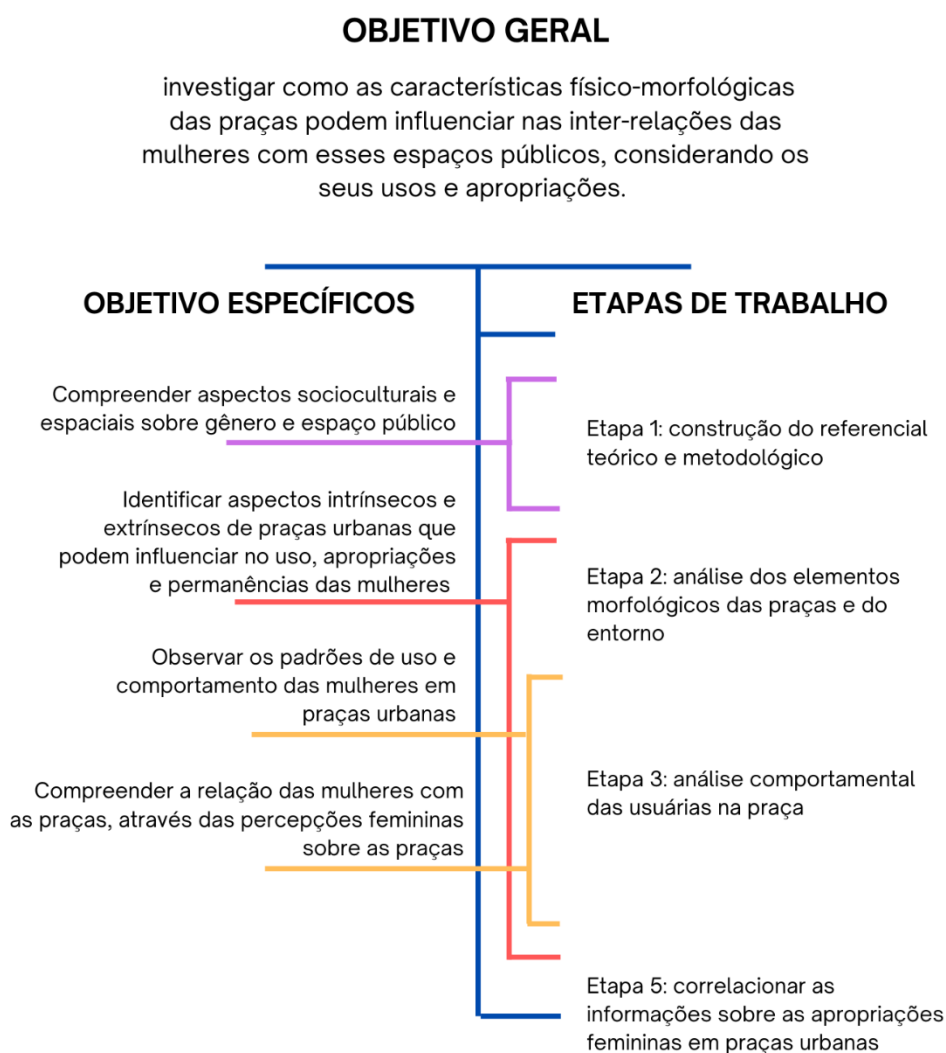
4) Análises gerais e correlações.

No contexto da pesquisa, foram selecionadas duas praças urbanas na cidade de Vila Velha, pertencente à região metropolitana da Grande Vitória (RMGV) no estado do Espírito Santo, como áreas de estudo. As praças estão localizadas em bairros residenciais com alta densidade populacional, porém em contextos socioeconômicos distintos. A primeira é a praça Agenor Moreira, situada no bairro Itapuã, na Região Grande Centro, e a segunda é a praça Haroldo Rosa, localizada no bairro Santa Mônica, na Região Grande Ibes, ambas no município de Vila Velha- ES. É relevante mencionar que ambas as praças passaram por reformas entre os anos de 2022-2023 e possuem uma área entre 2.500 e 3.000 m², além de características físicas e quantidade de equipamentos urbanos similares.

A escolha dessas praças visou investigar se aspectos da morfologia urbana em contextos socioeconômicos distintos podem influenciar na frequência das mulheres nesses espaços públicos. É importante ressaltar que, durante o período desta pesquisa, a Prefeitura Municipal de Vila Velha estava realizando reformas em várias praças da cidade. Portanto, buscou-se identificar praças que já haviam sido reformadas com um mínimo de 6 meses de antecedência, a fim de evitar influências nos dados de frequência de público.

A relação entre as etapas de trabalho e os objetivos específicos estão ilustradas no diagrama a seguir (Figura 1). A **primeira etapa** visa atender o objetivo específico a: “compreender aspectos socioculturais e espaciais sobre gênero e espaço público” realizado através de revisão bibliográfica a partir de livros, dissertações de mestrado, periódicos científicos indexados vinculados a área das ciências sociais aplicadas. Possui como principais referências os autores: Jacobs (2013), Gehl (2014), Lima (2015), Gonzaga (2011), Kern (2021), Montaner e Muxí (2022), dentre outros.

Figura 1 - Diagrama Metodológico



Fonte: autora, 2023

A **segunda etapa** visa atender o objetivo específico b: “identificar aspectos intrínsecos e extrínsecos de praças urbanas que podem influenciar no uso, apropriações e permanências das mulheres” através do levantamento de elementos morfológicos da praça e do entorno imediato. Com base na literatura foram levantados os elementos morfológicos tanto internos quanto externos à praça, nesta pesquisa nomeados por aspectos intrínsecos e extrínsecos. Partindo desse princípio, foram

elencados os seguintes elementos externos: uso do solo, tipologia das fachadas, hierarquia viária, tamanho das quadras; e densidade urbana

A **terceira etapa**, visando atingir o objetivo específico C, tem enfoque na análise comportamental das usuárias na praça. Nesta fase foram empregadas as técnicas de mapeamento comportamental para registrar os padrões de uso e comportamento das mulheres na praça (Gehl; Svarre 2018). Empregou-se, ainda, observações sistemáticas e registrou-se as atividades, interações e deslocamentos das mulheres no espaço. Para obter dados quantitativos sobre a presença e a distribuição das mulheres em diferentes áreas da praça utilizou-se da contagem de pessoas, considerando a faixa etária (Gehl; Svarre 2018). Ainda com base em Gehl e Svarre (2018) em seu livro "A vida na cidade: como estudar" outra ferramenta utilizada foi o diário de campo que é um registro das observações e fornece informações adicionais e nuances sobre as atividades no espaço público.

Ainda visando alcançar o objetivo específico c e d: "Compreender a relação das mulheres com as praças, através das percepções femininas sobre as praças", consiste em registrar a percepção das usuárias. Para tal, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as mulheres presentes nas praças (Apêndice B). Gil (2016) destacou que entrevistas semiestruturadas são uma das principais técnicas de coleta de dados qualitativos, pois permitiram uma abordagem flexível e profunda para explorar opiniões, comportamentos e percepções dos participantes.

O autor salientou que, ao adotar este método, foi possível obter informações mais detalhadas e contextualizadas, favorecendo a compreensão dos aspectos subjetivos das entrevistadas sobre o uso e a apropriação das praças. Além disso, essa etapa ofereceu a oportunidade de ouvir diretamente as mulheres que frequentam os espaços públicos, gerando novas perspectivas que puderam ou não corroborar com teorias existentes, enriquecendo a análise do fenômeno. Essa abordagem também contribuiu para subsidiar recomendações e tomadas de decisões futuras. A etapa foi concluída com a correlação das informações sobre as apropriações femininas nas praças urbanas da área de estudo.

Na **quarta etapa** “correlacionar as informações sobre as apropriações femininas em praças urbanas” o foco se voltou para a análise detalhada dos dados coletados anteriormente. Este estágio envolveu a organização e interpretação dos dados por meio de diversas técnicas, incluindo a criação de mapas, gráficos e tabelas. Essas ferramentas foram essenciais para identificar padrões, tendências e relações entre os diferentes aspectos da apropriação do espaço urbano pelas mulheres nas praças. Ao correlacionar as informações obtidas, buscou-se chegar a conclusões gerais que possam responder ao objetivo principal da pesquisa e fornecer insights significativos para o entendimento do fenômeno estudado. Este processo visou, assim, atingir o objetivo geral da pesquisa ao fornecer uma compreensão abrangente e fundamentada das dinâmicas de uso do espaço público por parte das mulheres.

Uma descrição mais detalhada das etapas de análise pode ser encontrada no Capítulo 4. **Materiais e Métodos**

2 MULHER NA CIDADE

Este capítulo traz um breve panorama do histórico do nexo mulher-cidade com intuito de compreender como esta relação se dá através do tempo. Reflete sobre a formação das cidades, o processo de urbanização, ao longo dos anos, e como as normas sociais patriarcais, historicamente exclui a participação feminina no âmbito público. Explora também o binômio público-privado para entender como a desigualdade de gênero pode se materializar no espaço da cidade. Aborda, com mais detalhes, como se dá a relação de gênero no espaço público, inicialmente, com um breve panorama histórico no contexto mundial e brasileiro de como as mulheres se relacionam com o espaço, inicialmente privado e pós-revolução industrial com o espaço público, com ressalvas a recortes raciais importantes vide a época colonial.

2.1 Cidade Sexista: Um breve histórico

A participação das mulheres na história é desvalorizada e, para invalidar a luta das mulheres, finge-se que seu protagonismo nunca existiu. A história, enquanto ciência, serve para preservar o passado e trazê-lo para o presente, a fim de aprender com os erros e evitá-los. No entanto, às mulheres é negado um passado, pois, somente a partir do século XX, começou a ser estudada sua história. A partir de então que se compreende que as mulheres sempre participaram e foram protagonistas da criação da civilização (Lerner, 2019). Antes deste período, os historiadores eram homens que registravam feitos de outros homens e definiram como a História universal, no entanto, a contribuição das mulheres foi negligenciada assim como sua interpretação sobre os fatos também (Lerner, 2019).

Lerner (2019) afirma que estes historiadores criam uma versão parcial do passado, pois omite a outra metade da humanidade, ou seja, é uma história distorcida pois há apenas um ponto de vista, o masculino. Então, para a autora, se não há antecedentes para se espelhar torna-se difícil pensar em alternativas para as condições impostas, e tal fato manteve as mulheres atadas a subordinação durante anos. Vale ressaltar o trabalho de historiadoras como a Gerda Lerner, pioneira na

pesquisa e ensino da história das mulheres a partir da década de 1963, assim como tantas outras acadêmicas que mostram a importância das mulheres, seu protagonismo e sua luta e resistência contra a subjugação.

O histórico da relação da mulher com a cidade, no contexto ocidental, é inconsistente e controverso, além de mudar conforme o espaço e tempo analisado. Ainda assim, há entre as cidades marcos importantes que datam desde a Revolução Industrial, mesmo que localizadas em contextos socioculturais distintos. Um desses é a divisão do trabalho, passando a existir uma distinção clara entre trabalho produtivo e trabalho reprodutivo e isso influencia, por consequência, na configuração espacial.

Tilly e Scott (1989), em seu trabalho *“Women, work & Family”*, analisam - considerando o período de transição da Revolução Industrial em países pioneiros como a França e Grã-Bretanha - a configuração social do trabalho e seus impactos na família, em especial nas mulheres. As historiadoras estadunidenses ressaltam que, em primeira instância, a atividade reprodutiva não era exclusiva das mulheres, ainda que no ocidente, esse papel tenha sido majoritariamente feminino e indissociável da maternidade.

Afirmam também que, antes da Revolução Industrial, as atividades principais desempenhadas pelas mulheres, nesses países, estavam ligadas a alimentação do grupo, seja através da plantação ou criação de animais ou seu preparo, ou no caso das habitantes do ambiente urbano, na compra de alguns suprimentos no mercado local (Tilly; Scott, 1989). O surgimento da indústria, ainda que inicial, dificulta a possibilidade de as mulheres realizarem, simultaneamente, as atividades reprodutivas e produtivas já que passa a existir uma separação no local onde cada uma é feita, além da dificuldade de se adequar ao ritmo fabril e seus horários extensos. Então, decorre uma “nova ênfase cultural no fato de a reprodução ser uma função exclusiva feminina” (Tilly; Scott, p. 8, 1989).

Desse modo, é estabelecida uma divisão sexual do trabalho: às mulheres o trabalho reprodutivo e não remunerado no espaço da casa; aos homens é destinado o papel de provedor através do trabalho produtivo e remunerado, além de ocuparem os espaços públicos e institucionais da política e do poder. Essa distinção de gênero, onde aos homens é atribuída a autoridade baseada em um determinismo biológico

que os sustenta nesta posição de poder, é como a sociedade capitalista e patriarcal se consolida e ao longo do tempo mantida por diversas justificativas e maneiras de autoafirmação. O alicerce principal estava enraizado na ideia binária de uma essência feminina e outra masculina, que define as características, habilidades naturais e imutáveis que divide em grupos e consequentemente suas atribuições na sociedade. Esta teoria serve para justificar que “o lugar do feminino era o ‘natural’ lugar na família, no doméstico construído em antinomia com os lugares dos homens, do masculino” (Aboim, p. 112-113, 2012).

Este lugar designado às mulheres passa a ser desafiado, principalmente a partir do crescimento das cidades, e a migração para os meios urbanos exigido pelo desenvolvimento fabril. A urbanista feminista Kern (2021), em seu livro *“Cidade feminista: a luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens”* retrata o panorama da Europa durante a Revolução Industrial e o crescimento acelerado das cidades que resultam em uma mistura de classes sociais, imigrantes, homens e mulheres. Kern (2021) revela que isso desafiava as normas da época, pois, a pureza das mulheres brancas de alta classe social deveria ser protegida, e ao estar na rua corriam o risco de serem confundidas com uma “mulher pública”, ou seja, prostituta (Kern, p. 15, 2021).

O pensamento comum a época era que a prostituição, ofício exercido sem pudor nas cidades, era uma ameaça para a família e uma tentação para os homens bons. Sendo assim, o campo e os subúrbios que estavam crescendo, servem como uma solução para manter a “segurança e respeitabilidade” para as mulheres brancas de alta classe social (Kern, p. 15, 2021). No período da Revolução Industrial, as mulheres necessitam trabalhar nas fábricas e isso causou um rebuliço, pois, passaram a ter uma mínima independência e menos tempo para as atividades do lar. Kern (2021) fala sobre a visão negativa que as mulheres pobres tinham por precisarem trabalhar e, portanto, não dedicar tanto tempo para as atividades domésticas era considerado um fracasso. Novamente as mulheres são culpadas pelas mudanças que vão contra o que as normas sociais e o conceito de família nuclear da época

consideraram natural. Aboim (2012) em sua tentativa de compreender a dicotomia entre público e privado afirma que:

[...] a sociedade industrial as mulheres foram progressivamente afastadas das atividades produtivas; apenas recentemente foram novamente incorporadas nessa esfera e, mesmo assim, de forma bastante desigual. A separação entre público e privado, florescente entre as camadas burguesas das cidades industriais do século XIX, serviu, de facto, para afastar homens e mulheres, delimitando-lhes espaços e funções sociais. Enquanto as qualidades ontologicamente atribuídas ao privado permaneceram associadas ao feminino e às suas propriedades maternais e afetivas, a esfera pública – da produção industrial e da cidadania política – ficou ligada ao masculino, reproduzindo-lhe a supremacia e o lugar de chefe de família (Aboim, p. 99, 2012).

Segundo Aboim (2012), a origem desta distinção entre o binômio “público-privado”, onde masculino está ligada a vida pública e feminino à vida privada, também está atrelada às cidades industriais, à expansão do capitalismo e à imposição do conceito de família burguesa do século XIX. Isto impacta nas relações sociais, e o conceito de “patriarcado” ou “família patriarcal” é utilizado, principalmente, após a década de 1970, para descrever a relação de opressão masculina sobre as mulheres (Del Priore, 2020). A socióloga brasileira Saffioti (2004) conceitua o patriarcado como um fenômeno social ligado ao contexto histórico, no qual as mulheres são os objetos da opressão impostas pelos homens como grupo social. Saffioti (2004) elucida que a opressão é resultado da soma de dominação e exploração, sendo as mulheres vistas, portanto, pelos seus dominadores, como força de trabalho, reprodutoras de prole e objetos sexuais,

Ainda neste contexto, da época vitoriana na Europa, Kern (2021) fala sobre como a crescente presença das mulheres na rua era uma ameaça aos valores sociais, pois as de alta classe podiam ser confundidas com as pobres ou a “mulher pública” (eufemismo para profissional do sexo). Devido a esta preocupação, a autora elucida que as mulheres passaram a sair acompanhadas por homens como maridos, pais ou irmãos ou então por mulheres mais velhas para reafirmarem sua posição social. Ainda que houvesse a constante reafirmação que a cidade não era seu lugar, existia um anseio pela liberdade e independência.

A solução da época foi criar espaços públicos adequados às mulheres, esses ligados ao consumo, como as lojas de departamento de Paris, em 1870 (Kern, 2021).

Tais galerias foram um marco, pois, é uma concessão para que as mulheres conquistem o espaço público, porém, não parte da ideia de dar maior independência a elas, mas, principalmente, devido a necessidade por consumidores na sociedade capitalista. Kern (2021) fala ainda sobre como a industrialização exigia além da produção e o trabalho exaustivo, o incentivo ao consumo, desta maneira, os homens estão ligados à produção e às mulheres ao consumo.

A autora mostra que a mudança desafia o lugar da mulher na cidade que antes era apenas o privado da casa, e passa a ser, também, no espaço masculino que é o público da rua, então, para amenizar esta discrepância tanto as ruas quanto as lojas que elas frequentariam, precisariam se adequar ao padrão de feminilidade (Kern, 2021). Novamente a intenção foi de proporcionar às mulheres burguesas um espaço seguro de acordo com as normas sociais sobre feminilidade. Para proteger a reputação das mulheres, em vista da sua inevitável presença no espaço público - ambiente visto como pertencente aos homens, onde circulam mulheres pobres e profissionais do sexo – elas deveriam andar acompanhadas e frequentar setores da cidade designados a elas.

Vale ressaltar que as mulheres ao utilizar o espaço público da rua não desafiavam necessariamente os papéis de gênero da época, pois as compras estavam associadas ao cuidado do lar ou com a aparência (Kern, 2021). Esta lógica influencia diretamente no processo de urbanização e reverbera na atualidade, pois:

“No sistema capitalista, tudo é transformado em mercadoria. Tudo tem valor de troca e de uso [...] As cidades também são espaços de consumo e para consumo” (Gonzaga, p. 27, 2011).

Então, o fato de que o espaço urbano que a mulher passa a frequentar seja um lugar de compras está ligado ao sistema que necessita de novos consumidores. Torna-se claro, ao se adaptar lojas ao conceito do que é feminino, pois a intenção não é de desafiar os paradigmas, mas de alimentar este sistema sem gerar grandes mudanças ao pensamento da sociedade da época.

Em “*The invisible flâneur*” publicado em 1992, Elizabeth Wilson analisa a distinção entre a aparição pública de homens e mulheres no contexto urbano europeu do século XIX, e a ambiguidade da metrópole. O homem burguês frequentava as ruas,

teatros, cafés e o que mais houvesse a sua disponibilidade. As mulheres, no entanto, raramente lhes era concedida tal liberdade. O aparecimento desta figura literária, o *flanêur*, surge com destaque nas palavras de Charles Baudelaire, é um sujeito espectador da cidade que busca se fundir a massa da multidão (Kern, 2021). Este ícone urbano estava atrelado ao surgimento das metrópoles, especialmente Paris e possui esta abertura para percorrer a cidade, habitar seu âmago e permanecer invisível, no entanto. O *flanêur* anda sem rumo, porém, atento em busca de inspiração e do acaso. Para o ato de flunar exercício contemplativo, é imprescindível a capacidade de se fazer para aqueles que caminham na rua, portanto, “o *flanêur* sempre foi imaginado como um homem, para não se mencionar aquele que seja branco e saudável” (Kern, p.42, 2021).

As mulheres dificilmente conseguiriam passar despercebidas pela multidão das ruas repletas de homens. Eram vistas como intrusas, especialmente, nas metrópoles lugar propício à promiscuidade. Então, as mulheres que quisessem manter sua reputação de pura deveriam se resguardar em casa longe dos olhares masculinos. Wilson (2013) retrata a discussão sobre conter a prostituição na tentativa de higienizar o espaço público, em Londres. No entanto, as leis escritas para regular e inibir tal atividade reincidiam na linha tênue de cercear a circulação de todas as mulheres, pois, uma vez que nas ruas, poderiam ser vistas como “mulheres públicas”. Na visão da autora, a prostituição era “uma metáfora para a desordem e o transtorno das hierarquias naturais e instituições da sociedade” (Wilson, p. 45, 2013). Então, surge um motivo para a criação e imposição destas leis que acabaram afetando a todas as mulheres.

Há quem argumente, porém, que a *flanêur* feminina sempre existiu nomeando-a de *flanêuse*. Estes escritores apontam para a Virginia Woolf, por exemplo, em seu ensaio “Assombros na rua: uma aventura em Londres” de 1930, no qual a narradora enquanto caminha pelas ruas de Londres vislumbra pensamentos na mente de estranhos (Kern, 2021). Woolf (apud Kern, 2021) neste ensaio escreve “esconder-se é o maior dos prazeres; rua assombrada no inverno, a maior das aventuras.” Em um

de seus diários Woolf escreve: “andar sozinha em Londres é o maior descanso” o que faz pensar que tenha encontrado maneira de se distanciar do olhar da multidão, encontrando alguma quietude (Woolf p.8, 1977, apud Kern, 2021).

A autora estadunidense Elkin (2016) utiliza do termo *flanêuse* como uma versão feminina da figura do *flanêur*, a mulher que percorre as cidades e reflete sobre o cenário urbanos. Elkin (2016) evidencia que este termo e definição não existia em francês e que muitos escritores não acreditavam ser possível uma correspondência feminina para o conceito de *flanêur*. No entanto, Mello e Ribeiro (2011) acreditavam que sim, existiu esta figura, pois:

As atividades e oportunidades do flunar pelas ruas da cidade eram privilégios do homem, ainda que sempre tenham existido mulheres – na arte, na fotografia, na literatura – que desafiavam imposições sociais e saíam pelas cidades para andar, observar e pesquisar (Mello e Ribeiro, p.4, 2011).

Ainda assim, as autoras retratam que a figura da *flanêuse* era associada a prostituição, pois pelo visto somente as prostitutas teriam essa liberdade de vagar pelas ruas da cidade. Elkin (2016) refuta esta ideia, pois, as prostitutas não possuíam esta liberdade de fato, pois seus movimentos eram alvo de constante vigilância nas ruas, e em meados do século XIX havia diversas leis definindo precisamente onde e em quais horários podiam encontrar os homens. Além disso, Elkin (2016) comenta que até suas vestimentas eram policiadas e que precisavam se registrar na prefeitura e ir frequentemente a polícia sanitária, portanto, não podia chamar isto de liberdade. Mello e Ribeiro (2020) acrescentam que:

“A existência das flâneuses foi invisibilizada durante muitos anos na história do caminhar pelas cidades, e foi-se construindo uma ideia do flunar contada pelos homens, por meio de uma visão masculina.” (Mello e Ribeiro, p. 4, 2020)

Por mais que as mulheres estivessem ocupando mais o espaço público, Wilson (2013) reconhece que na cidade do século XIX elas sofriam com a opressão e a exploração. Ainda que houvesse, no século XIX, a ideia geral de que as mulheres não poderiam frequentar certos espaços públicos, isto não era inteiramente verdade, pois

algumas tinham permissão de acesso, conforme enfatizado por Wilson (2013) no texto a seguir:

Com o aumento das vagas em escritórios para mulheres, foram necessárias, por exemplo, casas de alimentação onde elas pudessem ir sozinhas e com conforto. A falta desses estabelecimentos em Londres já havia sido pressentida. Em 1852, um observador notou que as mulheres da classe operária frequentavam casas públicas, locais onde ninguém da classe média se sentia confortável. Por volta de 1870, os guias turísticos começavam a listar os locais em Londres onde as damas poderiam convenientemente almoçar quando estivessem na cidade para um dia de compra e desacompanhadas de um cavalheiro (Wilson, p.52, 2013).

Haja visto que o espaço urbano é, segundo Wilson (2013), construído com base nas diferenças de gênero, as mulheres não estão apenas em desvantagem, mas são excluídas e, acrescenta ainda que “a cidade é um espaço contraditório e móvel do qual as mulheres podem se apropriar” (WILSON, 2013, p. 54). Ainda neste debate sobre as implicações positivas e negativas da presença das mulheres na cidade, é preciso analisar outras questões pois “no século XIX e hoje, as oportunidades eram e são mais afetadas pela classe e pela afiliação étnica” (Wilson, p.54, 2013).

Mello e Ribeiro (2011), portanto, refletem que devido as inconsistências na história, não se pode generalizar as experiências sobre o flunar das mulheres tanto no século XIX como no século atual, pois, a experiência da *flaneuse* não é igual para todas nem antes nem agora. As autoras advertem, também, que pensar no espaço das mulheres na cidade é preciso levar em conta o contexto como a rua, a cidade e o país de análise além de articular questões raciais e de classe.

Vale ressaltar, portanto, que esta realidade não se aplica a todas as mulheres. É necessário, ao estudar gênero, compreender que há outras questões sociais como raça ou etnia, classe social, idade, dentre outras que influenciam na forma como as pessoas experienciaram e experienciam o mundo. Com o intuito de compreender como essas relações se dão, teóricos consagraram o termo “interseccionalidade”, que passa a ter maior importância e aceitação no século XX, período de mudanças sociais (Collins, 2022).

Teóricas como Collins e Bilge (2020), nomes importantes do feminismo negro, buscam para além de uma definição genérica, compreender a ramificação da “interseccionalidade”, principalmente como ferramenta analítica e catalisadora da ação social. Sendo assim, uma das formas de enxergar o termo é representado na citação a seguir de Collins e Bilge (2020):

O uso da interseccionalidade como ferramenta analítica aponta para várias dimensões importantes do crescimento da desigualdade global. Primeiro, a desigualdade social não se aplica igualmente a mulheres, crianças, pessoas de cor, pessoas com capacidades diferentes, pessoas trans, populações sem documento e grupos indígenas. Em vez de ver as pessoas como uma massa homogênea e indiferenciada de indivíduos, a interseccionalidade fornece estrutura para explicar como categorias de raça, classe, gênero, idade, estatuto de cidadania e outras posicionam as pessoas de maneira diferente no mundo (Collins e Bilge, p.40, 2020).

É nesta ótica que se faz importante trazer paralelos da vivência das mulheres não brancas na cidade, pois:

“[...]enquanto algumas mulheres precisavam ser protegidas da desordem conturbada da cidade, outras mulheres precisavam de controle, reeducação e talvez até banimento” (Kern, p. 15, 2021).

A literatura popular da época retratava os povos nativos como “selvagens” que cometiam atrocidades contra as mulheres brancas, sob a justificativa de protegê-las estes povos foram eliminados das cidades. As mulheres indígenas, por sua vez, representavam perigo para a urbanização neste sistema colonizador, pois seus corpos poderiam reproduzir a “selvageria” a ser contida pelos colonizadores. Kern (2021) discorre sobre as relações de poder nas sociedades indígenas e como essa violência cometida contra esses povos fez parte da urbanização:

Eles também ocuparam posições importantes de poder cultural, político e econômico em suas comunidades. Tirar as mulheres indígenas desse poder impondo a família patriarcal europeia e os sistemas de governo e, ao mesmo tempo, desumanizar as mulheres indígenas como primitivas e promíscuas lançou bases para os processos legais e geográficos de expropriação deslocamento. Assim, a degradação e a estigmatização das mulheres indígenas faziam parte do processo de urbanização (Kern, p.17, 2021).

No contexto brasileiro, no entanto, a relação com os povos originários foi ainda mais complexa devido a colonização, pois, com a chegada dos colonizadores não havia mulheres europeias suficientes para a formação de famílias, então, como uma

das soluções, os europeus juntaram-se às mulheres indígenas (Del Priore, 2020). Isso ocorreu, segundo Del Priore (2020), até a chegada de um novo grupo, os africanos escravizados.

Ainda que não haja registros de mulheres como chefes de tribo, as mulheres africanas tiveram posição de poder e foram chefes de clãs e vilarejos antes de serem trazidas ao Brasil. A autora afirma que houve uma soma da bagagem de tradições patriarcais dos povos africanos com as do que já estavam aqui, brancos e indígenas e criaram esta cultura.

A família, portanto, marca o início da colonização e juntamente com a tradição patriarcal portuguesa e a colonização agrária e escravista resultam no patriarcalismo brasileiro (Del Priore, 2020). A perspectiva da autora sobre as mulheres diante deste contexto é:

No seio da sociedade patriarcal, quer acompanhadas, quer sós, as mulheres não apenas assumiam tarefas na divisão de trabalho; na casa ou na rua, elas se sustentavam. Com filhos e agregados, caminhavam com as próprias pernas, criando, gerando e distribuindo riqueza. Sua história está tanto nos grandes gestos de rebeldia contra maridos, amantes ou senhores quanto nas pequenas habilidades e astúcias com que construíam seu cotidiano. Coitadas? Não. Empreendedoras, guerreiras e sobreviventes, ainda que aparentemente submissas ao modelo patriarcal que, como visto, tinha muitas brechas (Del Priore, p. 100, 2020).

É necessário compreender, portanto, o contexto dos países latino-americanos pois a colonização e a escravidão trouxeram uma realidade diferente do contexto europeu. Ainda assim, o Brasil no início do século XIX, a elite espelhava seu comportamento no estilo de vida da aristocracia portuguesa e um conjunto de ideias europeias que passou a ser aplicadas no Brasil colônia (D'Incao, 1997). A intenção, segundo a pesquisadora, era a busca por ser “civilizado” assim como eram os europeus. Portanto, transforma-se os panoramas dos espaços que antes não tinham muitas regras de ocupação, pois, todas as interações sociais que não condiziam com a ideia de ser civilizado eram combatidas. Dessa maneira, há maior vigilância sob o comportamento feminino:

A mulher da elite passou a marcar presença em cafés, bailes, teatros e certos acontecimentos da vida social. Se agora era mais livre – “a convivência social dá mais liberdade às emoções” –, não só o marido ou o pai vigiavam

seus passos, sua conduta era também submetida aos olhares atentos da sociedade (D'incao, p.228, 1997).

Vale ressaltar a dificuldade encontrada por Soihet (1997) em pesquisar as mulheres no Brasil durante o período da *Belle Époque* (1890-1920), pois só a partir da década de 1960, as mulheres e escravizados passam a ser considerados sujeitos da história. A pesquisadora da história das mulheres no Brasil, em seu artigo “Mulheres pobres e violência no Brasil urbano” corrobora com D'incao (1997) ao afirmar que as mulheres eram pressionadas a ter um comportamento pessoal e familiar de acordo com o que era desejado. De acordo com Soihet (1996), ainda que as mulheres ricas mesmo sendo estimuladas a passeios nas ruas e locais como teatros e casas de chá, sempre deveriam estar acompanhadas.

Enquanto isso, Soihet (1996) apota a realidade das mulheres pobres que precisavam estar nas ruas para trabalhar e sobreviver e ao mesmo tempo vigiar suas filhas das tentações das ruas. A consequência foi repressão seguida pela resistência das mulheres ao continuar frequentando as ruas. Soihet (1996) atribui essa repressão a presença das mulheres nas ruas à tentativa de afrancesar a cidade, ou seja, mais uma maneira de importar padrões de comportamento. As mulheres mais pobres resistiam as normas, pois para a autora:

Ocorre que esse processo não se desenrolou sem uma efetiva resistência dos membros das camadas populares, inclusive da parcela feminina, que disputava, palmo a palmo, o seu direito ao espaço urbano. Deve-se ter em mente que para muito a rua assumia ares de lar onde comiam, dormiam e extraíam o seu sustento. Também era nos largos e praças que as mulheres costumavam reunir-se para conversar, discutir ou se divertir, da mesma forma que se aglomeravam nas bicas e chafarizes, não raro, brigando pela sua vez. Em grande proporção responsáveis pela manutenção da família, a liberdade de locomoção e de permanência nas ruas e praças era vital para as mulheres pobres, que cotidianamente improvisavam papéis informais e forjavam laços de sociabilidade (Soihet, p. 366-367, 1997).

É necessário fazer esta análise de gênero pensando, também, classe e raça, tendo em vista que as mulheres negras antes mesmo da abolição da escravidão já eram vistas circulando pelas ruas. Risério (p. 215, 2015) mostra a realidade desta população ao afirmar que “elas eram obrigadas a batalhar, quando escravas, para tentar comprar a própria alforria e, já libertas, para se sustentar e à sua família”.

Segundo a arquiteta e urbanista brasileira Raquel Rolnik (1989), os escravizados iam e vinham dos mercados e realizavam seus afazeres, portanto a rua também representava o território ocupado pela população escravizada. Relata, ainda, que as mulheres negras eram quituteiras, ou quitandeiras, nos mercados, ou seja, trabalhadoras que andavam pelos espaços públicos da cidade. No Brasil colônia, Del Priore (2020) afirma que:

Pelos logradouros, oferecendo serviços, circulavam as negras de tabuleiro vendendo comida e miudezas de todo tipo. Efervescência e ebulição, negociação e conflitos permitiam a mulheres livres, libertas e escravas circular, ganhar, perder e viver (Del Priore, p.93-94, 2020).

A autora acrescenta, ainda, que de acordo com estudos recentes as mulheres forras vinham logo abaixo dos homens brancos em condições de juntar fortuna na colônia. Inclusive formando elite econômica do comércio e com seus bens materiais conseguiam equilibrar melhor as relações de poder. Risério (2015) agrega ao debate ao afirmar que algumas mulheres negras se tornaram senhoras em casarões onde tinham sido escravizadas previamente, mas que eram exceção à regra. O autor discorre ainda a disparidade entre as raças, pois, a realidade das mulheres brancas era o enclausuramento (com pouquíssimas exceções), enquanto das mulheres negras era ao contrário viviam na rua.

Risério (2015) concorda, no entanto, ao apontar a relevância das mulheres negras em eventos de importância cultural, seja envolvidas ou mesmo no comando. Ao refletir sobre a ocupação das mulheres nas ruas brasileiras é então imprescindível reconhecer a importância dessa ocupação e suas maneiras de resistência, pois, estas mulheres escravas ou alforriadas tinham papel fundamental não somente nas ruas, mas na economia da nação.

Ao analisar as similaridades com a visão das mulheres no continente europeu, é perceptível que no contexto brasileiro, a conotação negativa da “mulher pública” é análoga, pois “a dicotomia entre a vida pública e a privada tornou necessária a figura da prostituta” enquanto ela está na rua, a mãe de família está em casa (Del Priore, p. 177, 2020).

Existia um estigma quanto esta figura pois na tradição cristã, desde os o Brasil colônia, “a prostituta estava associada à sujeira, ao fedor, à doença, ao corpo putrefato

– e era esse sistema de correlação que estruturava sua imagem, desenhava o destino da mulher voltada à miséria e à morte precoce” (Del Priore, p. 183, 2020).

No Brasil, também, tivemos a participação significativa das mulheres como mão de obra fabril, em especial nas primeiras décadas do século XX. As condições de trabalho, porém, eram insalubres e as operárias enfrentavam salários mais baixos, assédio sexual e o preconceito advindo de seus companheiros (Del Priore, 2020).

2.2 Relações urbanas domínio masculino e exclusão feminina

Em 1960 e 1970 aparecem conceitos dentro da teoria feminista, que são essenciais para a compreensão das relações de opressão e do desenvolvimento desigual da sociedade. Um deles é “gênero”, a frase célebre de Simone de Beauvoir (2016, p.10) “ninguém nasce mulher, torna-se mulher” refuta a ideia precedente de que existe uma condição biológica, ou psíquica atrelada ao sexo, e gênero passa a ser compreendido como um produto social.

Segundo a antropóloga Teresa Del Valle (1997), o conceito de gênero é como um aglomerado de ideias, experiências e interpretações que servem de ferramenta para a sociedade na construção de estereótipos e divisão de funções. Estas ideias estereotipadas surgem na maneira como as pessoas são vistas e percebidas e até agrupadas de maneira deliberada, de acordo com características como sexo, que é limita este grupo econômica, social e politicamente e permite o domínio e a manipulação (Del Valle, 1997). Segundo Saffioti (p. 45, 2004), feministas divergem na ênfase a determinado aspecto de gênero, mas convergem em um consenso: “o gênero é a construção social do masculino e do feminino.”

Sendo assim, as funções desempenhadas por cada um na sociedade são determinadas por estas definições de gênero, ou “ser mulher” ou “ser homem”, então a construção da essência feminina ou masculina designa seu papel baseado em características sociais construídas. Esta por sua vez, afeta diretamente na relação do

sujeito com a cidade, à medida que se institui direitos e prioridades nos espaços (Montaner e Muxí, 2014).

Gillian Rose, geógrafa britânica, diz que durante o cenário de urbanização europeu, entre os séculos XVII XVIII, a divisão de papéis de gênero se intensifica. As mulheres, seguindo a geógrafa, eram vistas como criaturas frágeis e passivas sob um ponto de vista da biologia, portanto não estariam preparadas para enfrentar os perigos da rua, então deveriam ser mantidas em casa onde estariam protegidas e dedicadas as tarefas do lar, longe dos trabalhos remunerados da esfera pública masculina e, principalmente, dos espaços de decisão política.

Este debate sobre gênero e suas definições é essencial para a compreensão dos espaços, tendo em vista que evidencia a divisão do espaço público enquanto masculino e espaço privado, ou doméstico como âmbito feminino. É um discurso que parte de um esforço de tornar coletiva a ideia de naturalizar qualidades masculinas e femininas com intuito de atrelar ao gênero as possibilidades de acesso à cidade e ao aspecto político e social que isto implica direta e indiretamente. Vale ressaltar que o binômio público-privado auxilia a compreender e explicar as relações sociais e espaciais entre mulheres, homens e a cidade, no entanto, pode ser um conceito generalista, ao pensar nas possibilidades de definições atribuídas a estes conceitos.

Ainda assim, é uma ideia socialmente aceita, pois existe a atribuição do cuidado, seja com a família, crianças, e atividades domésticas, ao universo feminino e restrito ao âmbito privado, ou seja, da casa e por consequência responsabilidade das mulheres. Esta associação ainda é latente, ainda que a figura da mulher ao espaço *privado* e da figura masculina ao *público* não seja indissociável e exclusivo de cada gênero no espaço. Esta, porém, revela consequências por ser a referência da sociedade dos padrões de comportamento.

A socióloga portuguesa Aboim (2012) discorre sobre essa ideia de público-privado associada ao gênero, e inicia sua análise destacando que a distinção entre “público” e “privado” varia historicamente e não tem fronteiras precisas, ou seja, não é um fenômeno único, mas uma forma de organização da sociedade ocidental. Aboim (2012) revela que o feminismo tende a associar o âmbito privado à família e o público, por sua vez, ao âmbito político e econômico na tentativa de explicar a ordem de

desigualdade de gênero. A autora explicita que este conceito mostra a diferença entre homens e mulheres e como são reproduzidas no espaço e excluindo as mulheres do espaço público.

Autores como Arendt (1959) possuem uma visão negativa da priorização do privado em detrimento do público, pois, pode acarretar efeitos negativos a erosão do público. Para Arendt a diferenciação de público-privado vem da Grécia Antiga, pois a família e a vida doméstica tinham diferenciação clara da *polis*, local de liberdade e decisão política. A erosão desta distinção, para a autora, por sua vez, remonta a Roma Clássica, pois o conceito de “público” é redefinido de espaço de decisão partilhado para um local de soberania absoluta concentrado em uma pessoa. Sendo assim, a visão de Arendt sobre espaço público está estritamente ligada a ideia deste como espaço público e democrático. Aboim (2012), em sua análise, ressalta que o crescimento exagerado do âmbito privado e da individualização, causada pela dissociação de laços sociais, é preciso ser visto sob outra perspectiva, pois:

[...] a crítica da tese de ascensão desmesurada do privado, cuja progressão seria responsável pela erosão das barreiras entre público e privado e pelo desenvolvimento de uma cultura individualista orientada para o bem-estar pessoal e uma intimidade livre, não regulada. Maior individualização, sentimentalização e desinstitucionalização haveriam então de minar as diferenciações de gênero que emanavam do coletivo familiar patriarcal, dando finalmente lugar à expressão dos desejos e das vocações individuais. Pelo contrário, como procurámos advogar, é pelo reforçar público, seja político, jurídico ou normativo, do princípio filosófico de igualdade que, mesmo sofrendo reveses e contratemplos, se têm feito conquistas em direção à materialização da equidade em termos de gênero (Aboim, p. 112, 2012)

A socióloga faz uma interpretação do debate levantado pelos movimentos feministas e reconhece que acertam ao trazer à tona as desigualdades presentes nas sociedades ocidentais. O feminismo contribui, portanto, para “desconstruir visões do público e privado como esferas neutras”, a desigualdade de gênero permeia ambos os espaços, ademais o binômio público-privado é *generificado* (Aboim, p. 106, 2012). Dessa maneira, argumentam, também a necessidade de enxergar o privado como espaço de desigualdade, pois, na construção política das sociedades houve uma desvalorização do privado.

Autora argumenta, também, que no Ocidente, a democratização política é responsável por mudanças na vida privada ao estender a ideia de liberdade individual pautada na igualdade um princípio da cidadania, para a esfera privada e quebrando algumas fundações legais da dominação masculina. O outro lado disto, porém, é o controle do comportamento individual na vida privada, com normas sociais ou mesmo leis que tem o aval do Estado. A esse respeito, Saffioti (2004) argumenta que há uma noção geral de que a primazia masculina pertence ao passado, e que a desigualdade atual é fruto do patriarcado que não existe mais.

Segundo a autora, o que acontece de fato é que assim como outros fenômenos sociais, o patriarcado está em constante transformação, tendo em vista que na Roma Antiga, por exemplo, o patriarca tinha poder pautado em lei de vida e morte sobre esposa e filho, no contexto jurídico atual isto não existe mais. Homens, porém, continuam matando suas parceiras, e seu julgamento é pautado no sexismo e a vítima, muitas vezes, se torna réu, ou seja, sofre julgamentos diversos sobre sua conduta (Saffioti, 2004).

Para além desta questão, o sistema patriarcal faz parte da formação das cidades e age como um regime opressor que subjuga as mulheres. Ademais, esta origem de dominação masculina auxilia a compreender a injusta divisão sexual do trabalho, diferenciação entre a esfera pública e privada, assim como a inferiorização do trabalho doméstico e dos direitos reprodutivos (Silva et al., 2017). Através deste sistema os homens têm poder para “dispor do corpo, do tempo, da energia de trabalho e da energia criativa das mulheres” (Biroli, 2018, p.9), além de sustentar a divisão sexual do trabalho mantendo a mulher como subalterna (Saffioti, 2004).

Esta divisão na sociedade contemporânea, segundo Biroli (2018), está em constante mudança e ocorre de modo mais coletivo que individual. A casa deixa de ser o único local de opressão e questões como renda, tempo livre, sexualidade e participação política afeta as mulheres. Biroli (2018) argumenta que a divisão sexual do trabalho é um elemento crucial na produção da hierarquia de gênero e que não

afeta todas as mulheres homogeneamente, pois é preciso uma compreender a perspectiva de gênero contextualizada com classe e raça.

Ademais, a tradição de buscar o confinamento feminino ao ambiente doméstico juntamente com a forma na qual as cidades estão organizadas impactam no deslocamento das mulheres, reduz e inibe seu acesso ao lazer, cultura e conhecimento, podendo sua criatividade e as limitando a papéis que de alguma forma as mantém subordinadas ao homem (Calíó, 2017).

O patriarcado influencia também o planejamento das cidades ao incentivar a crescimento horizontal da malha urbana, ou seja, o espraiamento da cidade e a consequente priorização do veículo, pois, não contabiliza as necessidades de outros grupos. Kern (2021) elucida que os principais tomadores de decisão são em sua maioria homens que fazem escolhas desde política econômica urbana ao planejamento de moradias, da localização de escolas ao transporte público sem se preocupar como afetam a vida cotidiana das mulheres. Como aponta a autora:

A cidade foi criada para apoiar e facilitar os papéis tradicionais do gênero masculino e estabelecendo as experiências dos homens como “regra”, com pouca consideração de como a cidade cria bloqueios para as mulheres e ignora seu contato diário com a vida urbana. Isso é o que quero dizer com “cidade dos homens (Kern, p. 19, 2021)

Esse mesmo sistema relegam as mulheres a responsabilidade pelos trabalhos reprodutivos que são insuficientemente remuneradas ou sem remuneração alguma, portanto as torna mais dependente financeiramente dos homens, alimentando o processo de feminização da pobreza e a manutenção de domínio sob seus corpos.

Saffioti (2004) argumenta que o sistema capitalista é sustentado por uma economia doméstica ou organizada domesticamente, que mantém a ordem patriarcal. É um ciclo em que é incentivado que assumam o trabalho doméstico e de cuidado da família, enquanto estimulam o consumo desenfreado de bens e serviços “femininos” que muitas vezes vem da exploração do trabalho de outras mulheres (Del Valle, 1997).

Ainda que estejam mais inseridas no mercado de trabalho, as mulheres ainda recebem menos que os homens. Quanto à quantidade de horas despendidas no

trabalho, percebe-se que além do trabalho remunerado, há ainda aquele não remunerado de cuidado com os afazeres, com as crianças e idosos.

Tendo em vista que, a proporção de mulheres nas tarefas domiciliares é essencialmente maior que a participação dos homens. Além disso, quanto aos cuidados como ler, jogar ou brincar, cuidados pessoais, transportar ou acompanhar na escola, médico, exames as mulheres continuam sendo as maiores responsáveis (IPEA, 2018).

Ademais, as mulheres continuam sendo maioria nas atividades que exigem cuidados com crianças, idosos e pessoas com deficiência, de forma remunerada ou não. Além de serem maioria no trabalho informal, como vendedoras ambulantes e catadoras de materiais recicláveis (IPEA, 2015). De acordo com o IPEA (2018), em 2018, as mulheres têm rendimento em média 20,5% menor que os homens.

É essencial, ainda, analisar que a desigualdade de gênero impacta, diferentemente, as mulheres, pois as necessidades não são homogêneas. A desigualdade mantém-se, historicamente, ainda maior com as mulheres negras, por exemplo, tendo empregos com menor rendimento, como o trabalho doméstico. No Brasil, o emprego doméstico ainda é a ocupação de 18% das mulheres negras e 10% das mulheres brancas (IPEA, 2018).

As mulheres de classes mais baixas enfrentam maiores obstáculos pela falta de acesso à informação como na profissionalização. E o que mais dificulta sua condição de mulher é a dupla jornada, por vezes triplas no caso das mães. E além desse fator determinante, é mais grave a situação da mulher negra. Os cargos ocupados por elas são em maioria no mercado informal, ou seja, vendedoras domiciliares, camelôs, faxineiras, costureiras e ainda no mercado de prostituição, tráfico e crime organizado (Gonzaga, 2011).

A vivência do medo ou da sensação de insegurança é um fenômeno universal e intrínseco à vida urbana, como argumentado por Jacobs (2011), e está diretamente relacionada à maneira como percebemos os espaços públicos. A sensação de perigo ou ansiedade, relacionada à possibilidade de sofrer violência ou atos de violação contra bens ou corpo, é comum a todos os habitantes de uma cidade, independentemente de gênero. No entanto, é mais intensamente experimentada pelas mulheres. Segundo Bauman (2008)

“o medo é o nome que damos à nossa incerteza: nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito – do que pode e do que não pode – para fazê-la parar ou enfrentá-la” (Bauman, p. 88, 2008).

Conforme mostra a pesquisa realizada pelo Instituto YouGov. em campanha feita pela “Cidades Seguras para as mulheres” (ACTIONAID, 2016) os principais tipos de assédio sofridos em espaço público, dentre as mulheres entrevistadas: 77% das participantes sofreram por “assobio”, 74% por “olhares insistentes”, 57% por “comentários de cunho sexual” e 39% por “xingamentos”. Metade das mulheres entrevistadas no Brasil afirma já ter sido seguida nas ruas, 44% tiveram seus corpos tocados, 37% disseram que homens se exibiram para elas e 8% foram estupradas em espaços públicos, desconsiderando as subnotificações (ACTIONAID, 2016).

As mulheres vivenciam a cidade sob limitações de mobilidade delineadas por sensações de segurança e insegurança, resultando em um cotidiano permeado por medo e/ou excesso de cuidado. Del Valle (1997) oferece a perspectiva de que a cidade mais atraente para as mulheres é aquela do período diurno, onde essas delimitações são menos imprecisas, permitindo que elas se sintam mais seguras e se desloquem com maior liberdade, mesmo que determinadas áreas possam provocar maior rejeição.

Para as mulheres, em linhas gerais, a liberdade de movimento e ação seguem parâmetros estabelecidos, sendo permitidas desde que estejam dentro do escopo do cumprimento de suas responsabilidades domésticas e do papel central que devem

desempenhar nesse contexto. Em outras palavras, trata-se de uma liberdade no espaço público controlada e dominada pelo poder masculino, aceita e permitida apenas quando transparece e cumpre as obrigações associadas ao conjunto de atribuições às quais as mulheres estão vinculadas no ambiente privado. Ao desviar-se da norma, seja através da vestimenta, atividade ou sexualidade, essa liberdade é questionada (Del Valle, 1997).

Criar uma cidade segura para as mulheres implica na construção de espaços seguros para todos, uma vez que compreender a experiência feminina na cidade significa também compreender a de crianças, idosos e as funções que esses grupos desempenham (Freitas, 2019). Conhecer as narrativas existentes e as resistências é fundamental para valorizar essas experiências como instrumentos de potencialização e construção de uma cidade mais democrática, reduzindo desigualdades de gênero, classe e raça (Monteiro, 2019).

Ressignificar os espaços com base nas percepções individuais, independentemente do gênero, é crucial. Reconhecer a sexualização dos corpos e suas diversas manifestações é fundamental para promover a criação de empatia, abandonando a imposição de hierarquias culturais (Montaner E Muxí, 2014). Cada intervenção ou presença, seja ela individual ou coletiva, tem o poder de transformar e questionar o espaço; são os eventos e as ações que possibilitam a reflexão e revelam novas possibilidades.

3 ESPAÇO PÚBLICO: POLÍTICA, FUNÇÃO E GÊNERO

O espaço público é mais do que apenas um cenário físico onde interações sociais acontecem; é um palco multifacetado onde a política, função e gênero se entrelaçam de maneiras complexas e significativas. Neste capítulo, exploraremos as diversas dimensões do espaço público sob essas lentes, destacando sua natureza política como local de contestação e expressão cívica, sua função vital como elemento central na vida urbana e, crucialmente, sua interação dinâmica com questões de

gênero e identidade. Ao mergulhar nesse contexto multifacetado, buscamos compreender não apenas o papel fundamental que o espaço público desempenha na construção e redefinição das nossas cidades, mas também como ele reflete e molda relações de poder, inclusão e pertencimento em nossas sociedades contemporâneas. Neste capítulo, ainda, serão abordadas e compiladas estratégias para reduzir a desigualdade de gênero e criar espaços públicos mais inclusivos, pensando nas necessidades das mulheres.

3.1 A dimensão política do espaço público

O espaço público, enquanto área de convivência coletiva, não é apenas um cenário neutro de interações sociais, mas sim um local onde se manifestam disputas de poder e controle. A apropriação e regulamentação do uso desses espaços frequentemente refletem as relações de poder presentes nas dinâmicas urbanas e sociais. Nesse contexto, o espaço público pode ser entendido como um campo político, onde as questões de quem pode acessar, ocupar e moldar esses espaços estão profundamente conectadas às estruturas de poder vigentes.

As cidades, então, são cenários de um contínuo processo de negociação, em que diferentes grupos sociais disputam e reivindicam sua presença e influência nos espaços públicos. Para as mulheres, essa dinâmica se torna evidente, pois a sua presença e mobilidade nesses espaços muitas vezes são limitadas por normas sociais, culturais e pela falta de políticas públicas adequadas. Assim, o espaço público não é apenas um local de sociabilidade, mas também um reflexo das desigualdades de gênero e das relações de poder que permeiam a sociedade.

Essa visão de espaço como um campo de disputa é amplamente discutida por autores como Lefebvre (2015), que em sua obra *“O Direito à Cidade”* afirma que a cidade não é apenas um produto físico, mas um reflexo das relações sociais, das interações e dos conflitos entre diferentes grupos. O autor destaca que a vida urbana é fortemente influenciada pelo espaço físico, mas que é nas transformações desse espaço que se revelam as disputas e as tensões políticas que marcam a cidade. Para

Lefebvre (2015), a cidade deve ser vista não apenas como um ambiente, mas como um produto social e político, onde as diferenças e os confrontos de ideias emergem, especialmente nos espaços públicos. O espaço público, portanto, não é apenas o local de convivência, mas também o palco de confrontos ideológicos e de disputas sobre o direito de apropriação e participação.

Segundo Lefebvre (2015):

“a vida urbana pressupõe encontros, confrontos das diferenças, conhecimentos e reconhecimentos recíprocos (inclusive no confronto ideológico e político) dos modos de viver, dos ‘padrões’ que coexistem na cidade” (Lefebvre, p.14, 2015)

No espaço público, portanto, a presença coletiva é essencial, revelando-se como o palco para os desafios enfrentados pela comunidade. É um cenário de conflitos e reflexões da vida social, mas também é um ambiente propício para diálogos e debates. Enquanto Lefebvre (2015) nos convida a entender o espaço público como um campo de disputas políticas, Milton Santos (2006) amplia essa perspectiva ao tratar do espaço como um elemento intrinsecamente ligado às interações sociais. Para o autor, a cidade é um espaço socialmente construído, que vai além da sua dimensão física. Ele argumenta que o valor do espaço não é intrínseco, mas emerge das interações humanas que nele acontecem. Segundo o autor, o espaço é formado e ganha valor e sentido através da relação entre objetos e ações humanas, o que evidencia a importância da sociabilidade para a constituição e a função do espaço público.

A cidade, portanto, é um espaço socialmente construído que ultrapassa a dimensão física. Em *“A natureza do espaço”*, Milton Santos (2006) aborda a relação inseparável entre o objeto e seu uso; para ele, o espaço não possui valor por si só, tornando-se apenas uma paisagem vazia sem conteúdo. O valor social emerge quando entrelaçado com as interações humanas. Santos define o espaço como um conjunto de objetos interligados às ações humanas, destacando que é dessa interação que suas características surgem.

A reflexão sobre a inseparabilidade entre o objeto e seu uso pode ser estendida ao contexto dos espaços públicos, em particular as praças urbanas, onde as interações sociais são fundamentais para a definição do valor e da função desses espaços. Como o autor destaca, o espaço só adquire significado quando interage com as ações humanas, formando-se a partir das dinâmicas de apropriação e uso que nele acontecem. Essa perspectiva nos leva a considerar que a configuração física de praças urbanas e suas características intrínsecas e extrínsecas podem influenciar profundamente o modo como são vivenciadas, negociadas e, portanto, apropriadas pelos seus usuários.

Sob essa ótica, o espaço público se revela em sua capacidade de reunir indivíduos de diferentes origens e interesses. Nesse sentido, ele se torna um campo de ação e interação, onde o político se desvela não apenas através da presença física, mas, principalmente, através das relações que ali se estabelecem. Ele não é apenas um lugar passivo, mas um espaço ativo e dinâmico, onde as diferentes perspectivas sociais e políticas podem se confrontar, criar e reconstruir significados, como nos aponta Hannah Arendt (1999), ao tratar do espaço público como um ambiente essencialmente democrático e de sociabilidade.

Seguindo essa linha de pensamento, o espaço público não se define apenas como uma extensão física, mas como um cenário ativo e dinâmico onde a ação e a interação política se tornam essenciais. Para Arendt (1999), o espaço público é o lugar da liberdade política, onde os cidadãos podem se reunir, interagir, expressar e formar opiniões. Esse espaço é, fundamentalmente, onde a visibilidade dos indivíduos se constrói: através da ação e do discurso, eles se tornam visíveis e reconhecíveis uns para os outros, o que é crucial para a construção de uma esfera pública verdadeiramente democrática.

Essa concepção enfatiza o caráter intrinsecamente democrático do espaço público, entendendo-o como um local onde as diferenças podem coexistir e ser confrontadas, criando um ambiente de sociabilidade e participação. Esse espaço não é isolado, mas um ponto de encontro onde os indivíduos de diferentes grupos sociais

têm a oportunidade de expressar suas perspectivas e interagir, estabelecendo um campo de diálogo e disputa, que é essencial para a formação e redefinição do coletivo.

O espaço público é entendido como um local onde a liberdade de ação é garantida, permitindo que os cidadãos se envolvam ativamente na vida pública, longe das imposições do poder privado ou das estruturas formais (Arendt, 1999). Essa liberdade de ação, portanto, cria um ambiente em constante transformação, onde as relações podem ser redefinidas, e os conflitos podem ser resolvidos por meio do diálogo e da negociação

Campbell (2015) acrescenta uma camada importante ao debate de como o espaço público também é um produto das dinâmicas sociais e históricas. Para Campbell, o espaço público é o cenário onde as ações coletivas e individuais moldam a história e, ao mesmo tempo, como o espaço modela as relações sociais. Em consonância com a perspectiva de Lefèbvre, a autora afirma que “primeiro nós moldamos a cidade, e então ela nos molda”, evidenciando a relação interdependente entre as ações humanas e os espaços que habitamos (Campbell, 2015, p.30-31).

Esse processo de moldagem não ocorre de maneira neutra: como Campbell (2015) observa, os espaços públicos, ao refletirem as interações humanas, também são moldados pelas relações de poder e pelas desigualdades sociais presentes na cidade. A ausência de priorização da livre circulação de pessoas e ideias em muitas cidades reflete essa dinâmica, com os espaços públicos sendo estruturados de acordo com hierarquias que determinam padrões de uso e de apropriação, muitas vezes excluindo certos grupos sociais ou restringindo suas interações. Nesse contexto, os espaços públicos não são apenas lugares de convivência, mas também de contestação e de reafirmação de poder.

Ainda sob a ótica de Lefèbvre (2015), a plena utilização dos bens urbanos representa uma forma de democracia direta, onde os cidadãos podem não apenas usufruir do que a cidade oferece, mas também moldá-la em prol do bem comum. Essa concepção aponta para um direito à cidade que transcende o acesso físico,

englobando a capacidade de transformar o espaço urbano para atender às demandas sociais coletivas. Entretanto, como observa Serpa (2014), os espaços públicos, ao serem lugares eminentemente sociais, tornam-se também reflexos das relações de produção e de poder que estruturam a vida urbana.

As desigualdades e hierarquias sociais se articulam nesses espaços, definindo padrões de apropriação que frequentemente criam barreiras, tanto simbólicas quanto materiais, para determinados grupos sociais. Se torna evidente, portanto, que o ambiente urbano não é neutro, mas uma expressão das relações de poder que estabelecem normas e limites, configurando opressões que se materializam de maneiras variadas no espaço e que se intensificam conforme os acúmulos de vulnerabilidades (Monnet, 2013).

Dessa forma, o espaço público se revela não apenas como um local de interação e sociabilidade, mas também como um palco onde as disputas por visibilidade, inclusão e transformação urbana se desenrolam, reafirmando as estruturas de poder ou, potencialmente, subvertendo-as em busca de maior equidade.

As diferenças presentes no modo de acessar e vivenciar o espaço urbano, marcadas por pertencimentos a distintas camadas socioeconômicas, culturais, étnicas etc. trazem à tona uma reflexão essencial sobre o direito à cidade. Embora muitas vezes abordado como “universal”, este direito não deve ser entendido sob uma lógica padronizada. Pelo contrário, deve ser reconhecido em sua pluralidade, considerando os desejos e necessidades específicas de cada grupo social, a fim de criar um conceito em construção verdadeiramente inclusivo.

Embora o espaço público seja frequentemente exaltado como um ambiente intrinsecamente democrático e inclusivo, na prática, sua valorização é frequentemente eclipsada pela crescente priorização de espaços privados. Essa inversão de prioridades reflete mudanças nas dinâmicas urbanas, onde a privatização do espaço e a segmentação social tendem a enfraquecer o ideal de acesso igualitário.

3.2 Vitalidade urbana e o papel dos espaços livres de uso público

Essa desvalorização do espaço público em detrimento de espaços privados têm impactos profundos na vitalidade urbana. A vitalidade, entendida como a qualidade que torna os espaços públicos dinâmicos, diversos e socialmente vibrantes, depende diretamente da presença ativa e contínua de uma ampla gama de usuários (Jacobs, 2014; Gehl, 2014). Contudo, a negligência em relação aos espaços públicos reduz seu uso coletivo, criando ambientes menos acolhedores e menos propícios à convivência democrática.

Os espaços livres de uso público desempenham um papel central na vitalidade urbana, oferecendo locais para interação social, lazer e diversidade de experiências. Contudo, o esvaziamento e a desvalorização dessas áreas, agravados pela priorização de espaços privados em muitas cidades contemporâneas, têm enfraquecido sua função essencial. A vitalidade urbana, frequentemente associada à diversidade de usos e à acessibilidade, depende diretamente da capacidade desses espaços de atrair diferentes grupos sociais e promover ambientes dinâmicos e inclusivos.

A qualidade de um espaço urbano, portanto, pode ser evidenciada pela forma como é apropriado. A maneira como as pessoas utilizam e se apropriam de um determinado espaço na cidade é indicativa da sua relevância na dinâmica urbana. Para Leitão (2002), a apropriação do espaço está relacionada aos comportamentos humanos que geram uma relação afetiva ou simbólica com o ambiente, destacando que cada espaço da cidade possui uma utilidade e usos específicos que definem como as pessoas interagem com ele.

A apropriação do espaço público não ocorre de maneira uniforme ou espontânea; é influenciada por fatores como acessibilidade, segurança, diversidade

de usos e, sobretudo, vitalidade. Jacobs (2014) argumenta que a vitalidade de um espaço público está intrinsecamente ligada à diversidade de usos e à presença de diferentes grupos sociais. Para ela, a mistura de atividades e o fluxo constante de pessoas tornam os espaços públicos mais seguros e dinâmicos, promovendo interações ricas e espontâneas. A vitalidade urbana, nesse sentido, não é apenas uma característica desejável, mas um indicador da saúde e da funcionalidade da cidade.

Complementando essa perspectiva, Gehl (2014) descreve a "cidade viva" como aquela que acolhe e incentiva a movimentação e a permanência das pessoas em seus espaços livres. Ele observa que a qualidade física e visual desses ambientes é determinante para criar uma atmosfera convidativa. Para o autor, os espaços livres não apenas refletem a vida comunitária, mas têm o potencial de fomentá-la, oferecendo um cenário que favorece encontros, convivência e trocas sociais.

Além disso, a apropriação desses espaços depende de sua capacidade de tornar a vida urbana mais dinâmica e interativa. Gehl (2014) destaca que a presença constante de pessoas em espaços públicos, como praças, pode transformar esses locais em centros de sociabilidade, que, ao mesmo tempo, atendem às necessidades de lazer e proporcionam oportunidades de interação e convivência. Essa perspectiva também é complementada por Alexander (1977), que afirma que espaços projetados para oferecer conforto, segurança e acessibilidade tendem a ser mais apropriados e valorizados pela comunidade, uma vez que favorecem interações espontâneas e naturais.

Ambientes bem projetados, que consideram as necessidades humanas de forma prática e emocional, criam uma sensação de acolhimento que facilita o uso contínuo e o engajamento das pessoas (Alexander, 1977). Nesse contexto, espaços de qualidade não só atraem os indivíduos, mas também incentivam um uso dinâmico e social, essencial para a vitalidade urbana. Ao proporcionar um local de encontro, esses espaços promovem a interação social, tornando-se parte ativa da vida cotidiana da comunidade (Alexander, 1977).

Esse vínculo entre apropriação, experiências e vitalidade é especialmente evidente em espaços livres de uso público, como praças urbanas. Segundo Leitão (2002), diversos fatores influenciam as funções desses espaços:

- a) Características do entorno: a função urbana do espaço, do entorno imediato e de seu raio de influência;
- b) Características socioeconômicas: a praça pode suprir a necessidade de lazer e diversão de uma comunidade
- c) Características simbólicas: a importância do espaço para a memória coletiva e individual.

Esses fatores, entre outros, definem a forma como a praça se relaciona com o ambiente urbano e seu contexto, criando condições que podem favorecer ou limitar sua apropriação pela comunidade. Nesse sentido, a diversidade de usos no entorno de um espaço público emerge como um elemento central para sua vitalidade. Quando uma praça é circundada por edifícios e atividades variadas, que funcionam em diferentes horários, o espaço não apenas ganha atratividade, mas também promove uma sensação de segurança, sustentada pela presença constante de pessoas e pela vigilância natural que essa circulação proporciona (Jacobs, 2014).

Além das condições externas, a forma como os indivíduos percebem e se relacionam com os espaços públicos desempenha um papel igualmente importante. Cada praça possui características únicas que a tornam significativa para a população que a frequenta, gerando um senso de identidade e pertencimento (Gomes, 2007). Em comunidades com baixa renda, onde os lotes são pequenos e a densidade populacional é alta, a praça frequentemente assume o papel de refúgio, funcionando como um ponto de encontro e interação com a vizinhança. Nesse contexto, ela se torna um elemento essencial para a vida social local, oferecendo não apenas oportunidades de lazer e convivência, mas também uma resposta às necessidades fundamentais da comunidade.

Outro fator essencial para a utilização do espaço público é a sua qualidade, tanto no aspecto físico quanto na articulação com o tecido urbano. Alex (2008) destaca que o convívio social nas praças está intimamente ligado às oportunidades de uso e acesso, sendo fundamentais tanto o desenho interno da praça quanto sua conexão com o entorno, como ruas e tráfego adequados. Para ele, a articulação entre esses elementos é crucial para a função original da praça no contexto urbano.

Esse conceito de interação entre o espaço interno e externo também é refletido na pesquisa de Whyte (1980), que observou que as praças mais usadas eram aquelas que ofereciam áreas de sociabilidade e uma variedade de espaços que atendiam diferentes necessidades, como locais para encontros sociais, opções de assento e acesso adequado. Em sua pesquisa sobre a relação das pessoas e os espaços urbanos, com foco no uso das praças nos Estados Unidos, ele percebeu que as praças mais usadas tinham:

- a) Locais onde as pessoas se encontram, há pessoas em grupos, ou seja, um local de sociabilidade;
- b) Locais onde tende a ter concentração maior de mulher que homens;
- c) Locais onde casais de namorados usam com mais frequência, ainda que não sejam sempre percebidos devido a busca por áreas mais reservadas;
- d) Locais que se dividem em vários setores, ou seja, onde há variação de uso de lugar para lugar de acordo com as estações do ano;
- e) Locais cuja maior atração são as próprias pessoas que tendem a se agrupar perto dos locais onde há atividades;
- f) Locais com condições de acesso e opções para sentar-se, que segundo o autor vai contra o que acreditam os políticos e arquitetos que focam na forma, tamanho ou design.

Além disso, a qualidade do espaço público, como discutido anteriormente, exerce impacto direto na sua utilização e apropriação pela população. Para que essa qualidade seja efetiva, ela deve estar associada à segurança e inclusão, especialmente para os grupos mais vulneráveis. Pensar na cidade contemporânea implica, portanto, criar espaços inclusivos e seguros, considerando que o direito à cidade é universal. Nesse contexto, Bauman (2009) observa que, à medida que os vínculos comunitários se perdem, a solidariedade é substituída pelo individualismo e pela competição, o que resulta em espaços urbanos mais desiguais e excluídos.

A consequência desse processo é a vivência de um contexto urbano marcado pela insegurança e pelo medo, o que Bauman (2009) descreve como uma percepção do espaço público através de um filtro, denominado pela cultura do medo. Nesse contexto, o 'estrangeiro'—aquilo ou quem é desconhecido—passa a ser visto como uma ameaça, promovendo o distanciamento do convívio comunitário. A “*mixofobia*” emerge, e a tendência é evitar os espaços públicos em busca do refúgio e da segurança oferecidos pelo espaço privado. A perda de vínculos comunitários, segundo o autor, alimenta o individualismo e enfraquece o sentido de pertencimento à cidade.

Na obra 'O Declínio do Homem Público: As Tirantias da Intimidade', Richard Sennett (1974) aborda o declínio do espaço público em favor do espaço privado. Ele argumenta que o espaço público inibia a sociabilidade, sendo mais espaços de passagem do que de permanência, o que levava ao isolamento das pessoas. O autor explora a relação entre vida pública e privada de forma aprofundada, situando-a no contexto das mudanças culturais e socioeconômicas dos séculos XVIII e XIX, destacando o esvaziamento da esfera pública.

A ascensão do capitalismo e a ênfase no sucesso individual contribuíram para uma cultura mais narcisista, na qual as pessoas estavam mais preocupadas com suas realizações individuais do que com a participação ativa na esfera pública. Para

Sennett, esse esvaziamento ocorre devido à emergência de uma nova cultura urbana capitalista e a uma sociedade intimista, originada de uma cultura narcisista na qual as pessoas restringem suas interações sociais a círculos com os quais se identificam.

O reflexo disso na arquitetura são edificações voltadas para o interior que ignoram o contexto urbano no qual estão inseridas e que se assemelham a fortalezas, o que Caldeira (2003) nomeia de “enclaves fortificados” como os condomínios fechados, *shopping centers* e escritórios corporativos. Lima (2015) complementa a referida característica de ocupação introspectiva, com o conceito de “ilhas utópicas” que segregam em áreas homogêneas de padrão de vida e monetário, semelhantes aos espaços públicos – praça de alimentação, ruas com lojas – mas que pelo contrário, não é de acesso a todos e inibe quem não tem poder de compra.

Como resultado da proliferação dessas edificações muradas, ocorre o rompimento das relações socioespaciais com os espaços públicos, levando ao seu esvaziamento e consequente redução de uso. Além disso, outro fator que contribui para esse processo de negligência dos espaços livres de uso público são as infraestruturas viárias que priorizam o automóvel. Ao observar a cidade, percebe-se a ênfase no planejamento voltado para o veículo automotor, com a presença predominante de grandes avenidas, enquanto os pedestres são relegados a espaços mal planejados e desprovidos de conforto.

3.3 A Praça na Cidade: Função e Significado

A função da praça sempre foi central na organização urbana, com raízes profundas no contexto histórico das civilizações antigas. Desde a Ágora grega até o Fórum Romano, esses espaços públicos livres desempenhavam um papel crucial na vida cotidiana, sendo locais de encontro, discussão e manifestação coletiva. Esse padrão se mantém na sociedade contemporânea, com a praça moderna preservando sua essência como espaço de sociabilidade e de interação pública. Assim como a ágora ocupava um lugar de destaque no tecido urbano da Grécia, a praça segue sendo um espaço vital para a convivência e o exercício da democracia na cidade atual.

Na Antiguidade, espaços como a Ágora e o Fórum desempenhavam papéis centrais na vida urbana, atuando como locais multifuncionais que articulavam diferentes aspectos da convivência e organização social. A Ágora, por exemplo, era o coração das cidades gregas, onde se concentravam atividades comerciais, políticas, religiosas e sociais, consolidando-se como um espaço essencial para a dinâmica comunitária.

Mais do que um local de encontro, ela simbolizava liberdade, expressão cívica e vitalidade urbana. Da mesma forma, o Fórum romano desempenhava funções semelhantes, reafirmando a centralidade dos espaços públicos na configuração e no funcionamento das cidades (Benévolo, 2003; Mumford, 1998). Caldeira (2007), ao retomar essa perspectiva, reforça a ideia de que a praça, tanto na Grécia quanto em Roma, era o centro vital da cidade, consolidando-se como espaço de maior importância para as comunidades da época.

Na cidade medieval, a praça manteve um papel central na interação social, sendo também fortemente associada ao mercado, que desempenhava um papel essencial como espaço público para as trocas comerciais. Diferentemente do planejamento arquitetônico mais elaborado da Antiguidade, essas praças eram, em grande parte, espaços vazios no tecido urbano, adaptados às necessidades imediatas da comunidade (Lamas, 2004). Foi nesse período que começaram a emergir os elementos que dariam origem ao conceito da praça europeia, consolidado no Renascimento, quando esses espaços alcançaram um auge em termos de planejamento urbano e expressão cultural.

Durante a Idade Média, a praça era frequentemente caracterizada como um espaço vazio dentro do tecido urbano, exercendo funções básicas de interação social e comércio. Com o Renascimento, no entanto, esse espaço público passou a ganhar uma relevância maior, integrando-se ao planejamento das cidades de maneira mais estética e funcional. Conforme Sitte (1992):

“Na vida pública a Idade Média e da Renascença houve uma valorização intensa e prática das praças da cidade e uma harmonização entre elas e os edifícios públicos adjacentes” (SITTE, p.30, 1992).

Nesse contexto, a praça renascentista destacou-se como um elemento fundamental na organização das cidades europeias. Lamas (2004) descreve essa transformação ao afirmar que:

“A praça é entendida como um recinto ou lugar especial, e não apenas um vazio na estrutura urbana. É o lugar público, onde se concentram os principais edifícios e monumentos – quadro importante da arte urbana. A praça adquire valor funcional e político-social, e também o máximo valor simbólico e artístico. É a praça o elemento básico da energia e criatividade do desenho urbano e da arquitetura. A praça é também cenário, espaço embelezado, manifestação de vontade política e de prestígio” (Lamas, p. 176, 2004).

Durante a Idade Média, a praça era frequentemente caracterizada como um espaço vazio dentro do tecido urbano, exercendo funções básicas de interação social e comércio. Com o Renascimento, no entanto, esse espaço público passou a ganhar uma relevância maior, integrando-se ao planejamento das cidades de maneira mais estética e funcional. A praça renascentista destacou-se como um elemento fundamental na organização das cidades europeias, com uma crescente preocupação com a harmonia entre as praças e os edifícios adjacentes, como destaca Sitte (1992), que observa a valorização das praças e a busca por uma integração visual e funcional mais coesa entre os espaços urbanos.

No contexto brasileiro, a evolução das praças reflete uma adaptação a novos tempos e realidades. Caldeira (2007) explora a transformação das praças desde o período colonial até a era modernista, analisando como esses espaços públicos foram moldados por diferentes influências culturais e arquitetônicas, variando tanto em sua forma quanto em suas funções e simbolismos ao longo do tempo. A autora atribui a origem da praça brasileira às cidades coloniais, onde a praça não só simbolizava a organização do espaço urbano, mas também o caráter coletivo da sociedade colonial.

Esse espaço, além de ser um ponto de encontro social, também refletia a hierarquia e as relações de poder do período. Com as transformações

socioeconômicas a partir do século XIX, especialmente no contexto das reformas urbanas na Europa, as praças nas cidades brasileiras passaram por mudanças significativas, adaptando-se às novas dinâmicas sociais e à crescente urbanização. As influências europeias, especialmente as reformas modernistas, começaram a moldar a configuração das praças nas grandes cidades brasileiras, alterando suas funções e sua estética.

O processo de modernização urbana no Brasil, influenciado pelas reformas urbanísticas europeias no final do século XIX, buscava, entre outros objetivos, melhorar a salubridade e o embelezamento das cidades. Segundo Robba e Macedo (2010), essas reformas se refletiram em um movimento de embelezamento urbano na Inglaterra e França, que impactou diretamente o Brasil, especialmente na transição das cidades coloniais para as republicanas.

Essas transformações focaram na criação de grandes avenidas e bulevares, alterando a escala urbana e a função do espaço público, com destaque para a valorização do verde na paisagem, um aspecto fundamental das reformas no século XX. Caldeira (2007) destaca que essa nova escala urbana representou um rompimento com o modelo tradicional de cidade, levando ao esvaziamento do espaço público em sua forma mais antiga e comunitária. O século XX consolidou essas mudanças, ampliando o foco nas questões de circulação e salubridade, enquanto ainda buscava tornar as cidades mais esteticamente agradáveis e funcionais.

Nesse contexto, as praças começam a apresentar mudanças em seu aspecto formal, sendo marcadas pela introdução de jardins. Segundo Caldeira (2007, p. 137), "a partir do séc. XX, o modelo de praça ajardinada passa a predominar na composição dos espaços urbanos". Robba e Macedo (2010) destacam que esse novo modelo de praça representa um marco histórico para os espaços públicos brasileiros, pois altera sua função dentro da cidade, introduzindo uma estética e um uso diferenciados.

Com o advento do urbanismo modernista, observa-se uma fragmentação urbana que reflete diretamente no espaço público. A setorização por funções,

característica desse modelo urbanístico, impacta a forma como as praças são concebidas e utilizadas. Caldeira (2007) ressalta que essa divisão funcional resulta em praças que muitas vezes perdem sua função integradora e se tornam espaços subordinados às novas lógicas urbanas:

“a praça afirma seu caráter de espaço setorizado, fragmentando-se na configuração de centros cívicos, de espaços de lazer esportivo, cultural e contemplativo, espaços de deslocamento e de passagem, e espaços simbólicos, cristalizados na idéia da praça- cenário” (Caldeira, p. 401, 2007)

Em síntese, as transformações urbanísticas ocorridas entre o final do século XIX e início do século XX provocaram uma profunda reconfiguração das praças enquanto símbolos urbanos. Segundo Caldeira (2007), esses espaços, antes centrais e voltados à interação social, passaram a assumir uma configuração fragmentada, marcada por jardins e canteiros arborizados, refletindo a nova escala das cidades e o impacto de modelos urbanos voltados à circulação de veículos.

O crescimento urbano no século XX e a priorização do automóvel acentuaram o distanciamento da praça em relação ao cotidiano da cidade, tornando-a menos acessível e dificultando sua apropriação para usos cívicos ou de lazer. Esse processo resultou em uma mudança significativa no papel das praças, que deixaram de ser um ponto de articulação social. Durante os primeiros anos do século, parques e praças ainda desempenhavam um papel importante como opções de lazer, embora com foco quase exclusivo nas atividades de contemplação. No entanto, a crescente adaptação das cidades ao automóvel alterou a relação entre os espaços livres e seus edifícios adjacentes, fazendo com que a praça passasse a ser valorizada mais por sua função estética do que por sua contribuição para a interação social (Robba; Macedo, 2002).

O urbanismo modernista influenciou profundamente o design das praças, transformando-as em espaços abertos e de grande dimensão, mas, muitas vezes, desvinculados do cotidiano urbano. Camillo Sitte (1992) critica o movimento modernista, justamente, por suas propostas de espaços urbanos amplos e desarticulados, sem levar em consideração a experiência humana e a interação social. Ele acredita que as praças devem ser espaços cuidadosamente projetados para

estimular o encontro e a convivência, ao contrário das grandes avenidas e espaços abertos típicos do modernismo, que ele via como impessoais e sem alma.

A partir de meados do século XX, passou a ser incorporado ao desenho de praças e parques a integração do lazer ativo, com atividades esportivas e recreativas, refletindo uma nova abordagem em função desses espaços. Com o adensamento urbano e a expansão das cidades, surgem novas demandas para o espaço público, que passa a atender também à necessidade de lazer, destacando-se o lazer ativo enquanto função principal. Assim, a praça moderna não apenas preserva, mas amplia sua importância como um elemento urbano essencial, adaptado às exigências de uma população crescente (Caldeira, 2007).

No final do século XX, novas abordagens de projeto, baseadas na liberdade de forma e linguagem, emergiram, promovendo espaços mais flexíveis e multifuncionais, passíveis de uso diverso pela população (Robba; Macedo, 2002). Entre essas inovações, destacam-se as iniciativas voltadas ao uso comercial e de serviços, bem como à circulação de pedestres, exemplificadas pela criação de esplanadas. Essas mudanças resgatam a tradição colonial dos largos, onde os estabelecimentos comerciais desempenham um papel central, funcionando como pontos de convergência social e comercial.

Nesse contexto, a praça mantém sua função primordial como um espaço de convivência social. Contudo, ela adquire novas características, morfológicas, simbólicas e funcionais, de acordo com o contexto histórico e social. Como afirma Alex (2008):

“simultaneamente uma construção e um vazio, a praça não é apenas um espaço físico aberto, mas também um centro social integrado ao tecido urbano” (Alex, p. 23, 2008).

No cenário urbano contemporâneo, as praças são frequentemente espaços livres de uso público, com características ambientais, como áreas verdes, e continuam desempenhando funções de lazer, convivência e até estruturais na cidade. Embora não haja consenso entre os autores sobre um conceito único, Robba e Macedo (p.17,

2003) definem as praças como “espaços livres públicos urbanos destinados ao lazer e convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livres de veículos”.

Além de oferecer uma oportunidade para atividades ao ar livre, as praças desempenham um papel crucial como áreas verdes e reguladoras do microclima urbano. A presença de vegetação e arborização não apenas valoriza a paisagem, mas também torna esses espaços mais atrativos e adequados para diversas atividades. No entanto, essa função ambiental, embora importante, não caracteriza completamente o papel das praças na cidade. De acordo com Robba e Macedo (2003), as praças contemporâneas se destacam por três valores fundamentais: ambiental, funcional, estético e simbólico. Esses valores são indissociáveis das múltiplas funções que esses espaços desempenham, reforçando a importância das praças não apenas como locais de lazer, mas também como elementos essenciais para a qualidade de vida nas cidades.

O valor ambiental das praças se refere à sua capacidade de melhorar a ventilação e a insolação, controlar a temperatura e contribuir para a drenagem por meio de superfícies permeáveis, funções essenciais no contexto urbano contemporâneo. As praças também possuem um valor funcional, pois são consideradas a principal opção de lazer urbano, oferecendo espaços para atividades ao ar livre, socialização e recreação. No que tange aos valores estéticos e simbólicos, as praças se integram ao cenário e à paisagem urbana, tornando-se elementos significativos na identidade do bairro, rua e comunidade em que estão inseridas. Esses aspectos não só conferem às praças um caráter multifacetado, mas também reforçam sua importância como pontos de convergência social e cultural na cidade.

3.4 Urbanismo sob perspectiva de gênero

O urbanismo tradicional, com seu foco em soluções arquitetônicas e urbanísticas centradas nas necessidades e comportamentos masculinos, têm historicamente negligenciado as demandas específicas das mulheres. As cidades, ao

longo do tempo, foram moldadas de maneira a refletir as funções e mobilidades predominantemente masculinas, sem considerar a diversidade das formas de vivência urbana. Contudo, o entendimento da cidade como um espaço inclusivo e multifacetado, que respeite as necessidades de todos os seus habitantes, exige uma análise atenta à maneira como o gênero influencia a relação das pessoas com o espaço urbano.

Essa abordagem, ao integrar a perspectiva de gênero ao planejamento e ao design das cidades, visa promover ambientes urbanos mais equitativos, onde as mulheres, em particular, possam se apropriar de diferentes espaços de maneira segura e confortável. O conceito de "cidades para as mulheres" se estabelece como um desafio fundamental para o urbanismo contemporâneo, ao propor o reconhecimento da mulher como usuária plena do espaço urbano, com suas necessidades específicas de segurança, mobilidade e acessibilidade.

As transformações urbanas frequentemente priorizam interesses de mercado e visões hegemônicas, deixando de considerar aspectos cotidianos que afetam diretamente a vida das mulheres. Conforme Zukin (1982), tarefas associadas ao cuidado, transporte e trabalho doméstico, majoritariamente desempenhadas por mulheres, são marginalizadas nos processos de planejamento urbano. Essa negligência estrutural resulta em cidades que não promovem inclusão plena e desconsideram as dinâmicas sociais relacionadas ao gênero.

Ao analisar a apropriação feminina dos espaços urbanos, surgem desafios recorrentes relacionados à segurança, acessibilidade e infraestrutura inadequada para atender às demandas diárias. Os projetos urbanos frequentemente priorizam consumidores de classes médias e altas, negligenciando funções sociais essenciais e necessidades diversificadas. Essa perspectiva crítica evidencia a urgência de integrar uma visão de gênero no urbanismo, promovendo cidades mais justas e inclusivas Zukin (1982).

À medida que se compreendem as limitações dos paradigmas tradicionais no planejamento urbano, emerge a necessidade de abordar as questões de gênero no espaço público. Nisso emerge a geografia feminista, como campo crítico que se

propõe a desvendar como o espaço urbano não é neutro, mas reflete e reforça as desigualdades de gênero. Ao questionar a pretensa universalidade e imparcialidade das abordagens urbanísticas, ela revela que o planejamento urbano frequentemente ignora as experiências e necessidades específicas das mulheres, marginalizando-as no uso e apropriação dos espaços urbanos.

Gillian Rose (1993), uma das principais autoras da geografia feminista, contribuiu significativamente para a análise crítica das relações de gênero no espaço urbano, destacando a importância de se considerar o gênero, o poder e as dinâmicas sociais na compreensão dos espaços geográficos. Em sua obra "*Feminism and Geography: The Limits of Geographical Knowledge*" (1993), Rose critica a geografia tradicional por negligenciar questões de gênero e propõe que o espaço não seja visto como algo neutro, mas sim como uma construção social moldada por interações de poder e identidade. Sua abordagem interseccional, que leva em conta múltiplas identidades como gênero, classe e etnia, ampliou a compreensão de como as desigualdades se manifestam no espaço urbano, enfatizando que o espaço urbano é um reflexo e perpetuador das desigualdades de gênero, raciais e classistas. A autora também é conhecida por suas contribuições para a reflexão sobre a relação entre identidade e espaço, ajudando a consolidar a geografia feminista como um campo central de estudo.

A partir dessas contribuições teóricas, especialmente no campo da geografia feminista e posteriormente em outras áreas de maneira multidisciplinar, cresce a necessidade de incorporar uma análise crítica no planejamento urbano. O movimento feminista, que historicamente questionou o papel da mulher na sociedade e as estruturas de poder, passou a influenciar também o campo do urbanismo, buscando ressignificar os espaços urbanos de forma mais inclusiva. Ao longo das últimas décadas, as ideias do urbanismo feminista têm se tornado centrais para repensar as cidades, propondo uma reorganização das estruturas urbanas de forma a garantir maior segurança, acessibilidade e equidade para as mulheres.

A transição do movimento feminista para a análise urbana sob uma perspectiva de gênero marca uma importante evolução no entendimento das mulheres como

participantes ativas no espaço urbano. Nos anos 1970, com o impulso da "segunda onda feminista", a crítica ao urbanismo tradicional ganha força, colocando em questão tanto o papel das mulheres na construção dos espaços como o de usuárias desses ambientes. Esse movimento de reflexão e contestação levou ao desenvolvimento do urbanismo feminista, que propõe repensar a cidade a partir das experiências e necessidades femininas. A partir de então, o foco não se limita a observar as mulheres apenas como usuárias, mas busca também sua participação ativa na produção do espaço, questionando as desigualdades de gênero presentes na configuração urbana.

A arquiteta Leslie Kanes Weisman, dentro deste contexto, lança o manifesto "*Women's Environmental Rights*" (Direitos Ambientais das Mulheres, tradução nossa) que mostra o espaço público como ambiente produzidos pelos homens, denuncia como este reforça as definições sexistas em relação ao papel das mulheres na sociedade. No manifesto a autora traz a associação do espaço e poder, evidenciando como este pode empoderar ou oprimir, nutrir ou não as relações sociais. Partindo deste princípio todo uso e apropriação do espaço pode ser visto como ato político (Weisman, 1971).

Conforme Lefebvre (2010), as cidades são uma expressão espacial da sociedade, refletindo as dinâmicas de poder que as moldam. Em sociedades patriarcais, essa configuração se reflete no planejamento urbano, frequentemente desconsiderando as necessidades específicas das mulheres. Muitas vezes, a experiência feminina é negligenciada nos processos de desenho urbano, resultando em espaços que limitam a autonomia das mulheres e se tornam barreiras para seu pleno acesso e uso.

A partir dessa visão, o urbanismo tradicional é criticado por seu papel na perpetuação de estruturas de dominação e desigualdade de gênero. O urbanismo feminista, portanto, propõe uma reorientação nas decisões urbanas, com o foco nas pessoas e suas diversas identidades e vivências. Seu objetivo é promover espaços que favoreçam a vida comunitária, combatam a segregação, incentivem a autonomia,

melhorem a proximidade aos serviços, e garantam a diversidade e a vitalidade urbana, assegurando que diferentes grupos sociais estejam representados e respeitados no espaço urbano.

Conforme Jacques (2014), existem várias maneiras de compreender as percepções urbanas, trazendo uma nova perspectiva para o entendimento e a construção de espaços. Dentro dessa abordagem, ela propõe o conceito de "urbanismo incorporado", que destaca o potencial transformador das experiências urbanas ao integrar o corpo na cidade e a cidade no corpo. O movimento feminista global tem impulsionado o debate sobre as experiências diárias das mulheres nas cidades, com ênfase na segurança e no acesso aos espaços urbanos. Embora estudos sobre a relação entre gênero e cidade sejam relativamente recentes, diversas instituições começaram a explorar essas dinâmicas, produzindo conhecimento valioso e recomendações metodológicas que buscam melhorar o planejamento urbano de forma inclusiva.

No cenário global, onde as mulheres frequentemente enfrentam exclusão e violência em diversos contextos, tanto públicos quanto privados, simplesmente por serem mulheres, os movimentos femininos passaram a se articular internacionalmente. Esses movimentos conduzem pesquisas e iniciativas para abordar as diversas formas de violência e exclusão enfrentadas pelas mulheres, buscando identificar medidas que possam atenuar essa situação.

Como resposta a necessidade de pensar arquitetura e cidade de maneira mais inclusiva surge como resposta uma crítica ao urbanismo tradicional o urbanismo feminista que: “é baseado no trabalho prévio do reconhecimento crítico da realidade A partir da experiência das mulheres” (Montaner e Muxí, p. 191, 2021). O conceito de **urbanismo feminista**, embora seja conceito novo cunhado por pesquisadoras da área de gênero e cidade, ganhou maior visibilidade e consistência a partir do trabalho de divulgação do **Coletivo Col·lectiu Punt 6**, liderado pela urbanista argentino-catalã Zaida Muxí. Este coletivo define o urbanismo feminista a partir de uma perspectiva de

gênero, destacando que o urbanismo e o planejamento urbano não são processos neutros, mas refletem os valores de uma sociedade patriarcal (Helene, 2017).

O urbanismo feminista, conforme abordado por Montaner e Muxí (2021), baseia-se em uma análise crítica da realidade com foco na vivência das mulheres na cidade, propondo uma reconfiguração do espaço público para promover a igualdade. A perspectiva de gênero, nesse contexto, sugere que o espaço urbano deve ser projetado para ser acessível, seguro e confortável para todos os indivíduos. Entre as condições essenciais estão a visibilidade durante o dia, com boa iluminação à noite, acessibilidade em todas as áreas e a presença de diversidade de usos. Além disso, deve-se garantir que nenhum grupo monopolize ou exclua outros da apropriação do espaço. Na mobilidade, a aplicação da perspectiva de gênero revela que as mulheres tendem a se deslocar mais a pé e utilizando transporte público, enquanto os homens optam mais por veículos particulares e bicicletas. Esse comportamento traz à tona necessidades específicas, como trajetos curtos e acessíveis, e foi um dos fatores que impulsionou a criação de medidas como vagões exclusivos para mulheres em alguns sistemas de transporte público, como em Tóquio, Cidade do México e Délhi. Essas intervenções visam reduzir as situações de abuso e melhorar a segurança das mulheres no espaço urbano (Montaner; Muxí, 2021).

Os espaços públicos devem ser inclusivos e proporcionar segurança e acessibilidade, especialmente para grupos vulneráveis. Contudo, frequentemente, esses espaços são negligenciados em favor de áreas privadas de lazer, o que contribui para a sensação de insegurança. Jacobs (2014) observa que o medo de frequentar as ruas reduz seu uso, perpetuando um ciclo de insegurança. Esse fenômeno é evidente nas praças urbanas, onde a violência e o assédio geram um medo crescente, o que desestimula a presença das pessoas nesses locais.

Além disso, as mulheres enfrentam desafios específicos, como o assédio nos espaços públicos, sendo mais afetadas pelas desigualdades de gênero e sobrecarregadas com responsabilidades de cuidado, o que impacta diretamente sua

vivência do espaço urbano (IPEA, 2015; Actionaid, 2016). Para garantir a segurança e funcionalidade dos espaços urbanos, Jacobs (2014) e Gehl (2014) defendem a importância da vigilância natural e da vitalidade urbana, com o incentivo à diversidade de usos e à presença constante de pessoas. Isso não apenas promove a segurança, mas também enriquece a vida comunitária. A qualidade do espaço público, com calçadas adequadas e sinalização, é fundamental para permitir que as mulheres realizem suas atividades cotidianas, sem que precisem se preocupar com a acessibilidade e segurança. Muxí (2008) destaca que a segurança não se alcança por meio da segregação, mas sim pela manutenção de espaços ativos e acessíveis a todos.

Sob a perspectiva de gênero, a insegurança e a desigualdade devem ser analisadas em diferentes escalas. Nesse sentido, o **"Guia Parques para Todas e Todos: sugestões para a Implantação de Parques Urbanos com Perspectiva de Gênero"**, desenvolvido pelo Escritório das Nações Unidas de Serviços para Projetos (UNOPS) e o Instituto Semeia (2020), propõe diretrizes para tornar os espaços urbanos mais seguros e inclusivos. O documento enfatiza a "participação", destacando a necessidade de diversificar os processos participativos e incluir grupos minoritários no planejamento urbano, o que se alinha à abordagem de **planejamento sensível ao gênero**. Essa metodologia busca incorporar as experiências e necessidades de todos os gêneros no desenvolvimento dos espaços públicos.

Neste guia são apresentadas estratégias para criar espaços mais seguros e inclusivos. A abordagem traz a temática da escala macro da sociedade a escala micro dos espaços públicos, por exemplo. Nesse contexto, tendo em vista que a falta de inclusão nas cidades é também reflexo dos fenômenos socioculturais, o documento aponta que é necessário atuar na esfera física, mas sobretudo, na social, esses destacados no quadro 01.

Quadro 1 - Estratégias para espaços urbanos e inclusivos	
1. Participação	Envolver todos os grupos no planejamento dos espaços

2. Trabalho e Liderança	Combater a desigualdade de gênero, inserindo as mulheres em cargos e lideranças
3. Espaços e Equipamentos	Garantir a diversidade com equipamentos e atividades que atenda a todos os públicos
4. Linguagem e Representação Simbólica	Considerar na simbologia e representação visual os diferentes grupos
5. Mobilidade	Promover a mobilidade ativa por ser mais utilizada por grupos mais vulneráveis
6. Visibilidade e Presença de Pessoas	Evitar obstáculos visuais, promover usos diversificados no espaço público.
Fonte: UNOPS (2020), adaptado.	

A primeira dessas estratégias – **Participação** - é considerada imprescindível, já que dar voz aos grupos vulneráveis é fundamental para o compartilhamento das demandas, anseios e expectativas para o lugar. Quando todos os grupos participam e se envolvem com as demandas locais, nas tomadas de decisão e no planejamento dos espaços as pessoas, esses tendem a se identificar e estreitar as suas relações com o ambiente, desenvolvendo um sentimento de pertencimento que auxilia no zelo pelo espaço.

A segunda estratégia - **Trabalho e liderança** - diz respeito a uma estratégia global, pois é preciso combater a desigualdade de gênero de uma maneira ampla, sendo assim, o objetivo é ter mais diversidade e mulheres, principalmente, nos cargos e em posições de liderança. Como terceiro ponto - **Espaços e equipamentos** – é enfatizado que, nos espaços públicos urbanos, deve-se considerar a diversidade de pessoas que virão a frequentá-lo e adequar os equipamentos para atender a todos. Exemplo disso são quadras para diversos usos e idades, áreas de bancos sombreadas para cuidadores de crianças e idosos, bem como banheiros para famílias.

A **Linguagem e a Representação simbólica** também deve ser considerada. As pessoas precisam se sentir vistas e representadas com igualdade os grupos, tanto as mulheres, pessoas negras, com deficiência e LGBTQIAP+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, queer, intersexo, assexuais, pansexuais etc.). Uma das formas é na simbologia e representação visual, nomeando espaços com pessoas da história que tiveram papel importante, que tragam memória e identidade das mulheres.

Promover a **Mobilidade** é fundamental, em especial aquela ativa que é mais representativa para mulheres, principalmente as de vulnerabilidade social, visto que se deslocam com maior número de paradas ao levar os filhos na escola, ir as compras, hospital e utilizam mais o transporte público e rotas a pé (UNOPS, 2020).

Pensar em um espaço seguro para os pedestres, contribui para entornos mais seguros, incluindo a **Visibilidade e a Presença de pessoas**. Sobre a visibilidade é preciso ver e ser visto/a, ou seja, evitar obstáculos visuais para que o campo de visão esteja livre, e não haja espaços escondidos que propiciem transgressões. Ao observar o panorama da violência urbana, torna-se perceptível que a sensação de insegurança influencia diretamente no uso da cidade, mas, de maneira análoga, o inverso também é possível. Quanto mais diversidade e dinamismo possui um espaço público, mais pessoas utilizam e se apropriam do lugar e, conseqüentemente, maior vitalidade urbana é criada, pois quando as pessoas o temem evitam e, por consequência, esse torna-se mais inseguros.

Vale ressaltar também os trabalhos e estudos do *Col·lectiu Punt 6* (Coletivo Ponto 6), liderado por Zaída Muxí, professora na Universidade Politécnica da Catalunha na Espanha, e o *‘Prevenición para una Comunidad sin Violencia’* com o *‘Manual de análisis urbano. Género y vida cotidiana’* (Manual de análises urbanas: gênero e a vida cotidiana), desenvolvido pelo Governo espanhol. Esses últimos priorizam a questão de gênero, conduzindo levantamentos sobre os espaços físicos

em determinados bairros/cidades, examinando as experiências que eles geram e a sensação de segurança das mulheres ao utilizá-los.

4 MATERIAIS E MÉTODOS

Os capítulos iniciais da pesquisa abordaram a complexa relação entre as mulheres e o espaço urbano, destacando as desigualdades históricas e sociais que moldam essa dinâmica. O primeiro capítulo, "Mulher na Cidade", traçou um panorama histórico da relação entre as mulheres e o espaço urbano, discutindo como as normas sociais patriarcais excluíram as mulheres do espaço público ao longo do tempo. A análise considerou tanto o contexto mundial quanto brasileiro, abordando como, a partir da Revolução Industrial, o espaço público foi progressivamente acessado pelas mulheres, mas ainda condicionado por um sistema de opressão. Nos subitens subsequentes refletiu-se sobre a formação e o desenvolvimento das cidades sob a ótica da desigualdade de gênero. Discutiu-se como as cidades, desde sua formação, foram projetadas para refletir e reforçar relações de poder desigual entre os sexos, com ênfase na exclusão das mulheres do domínio público.

O segundo capítulo, "Espaço Público: Política, Função e Gênero", aprofundou-se na função e no caráter político do espaço público, considerando-o não apenas como um local de convivência, mas também como um cenário de resistência e contestação. A partir dessa abordagem, foi analisada a interação entre o espaço público e as questões de gênero, destacando-se o papel essencial do espaço público na construção de uma sociedade mais inclusiva e na redefinição das relações de poder, especialmente em relação às mulheres. O capítulo discutiu ainda as estratégias necessárias para transformar os espaços urbanos, tornando-os mais acessíveis, seguros e inclusivos para as mulheres, alinhando-se aos princípios do urbanismo feminista.

Retomando o objetivo geral: *analisar elementos físico-morfológicos que influenciam nas inter-relações entre a mulher e o espaço público de praças urbanas,*

reconhece-se que a forma com a qual as mulheres se relacionam com o espaço está ligada a questões complexas e multifacetadas. Portanto o nexos mulher-cidade e mulher-espaço público perpassa diferentes variáveis socioeconômicas e culturais ainda relacionadas às funções sociais como o cuidado com o lar e com crianças e idosos, além do trabalho remunerado. Este estudo focou em compreender como o espaço físico pode influenciar no uso e apropriação das mulheres em praças urbanas de vizinhança nos bairros de Santa Mônica e Itapuã na cidade de Vila Velha- ES.

Visou compreender os elementos físico-morfológicos, que consistem nas características físicas do espaço, das edificações e de seus componentes, tanto extrínsecos quanto intrínsecos à praça. Essa análise abordou a forma como as diferentes partes da área urbana se organizam e se inter-relacionam com o espaço público da praça, incluindo a malha viária, as fachadas e entradas, sua permeabilidade, o uso do solo, entre outros aspectos. Ademais buscou analisar a qualidade do espaço e, por consequência, compreender se este promove a vitalidade urbana, ou seja, a presença de pessoas. Além disso, foi crucial considerar os aspectos urbanos para uma compreensão abrangente do entorno, analisando se ele favorece a ocupação e o acesso ao espaço público, ou se, ao contrário, impede ou estimula sua utilização. Tendo em vista que um espaço de qualidade e bem integrado não apenas promove a vitalidade urbana, atraindo a presença de pessoas de todas as origens, mas também é especialmente propício para encorajar a participação feminina.

Para melhor compreender a relação usuário-praça, foi realizado também um levantamento comportamental a fim de observar as atividades e as inter-relações das mulheres nas praças. Entende-se que a observação do espaço gera dados importantes sobre aquele lugar, no entanto, a visão e a participação das mulheres nesta pesquisa foram essencial para aprofundar a compreensão sobre essa relação e tendo em vista que é um grupo pouco ouvido, dar voz às usuárias sobre suas percepções sobre as praças.

A fim de complementar o que foi observado na análise e acrescentar mais informações baseada na visão de quem frequenta o lugar. A pesquisa também incorporou o método etnográfico para compreender o espaço, conforme descrito por Magnani (2002). Esse método envolve a descrição e interpretação dos usuários e da paisagem em uma dinâmica participativa, onde a pesquisadora atua como observadora. Como mulher, reconhece que sua presença no espaço a torna parte integrante e experimentadora da ação. Portanto, o presente estudo é de natureza aplicada, exploratória e descritiva, adotando uma abordagem quanti-qualitativa e foi dividido em cinco etapas metodológicas:

- 1) Construção do referencial teórico e metodológico;
- 2) Análise físico-morfológica;
- 3) Análise comportamental;
- 5) Análises gerais e correlações.

Durante a etapa de construção do referencial teórico e metodológico deste estudo, foi empreendido uma base conceitual e metodológica, centradas na interseção entre gênero e espaço público. É essencial ressaltar que é uma área com poucas pesquisas, especialmente na área de praças urbanas. Portanto, a ênfase foi em conceitos como urbanismo feminista, definições de espaço público e análise destes, em específico as praças. Ademais, buscou-se por metodologias de análise das interações das pessoas no espaço público visando a aplicação de abordagens metodológicas adequadas à investigação das experiências das mulheres nos contextos urbanos. Essa fase foi essencial para a fundamentação teórica do estudo e para a definição dos métodos e técnicas que serão empregados nas etapas subsequentes da pesquisa.

4.1 A escolha das praças

Para a realização da presente pesquisa sobre o uso e apropriação feminina de espaços públicos, foram selecionadas duas praças na região metropolitana da grande Vitória (RMGV), em Vila Velha – ES, como recorte de estudo. Optou-se por praças

situadas em bairros distintos com contextos urbanos socioeconômicos distintos para compreender as diferenças e semelhanças nas apropriações de acordo com o contexto e as características físico-morfológicas. Além disso, ambas as praças foram escolhidas de forma a possuir infraestrutura adequada para promover a vitalidade do espaço público, com áreas físicas aproximadamente equivalentes.

O quadro 2 apresenta uma análise comparativa dos elementos mencionados anteriormente, destacando as disparidades entre as praças, como renda e densidade urbana, bem como as similaridades, como a data de conclusão da reforma e a área em metros quadrados de cada praça. É importante salientar que os dados de renda e densidade foram extraídos do Censo de 2010 e que esses valores podem ter sofrido modificações, as quais serão apresentadas nos resultados do próximo Censo de 2022, o qual, até o momento presente, ainda não foi divulgado em sua totalidade.

Quadro 2 - Comparativo entre dados das duas praças do recorte de estudo

Item	Praça Agenor Moreira	Praça Haroldo Rosa
Bairro	Itapoã	Santa Mônica
Renda	Maior que 3 salários-mínimos	De 1 a 2 salários-mínimos
Densidade urbana	201 hab/ha	151-200 hab/ha
Reforma	Agosto de 2022	Outubro 2022
Área da praça (m ²)	2540m ²	2880m ²

Fonte: IBGE,2010; PMVV,2022.

Tendo em vista que o estudo visa analisar como as mulheres usam o espaço, é necessário estudar praças que sejam utilizadas pela comunidade. Para tanto, foram escolhidas praças que possuem uma infraestrutura mínima para que incentive a apropriação. Portanto os critérios de escolha foram:

- a) O principal critério de escolha foi a relação renda x densidade, buscou-se encontrar praças em bairros de alta densidade populacional e de rendas distintas a fim de ter uma visão socioeconômica mais representativa;

- b) A localização das praças também é um fator crucial, optou-se por praças em bairros predominantemente residencial, ou seja, praças de vizinhança, tendo em vista que praças em áreas centrais da cidade ou em áreas comerciais muitas vezes podem ser apenas de passagem enquanto em áreas residenciais podem ser mais apropriadas pela comunidade;
- c) Buscou-se selecionar praças que sofreram reforma com pelo menos 6 meses para evitar que os dados sofram alteração devido ao maior volume de público que visita o local devido a reforma;
- d) Outro critério essencial foi escolher praças com condições favoráveis a apropriação, portanto, com equipamentos e atrativos para os usuários, além disso, praças com características semelhantes em infraestrutura.

4.1 Análise dos elementos físico-morfológicos

Com base na revisão de literatura, nesta etapa foram levantados elementos físico-morfológicos tanto internos quanto externos à praça, nomeados neste trabalho por **aspectos intrínsecos** e **aspectos extrínsecos**, respectivamente. **Aspectos intrínsecos** de uma praça se referem às características e elementos que são inerentes à própria praça. Estes aspectos incluem elementos físicos e características físicas materiais e imateriais da praça.

Aspectos extrínsecos, por sua vez, referem-se a elementos e influências que estão fora da praça, mas que têm um impacto significativo em sua utilização, percepção e funcionalidade. Em suma, os aspectos extrínsecos são como o contexto em que uma praça está inserida e são fundamentais para compreender a sua função e relevância dentro do tecido urbano mais amplo. Ambos os aspectos, intrínsecos ou extrínsecos, desempenham um papel crucial na forma como as pessoas interagem com o espaço público da praça e como essa irá contribuir para a vida da cidade. Portanto, a análise destes elementos é importante para compreender se a praça é um

espaço público de qualidade, tendo em vista que estes podem atrair mais pessoas e permitirem maior inclusão.

A UN-Habitat (2020) no documento “*Public space site-specific assessment: Guidelines to achieve quality public spaces at neighbourhood level*” (“Avaliação específica do local do espaço público: Diretrizes para alcançar espaços públicos de qualidade em nível de bairro” - tradução nossa) traz uma metodologia de análise da qualidade do espaço público. Esta é subdividida em cinco dimensões e subsequente dividida em vinte indicadores. Para avaliar a qualidade do espaço leva em consideração as seguintes dimensões: *use and user* (uso e usuário); *accessibility* (acessibilidade); *amenities and furniture* (amenidades e mobiliário); *comfort and safety* (conforto e segurança) e *green environment* (ambiente verde).

As diretrizes de análise foram adaptadas ao contexto deste estudo, onde alguns itens foram removidos e adicionados conforme sua relevância. Por exemplo, a categoria "conforto" foi separada da categoria "segurança" devido à inclusão de elementos específicos para segurança. Além disso, a categoria "ambiente verde" foi incorporada à categoria "conforto", pois se relaciona de forma semelhante. Embora a pesquisa se concentre em praças, que podem ter menos elementos para avaliação em comparação com parques, ainda é fundamental manter essa análise para compreender adequadamente a qualidade dos espaços públicos estudados.

A partir dessas diretrizes, foram estabelecidas as dimensões de análise para este estudo, as quais foram resumidas em forma de uma ficha avaliativa preenchida para cada praça (Apêndice C). Após a definição das dimensões, estas foram subdivididas de acordo com sua relação com o local, isto é, foram considerados os aspectos da praça em si e os aspectos do seu entorno. Dessa forma, a análise abrange tanto os elementos intrínsecos quanto os extrínsecos à praça (Quadro 3). Conforme demonstrado no quadro 3, alguns itens são representados por meio de um mapa do entorno, com um raio de análise de 200 metros a partir da praça definida. Devido ao caráter de praças de vizinhança, esse raio menor permite uma análise mais detalhada do entorno imediato da praça. Sendo assim, com base na UN-Habitat

(2020), as dimensões de análise físico-morfológica foram agrupadas nas seguintes dimensões de análise:

Uso e usuários. A UN-Habitat (2020) traz o foco em quem utiliza o espaço e como, sob a perspectiva de que um espaço de boa qualidade é pensado para acomodar todas as pessoas, especialmente de grupos vulneráveis, onde estas possam passar tempo e usufruir do espaço. A intenção é analisar quão inclusivo é o espaço, principalmente, através da observação da diversidade de usuários e da variedade de usos que tem o espaço. Conforme ilustra o quadro 3, a dimensão **“Uso e usuários”** foi subdividida em aspectos intrínsecos e extrínsecos à praça e seus respectivos atributos de análise. O primeiro relacionado aos usos que se desenvolvem na praça e o segundo com enfoque no contexto urbano.

“Acessibilidade” que tem enfoque no acesso ao espaço público e na mobilidade seja a pé, de bicicleta, transporte público ou veículo motorizado individual. Na praça em si, foram analisados os atributos como material do piso, percursos e rota acessível que garantam o acesso e autonomia de pessoas com deficiência física. Quanto ao entorno, foram analisadas as calçadas e rampas, e quanto a mobilidade a presença de ponto de ônibus, ciclovia e rua de pedestre.

Em **“amenidades e mobiliário”** o foco é a infraestrutura da praça, ou seja, os equipamentos e mobiliários existentes, além disso, presença de instalações como banheiro e bebedouro. Estes últimos itens que auxiliariam a permanência de famílias e por consequência mulheres.

A dimensão **“conforto” e “segurança”** pode ter um grande impacto em seu bem-estar e no tempo que passam em um espaço público. Lugares bem mantidos geralmente são percebidos como confortáveis e seguros, enquanto espaços vandalizados e malcuidados podem ter o efeito oposto. Odores, sons, visão, condição física e a identidade geral de um espaço podem ser fatores determinantes para o conforto.

A percepção de segurança é subjetiva, enquanto algumas pessoas podem se sentir seguras ao usar um espaço, outras se sentem ameaçadas pela falta de visibilidade, concentração de certos grupos, falta de atividades ou eventos históricos. (UN-Habitat, 2020). A dimensão “**conforto**” também analisa a vegetação sua diversidade, quantidade de áreas sombreadas por serem fatores que podem influenciar no bem-estar e na permanência das pessoas. Acrescenta-se a metodologia proposta pela UN-Habitat (2020), arte e identidade assim como apropriações comunitárias, pois quando a comunidade se sente representada e incluída, ela se apropria e zela pela manutenção do espaço.

A dimensão “**segurança**” leva em consideração aspectos da vigilância com base no estudo do autor e pesquisador em desenho urbano como prevenção de crime, Bondaruk (2007). Para o autor a vigilância pode ser classificada como: organizada (policiais em patrulhamento), mecânica (iluminação, câmeras), e natural (social, janelas, portas de vidro, cães etc.). A vigilância organizada refere-se ao patrulhamento realizado por autoridades, como policiais. A vigilância mecânica envolve elementos como iluminação e câmeras de segurança. Já a vigilância natural é realizada pelas próprias pessoas, seja nas ruas ou por meio das edificações, incluindo janelas e portas de vidro, por exemplo.

Quadro 3 - Ficha avaliativa das praças (continua)

Dimensão	Local	Atributos	Anotações
Uso e usuários	Intrínsecos à praça	Há atividades econômicas formais e não formais? (<i>Foodtruck</i> , banca de jornal barraquinhas etc.)	
		Há atividades inclusivas? (crianças, idosos e pessoas com deficiências)	
		Há atividades temporárias / não planejadas?	
		Há apropriações comunitárias? (horta, artes, canteiros ajardinados)	
		Há sinalização de regras de restrição de uso (ex.: não pise na grama)	
	Extrínsecos à praça	*Qual é o uso do solo no entorno? (residencial, misto, comercial, institucional e serviço)	
		*Como são as fachadas predominantemente? (ativa/inativa, monótona/ não-monótona)	
		Qual é o gabarito do entorno imediato a praça? (quantidade de pavimentos das edificações circundantes)	
		Qual é a densidade urbana do entorno? (quantidade de habitantes em 200m)	
* Estes dados são referentes ao raio de 200m do entorno da praça e foram representados em mapa			

Acessibilidade	Intrínsecos à praça	Qual é o tipo de material no piso rota acessível? (pedra portuguesa, concreto, emborrachado etc.)	
		A largura dos percursos internos da praça é superior a 1,50m?	
		Há sinalização tátil na rota acessível?	
	Extrínsecos à praça	A calçada do entorno imediato é acessível? (1,50m, sinalização tátil, pavimentação adequada)	
		Na calçada do entorno imediato há rampas de acesso? Há ponto de ônibus, prox. ciclovias, ruas pedestres?	

Amenidades e Mobiliário	Intrínsecos à praça	Há torneira ou bebedouro?	
		Há banheiro na praça?	
		Qual é a quantidade de assentos formais e informais	

Quadro 3 - Ficha avaliativa das praças (conclusão)

		Há playground, pet park, academia, quadra etc.?	
		Há sinal de Wi-fi gratuito na praça?	
Conforto	Intrínsecos à praça	Há árvore, gramado, canteiros etc.?	
		Há diversidade/tipologia da vegetação? (árvores, gramas, flores, arbustos etc.)	
		A praça está limpa e com boa manutenção?	
		Há presença de sons naturais?	
		Há presença de ruídos mecânicos? (ruído de carro, obras etc.)	
		* Estes dados são referentes a área da praça e foram representados em mapa	
Segurança	Intrínsecos à praça	Há sinais de vandalismo e depredação?	
		Há a presença de câmeras de segurança?	
		Há muros cegos no perímetro da praça?	
		Há construções que são obstáculos visuais?	
		Há vegetação que são obstáculos visuais?	
		Há iluminação nível do pedestre?	
		Há iluminação geral? (postes altos para a via)	
		A quantidade de postes e a quantidade de iluminação está adequada?	
		Há presença de ronda policial?	
	Extrínsecos à praça	Há presença de posto policial?	
		Há presença de estacionamento para viatura?	
		Fachada permeável sim ou não? (grades, vidro, muro etc.)	
		Quantidade de aberturas para o espaço público	

Fonte: UN-HABITAT (2020), adaptado

Ambas podem inibir a ação criminosa e aumentar a sensação de segurança do usuário. A vigilância natural defendida por Jacobs (2014) refere-se à ideia de que a presença constante e informal de pessoas, seja pedestres, moradores ou comerciantes, em espaços públicos contribui para a segurança e a vitalidade de uma área urbana. A autora argumenta, ainda, que é importante que a maioria das quadras em uma área urbana seja curta, permitindo assim que haja muitas ruas e esquinas para virar. A permeabilidade dos espaços promove o uso regular, evitando o abandono e o desuso em algumas áreas, que poderiam facilitar atividades indesejadas ou criminosas. Portanto, a autora defende a criação de ambientes

abertos, permeáveis e de uso misto, ou seja, com diversidade de uso do solo (residencial, comercial, serviço), para estimular a presença de pessoas nos diferentes turnos do dia.

Oscar Newman em seu livro "Defensible Space: Crime Prevention Through Urban Design" (Espaço Defensável: Prevenção do Crime Através do Design Urbano), publicado em 1972, enfatiza a importância da iluminação como um elemento crucial no design urbano para a segurança pública. Newman (1972) argumenta que uma iluminação adequada é essencial para criar um ambiente seguro e inibir atividades criminosas em espaços públicos. Newman sugere que a iluminação deve ser distribuída de forma uniforme e eficaz em áreas urbanas, especialmente em locais potencialmente vulneráveis, como parques, becos e outras áreas de acesso público.

A manutenção é outro aspecto importante, pois, um espaço sem manutenção tende a ser evitado, por passar a sensação de insegurança. Haja visto que sinais de negligência, desordem e deterioração física, como lixos, mobiliários urbanos e piso danificados, transmitem sensação de insegurança e medo e, portanto, áreas que apresentam tais características tendem a ser evitadas por seus usuários. Tais aspectos influenciam na percepção do criminoso em relação ao controle social desses ambientes, que passam a tornar-se mais vulneráveis a ações criminosas (SOARES; SABOYA, 2019).

4.2 Análise comportamental

Nesta etapa da análise o objetivo é compreender a relação das mulheres com o espaço, ou seja, o uso e apropriação das usuárias na praça. Para cumprir o objetivo toma-se como base Gehl e Svarre (2018) em seu livro "A vida na cidade: como estudar". Neste livro os autores trazem um registro sobre como estudar a interação entre vida e atividade na cidade no espaço público. Os autores sugerem algumas perguntas importantes para refletir sobre as cidades como: Quantas pessoas frequentam um lugar? Quem são essas pessoas em termos de idade e gênero? Onde é que elas se concentram e o que estão fazendo? Quanto tempo elas passam por lá?

Além dessas perguntas fundamentais para entender a vitalidade de um espaço urbano, os autores apresentam uma variedade de técnicas úteis para estudar a cidade. Priorizando a observação direta, que permite um contato mais sensível com o ambiente, foram empregadas no estudo as seguintes ferramentas: contagem (de pessoas, entradas); mapeamento (de atividades e comportamentos); traçado (dos movimentos das pessoas) e registro fotográfico.

Portanto, esta fase da pesquisa foi pautada principalmente na observação da pesquisadora e registrou-se as principais atividades, interações sociais e deslocamentos das mulheres no espaço. O **mapeamento comportamental** da praça permite local a posição das pessoas no espaço público e identificar por gênero e faixa etária. O intuito desta técnica é ter um panorama geral das pessoas que ocupam a praça, além de identificar áreas mais utilizadas, mobiliários urbanos mais utilizados, por exemplo. O foco, segundo Gehl e Svarre (2018), é indicar a permanência, onde as pessoas estão em pé ou sentadas. Além disso, os mapas podem ser sobrepostos em camadas, para gerar uma imagem mais clara do padrão das atividades de permanência.

Outra ferramenta utilizada foi a **contagem de pessoas** a fim de ter dados quantitativos de pessoas por gênero e faixa etária, e as atividades que realizam, para compreender como se dá a apropriação nas praças. Segundo Gehl e Svarre (2018), comumente registra-se a quantidade de pessoas se deslocando no espaço, fluxo de pedestres, e quantidade de pessoas paradas, em atividades estacionárias, ou seja, que permanecem na praça. No presente estudo ambos os dados são relevantes, mas principalmente a permanência das mulheres na praça e as atividades que desempenham nessas, bem como a proporção entre mulheres que circulam e que permanecem neste espaço.

O mapeamento e a contagem foram realizadas no período de dezembro de 2023, em 2 (dois) dias de semana e 1 (um) dia de final de semana com observações feitas em 3 (três) horários ao longo do dia (manhã, tarde e noite), com base em Gehl e Svarre (2018) e na ferramenta SOPARC (*System for Observing Play and Recreation*

in Communities). Foram definidos os seguintes intervalos de tempo para observação: pela manhã das 9h às 10h, pela tarde das 16h às 17h e pela noite das 19h às 20h. Foram selecionados dias com condições climáticas favoráveis, evitando assim dias chuvosos ou nublados, pois sabe-se que a praça tende a acumular poças d'água e as pessoas costumam evitar frequentá-la nessas circunstâncias.

Para realizar a contagem conforme a abordagem de Gehl e Svarre (2018), foi estabelecido um intervalo de 15 minutos a cada hora. Isso significa que a cada turno de observação, durante 15 minutos, foram registradas as pessoas presentes na área estudada. Essa contagem considerou categorias como gênero e faixa etária, seguindo os parâmetros do mapeamento comportamental. Essa fase da pesquisa foi conduzida nas duas praças no mesmo dia, adotando uma abordagem sequencial. Inicialmente, o levantamento de dados era realizado em uma das praças durante o turno da manhã. Ao finalizar a coleta de dados nessa praça, a pesquisadora se deslocava para a outra praça, onde realizava o mesmo procedimento nos demais turnos. Esse processo se repetia, alternando qual praça era o ponto de partida para cada turno subsequente.

Gehl e Svarre (2018) classificam as atividades em duas categorias principais: atividades opcionais e atividades necessárias, além de descrever os modos pelos quais essas atividades ocorrem: "caminhar", "ficar em pé" e "sentar-se". No caso do "caminhar", as atividades opcionais incluem passeios, seguido por atividades como caminhar com um cachorro, enquanto as atividades necessárias envolvem objetivos como fazer compras, trabalhar ou usar transporte público. Em relação a "ficar em pé", destacam-se atividades opcionais como contemplação, além de outras como comer, comprar e vender, enquanto a atividade necessária é socializar.

Já em relação a "sentar-se", novamente a atividade de contemplação surge, assim como comer e cuidar de crianças, com a atividade necessária sendo descanso. Nesta pesquisa, baseou-se nessas principais atividades ao observar e realizar a contagem de pessoas. No entanto, compreende-se que atividades como passear com cachorro e cuidar de crianças e idosos podem ser categorizadas como atividades de cuidado, o que também é relevante considerar.

Complementa-se ainda as categorias de atividades realizadas nos espaços públicos propostas por Robba e Macedo (2003). São elas: lazer contemplativo, lazer ativo, lazer esportivo e lazer cultural. O primeiro vai ao encontro com o a ideia de contemplação, uma atividade mais passiva que pode ser realizada no espaço público, onde se enquadram as atividades de descansar, olhar a paisagem, esperar por alguém, citadas também por Gehl e Svarre (2018). Portanto além da atividade de circulação, ou seja, aquelas nas quais as pessoas atravessam a praça e a calçada do seu entorno apenas como passagem, também foram identificadas as seguintes atividades de permanência, conforme Classificação de Robba e Macedo (2003):

- a) Lazer contemplativo: atividade passiva de quem permanece no espaço observando a paisagem, ou descansando, por exemplo;
- b) Lazer ativo: atividade relacionada a brincadeira ou jogos como patins, skate, bicicleta, entre outros;
- c) Lazer esportivo: comportamento relacionado a atividade física e esportiva, seja caminhar, correr, realizar algum esporte ou fazer ginástica ou outro que se enquadre;
- d) Lazer cultural: atividades voltadas a arte e cultura, como por exemplo, pintar, desenhar, dançar, atuar, tocar instrumento, ler e estudar entre outros;
- e) Socializar: atividade que envolve interação social, conversar, namorar, conversas ao telefone;
- f) Comer: atividade que pode ser consumir algum produto vendido na praça ou nos arredores, ou até mesmo, piqueniques
- g) Trabalhar: atividade que envolve a venda de produtos na praça, seja em locais fixos como bancas, ou em barracas e *foodtrucks*.
- h) Cuidar: atividade de cuidado com cachorros, crianças e idosos.

O diário de campo auxiliou a dar detalhes e nuances sobre os dados colhidos com os métodos acima. Ainda segundo Gehl e Svarre (2018), os detalhes foram essenciais para a compreensão da vida no espaço público e no comportamento humano, por vezes um complemento qualitativo para elucidar os dados quantitativos.

Os autores afirmam ainda que é um método de transcrever as observações sistematicamente e trazer mais informações através de breve narrativas, por exemplo. Importante, principalmente para descrever atividades que não se enquadram nas categorias acima, ou o caso de atividades sendo desempenhadas simultaneamente.

4.3 Análise perceptiva

As etapas anteriores foram baseadas na observação da pesquisadora, o que permitiu criar um panorama sobre o uso da praça. No entanto, foi necessário, em uma etapa subsequente, complementar os levantamentos ouvindo as usuárias das praças identificadas para compreender suas percepções sobre o espaço, obtendo assim uma visão mais completa. Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, uma técnica que, segundo Gil (2010), permite uma flexibilidade significativa na coleta de dados, pois envolve um roteiro previamente estabelecido, mas possibilita ajustes durante a interação, de acordo com a dinâmica da conversa. Esse método possibilitou a coleta de dados detalhados e ricos, permitindo que as participantes expandissem suas respostas sobre os temas abordados, proporcionando uma visão mais aprofundada das experiências e necessidades das mulheres no espaço público.

A entrevista semiestruturada foi realizada de forma presencial com 10 mulheres adultas, abrangendo diferentes faixas etárias, que estavam frequentando as praças selecionadas na data da coleta de dados. O instrumento de coleta de dados consistiu em 7 perguntas, sendo 5 fechadas e 2 abertas, visando explorar a percepção das participantes sobre o uso do espaço público e sua relação com a praça. As participantes foram inicialmente questionadas sobre sua identidade de gênero, com a opção de se identificarem como mulheres ou não. Em seguida, foram indagadas sobre a faixa etária, a frequência de visita à praça, o dia da semana de maior uso, a companhia durante as visitas, se a recente reforma influenciou sua utilização e os principais motivos que as levam a frequentá-la.

A pesquisa visou garantir que o estudo focasse nas experiências das mulheres, para isso, foi incluída uma pergunta sobre identidade de gênero, permitindo que as participantes se identificassem de maneira inclusiva e evitando estereótipos. A faixa etária das participantes foi analisada para compreender os padrões de uso da praça, uma vez que diferentes idades podem influenciar comportamentos e necessidades. A frequência com que as mulheres utilizavam a praça foi investigada, o que permitiu avaliar o nível de engajamento da comunidade com o espaço público. Além disso, foi identificada qual dia da semana as participantes frequentavam mais a praça, possibilitando uma análise de padrões e a melhor alocação de recursos.

Foi perguntado também se as mulheres usavam a praça sozinhas ou acompanhadas, o que ajudou a entender as dinâmicas sociais do espaço, incluindo aspectos relacionados à segurança e conforto. A influência das reformas recentes sobre a utilização da praça foi analisada, a fim de verificar se as mudanças afetaram a frequência das usuárias e sua experiência no local. Por fim, foi questionado sobre os principais motivos que levavam as mulheres a frequentarem a praça, com o intuito de identificar as necessidades e interesses para melhorar o planejamento do espaço.

Além das questões fechadas, a entrevista incluiu cinco perguntas abertas para explorar a experiência das mulheres, focando em aspectos como segurança, elementos a serem aprimorados na praça, espaços mais e menos agradáveis, e a percepção de igualdade de uso entre homens e mulheres. Também foi questionado sobre ruas no entorno da praça que poderiam ser evitadas, visando identificar possíveis problemas de segurança. A entrevista foi aplicada com um termo de esclarecimento livre (TCLE), aprovado pelo comitê de ética, garantindo a conformidade ética da pesquisa.

A inclusão da entrevista semiestruturada na pesquisa ampliou a análise comportamental, complementando as observações feitas pela pesquisadora. Ela proporcionou uma oportunidade para incluir perspectivas diversas, muitas vezes sub-representadas, garantindo uma visão mais completa da vivência das mulheres no espaço público. A combinação desses dois métodos — observação direta e entrevista

semiestruturada — resultou em uma abordagem abrangente e inclusiva, permitindo uma compreensão mais profunda sobre a experiência das mulheres nas praças e suas necessidades em relação à segurança e ao conforto.

5 USOS E APROPRIAÇÕES URBANAS: MULHERES NAS PRAÇAS DE VILA VELHA

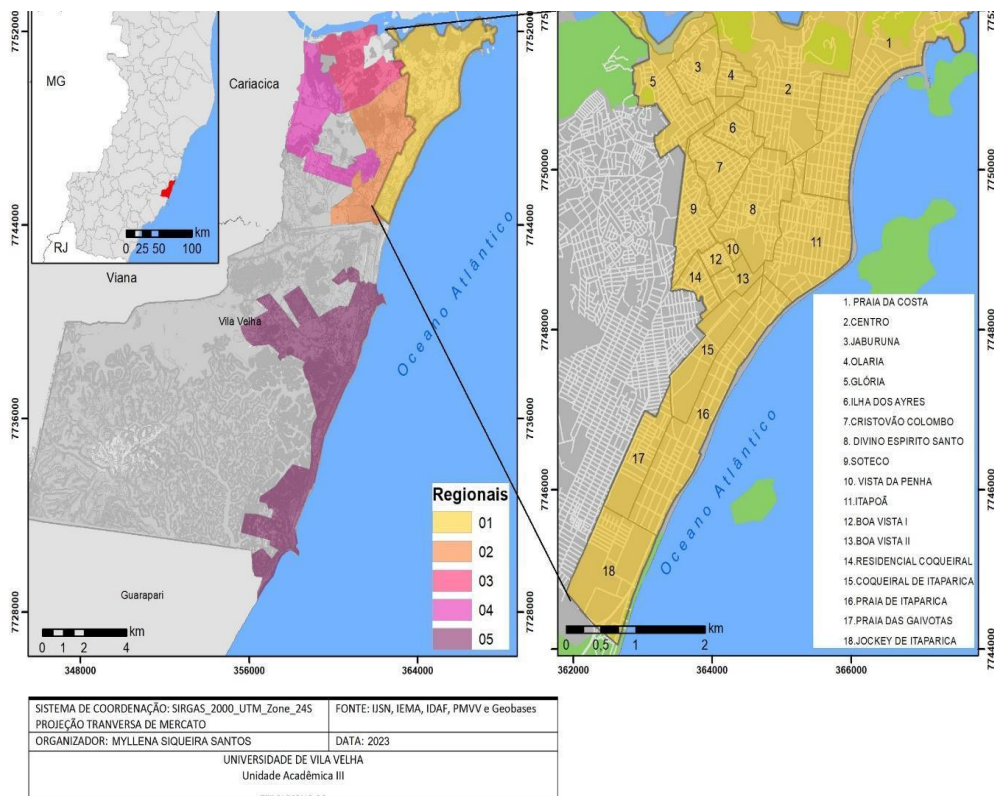
Este capítulo apresenta um estudo de caso realizado em duas praças distintas de Vila Velha, Espírito Santo, com o intuito de investigar os usos e apropriações urbanas pelas mulheres. Na primeira parte, são analisados os elementos morfológicos de cada praça, buscando compreender como sua configuração espacial pode influenciar o uso por parte das mulheres. A segunda parte consiste em uma análise comportamental, que combina métodos quantitativos e qualitativos para examinar os padrões de interação e ocupação das mulheres nesses espaços públicos. Na última seção, são apresentadas as percepções das mulheres que frequentam as praças, obtidas por meio de entrevistas, destacando suas experiências, necessidades e desafios enfrentados no uso desses locais. Por fim, é realizada uma comparação entre as análises das duas praças, visando identificar semelhanças, diferenças e possíveis áreas de melhoria.

5.1 A praça Agenor Moreira

O município de Vila Velha está localizado na Região Metropolitana da Grande Vitória, no estado do Espírito Santo, e abriga aproximadamente 493.242 habitantes e estende-se por uma área de 210.225 km² (IBGE, 2022). A cidade está subdividida em cinco Regiões Administrativas: Regional 01 (Grande Centro), Regional 02 (Grande Ibes), Regional 03 (Grande Aribiri), Regional 04 (Grande Cobilândia) e regional 05 (Grande Jucu). A praça Agenor Moreira - primeira praça a ser analisada neste estudo - está situado na Regional 01 (Grande Centro), ilustrada na figura 2, no bairro Itapuã, esse caracterizado pela alta densidade populacional, uma das maiores do município,

alcançando 212,09 hab./ha, e o bairro com a segunda maior renda per capita o município R\$ 3.329,89 (IBGE, 2010).

Figura 2 - Mapa de localização da Regional 01



Fonte: autora, 2023

Figura 3 - Localização da praça Agenor Moreira no bairro Itapuã



Fonte: Adaptado Google Earth, 2023

Ainda segundo o IBGE (2010), 53% da população do bairro Itapuã, onde está situada a praça Agenor Moreira, é composta por mulheres, haja visto que a relação é de 12.120 habitantes para o total de 22.808 habitantes no bairro (IBGE, 2010). A praça Agenor Moreira possui uma área de 2.540 m² e localiza-se em um contexto urbano adensado, predominantemente residencial multifamiliar, com edificações de gabarito alto, além de localização privilegiada, próxima a área litorânea, conforme ilustrado na figura 3.

A praça passou por reformas, sendo o projeto (figura 4) apresentado ao público em setembro de 2021, e as obras finalizadas em março de 2022 (figura 5). Algumas das mudanças realizadas destacam-se: substituição do piso em pedra portuguesa por uma pavimentação regular e contínua em concreto; renovação do piso e alambrado da quadra; demolição de elementos construtivos existentes no interior da praça e instalação de novos mobiliários e equipamentos, tais como o “pracão” (área para pets), *playground*, mesas de jogos, bancos, lixeiras, bicicletários e iluminação com lâmpadas de LED.

Figura 4 - Imagem do projeto da praça Agenor Moreira



Fonte: Prefeitura, 2023

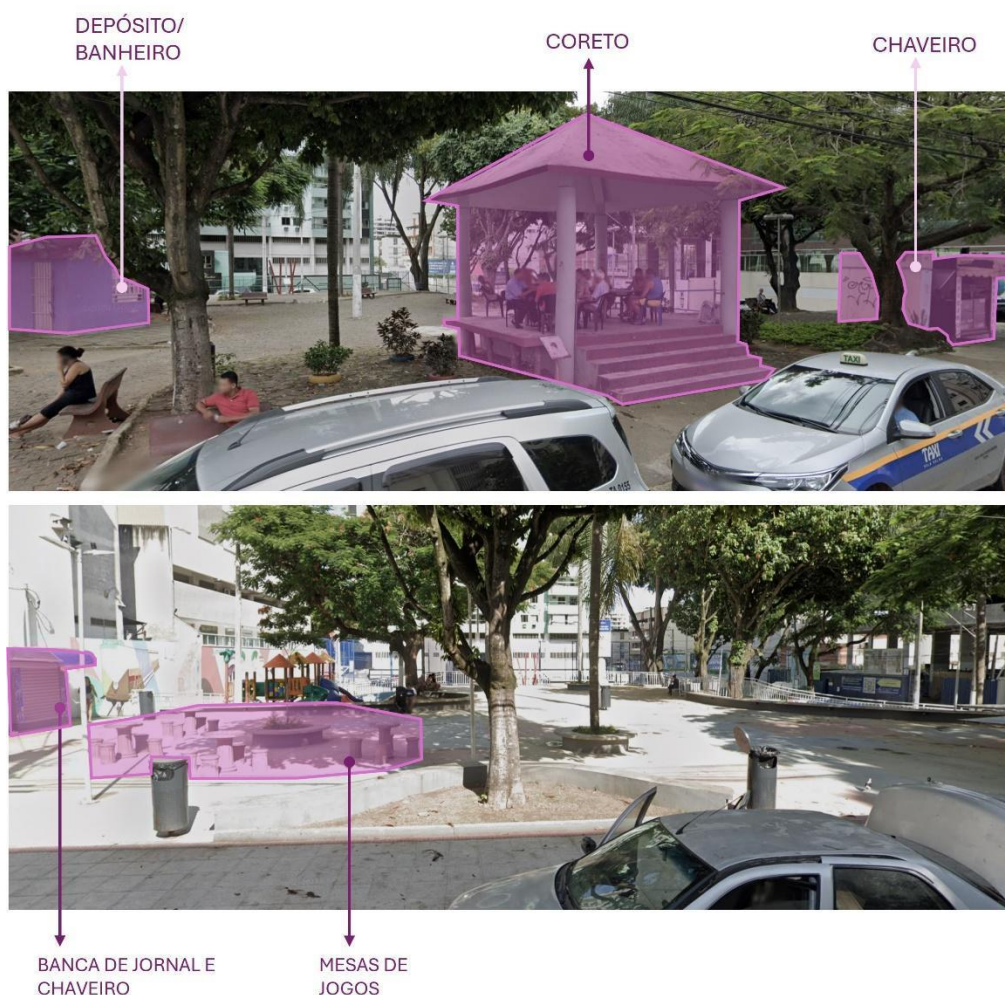
Figura 5 - Imagem da praça vista de cima



Fonte: Prefeitura, 2023

Conforme ilustrado na figura 6 e sinalizado como uma das principais intervenção na reforma da praça, foram removidas algumas construções que constituíam obstáculos visuais existentes no interior da praça, tais como o depósito/banheiro utilizado pelos feirantes ambulantes, o coreto e um quiosque de chaveiros. Observa-se na figura 6 que o coreto era frequentado por idosos para jogos e sua parte inferior também era utilizada para guarda de objetos pela população em situação de rua. Com a reforma, o coreto foi retirado e foram adicionadas mesas de concreto para jogos na mesma área.

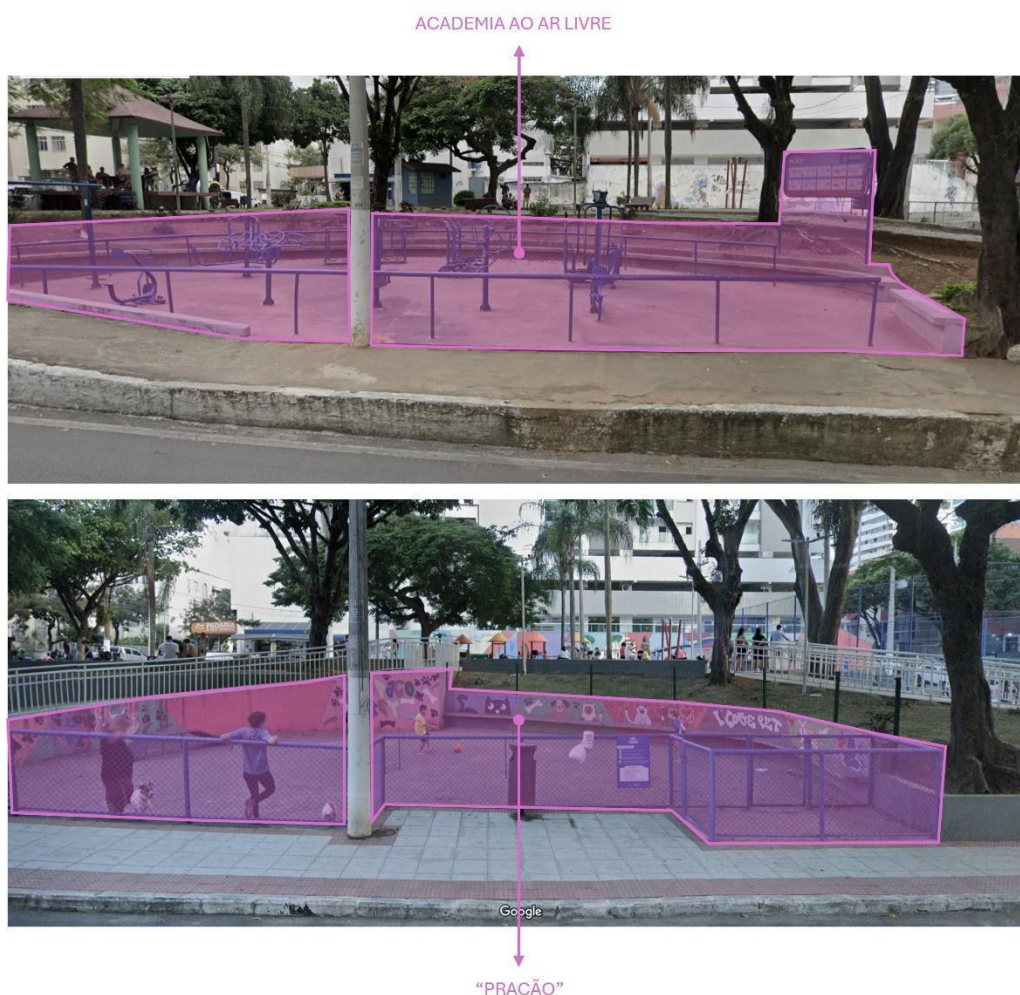
Figura 6 - Antes e depois da reforma Av. Fortaleza



Fonte: Adaptado Google Maps, 2023

Vale ressaltar também que, apesar da remoção do quiosque, uma outra estrutura foi instalada ao lado da banca de jornais (existente antes da reforma e mantida), preservando a função original. Esta mudança na retirada de elementos construtivos que eram também obstáculos visuais contribuiu para a ampliação do espaço da praça e uma maior permeabilidade visual. Conforme ilustra a figura 7, outra mudança significativa foi a substituição de equipamentos urbanos. Anteriormente, havia uma academia ao ar livre pouco utilizada que foi substituída pelo "pracão" (área pet).

Figura 7 - Antes e depois da reforma R. Maj. Nodge Ulisses de Oliveira

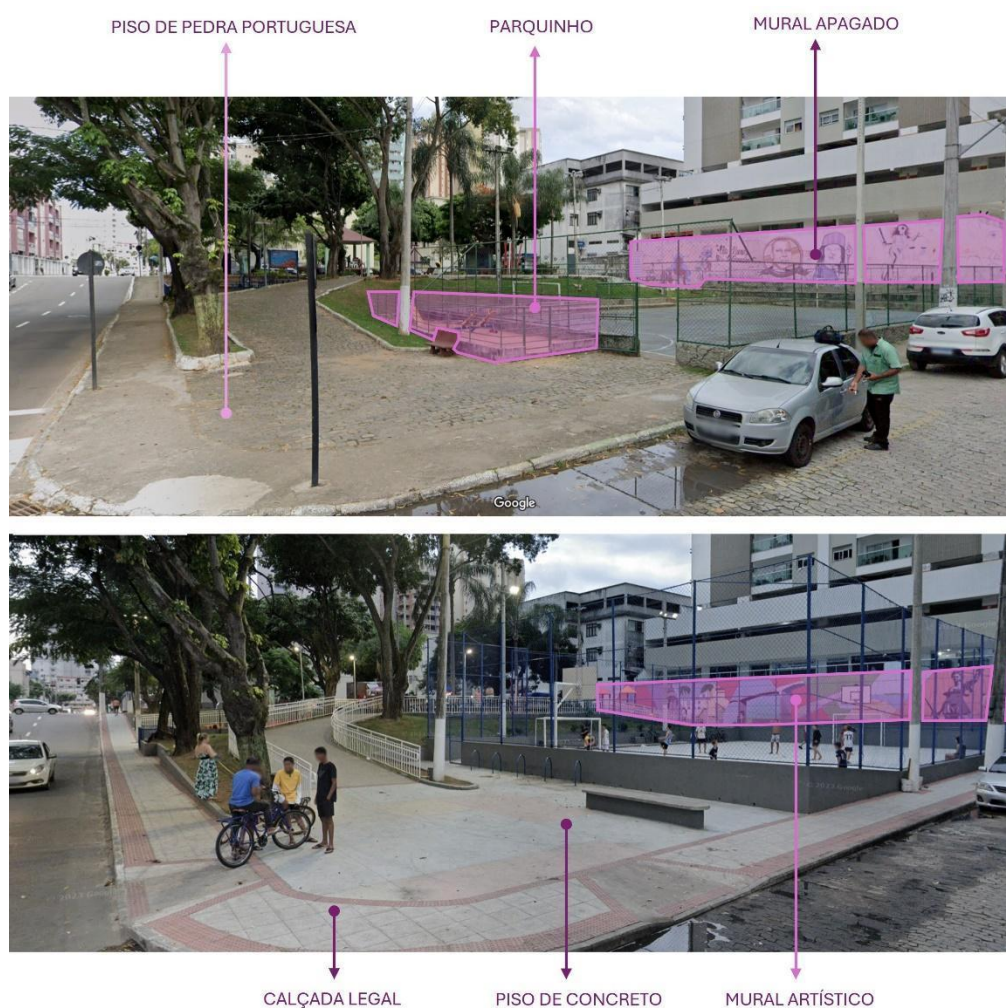


Fonte: Adaptado Google Maps, 2023

A figura 8 apresenta o antigo parquinho de areia, localizado próximo à quadra que também passou por reformas. O muro que anteriormente exibia arte estava

apagado e sem manutenção. Após a reforma, um mural artístico foi criado, retratando pontos turísticos importantes da cidade de Vila Velha, que são significativos para os moradores e a cultura local. A figura 9 também destaca a substituição do piso por concreto e a adequação da calçada para melhor acessibilidade, seguindo o padrão da prefeitura de Vila Velha, denominado 'Calçada Legal'. Esse padrão regulamenta a instalação de piso tátil, rampas de acesso e rebaixamento de calçada para cadeirantes, por exemplo.

Figura 8 - - Antes e depois da reforma R. Guanabara



Fonte: Adaptado Google Maps, 2023

Em 2019, o município de Vila Velha obteve financiamento do Fundo para o Desenvolvimento da Bacia do Prata (FONPLATA), direcionado para o Programa de

Requalificação Urbana e Melhorias Ambientais (Vila Velha, 2019). A partir desse investimento, a gestão municipal conseguiu requalificar cerca de 20 praças em um curto período (Gestão Municipal 2021-2024), com projetos elaborados principalmente pelas equipes técnicas da Secretaria de Obras e Projetos Estruturantes e da Secretaria de Desenvolvimento Urbano. No entanto, a ausência de um processo participativo com a população local durante a execução dessas reformas levanta questões sobre a efetiva inclusão das necessidades da comunidade nas decisões de planejamento.

O "Guia Parques para Todas e Todos" (2018) destaca que a participação equitativa dos diversos grupos sociais é essencial na elaboração de projetos de infraestrutura. A escuta ativa e as consultas públicas devem ser parte integrante do processo de planejamento, especialmente em projetos urbanos que envolvem a requalificação de espaços públicos. Nesse contexto, o planejamento sensível ao gênero surge como uma abordagem fundamental, promovendo a igualdade de oportunidades para todos, inclusive garantindo que as diferentes identidades sejam respeitadas e representadas nas decisões.

Em relação às praças analisadas, a reforma da Praça Agenor Moreira (P1) foi notável. Antes da reforma, ambas as praças apresentavam sinais de abandono e vandalismo, sendo utilizadas principalmente como espaços de passagem. A requalificação da P1 introduziu novos equipamentos como o "parcão", playground, quadra reformada, iluminação LED e um mural artístico, proporcionando uma revitalização significativa. Essas melhorias resultaram em um aumento no uso e na apropriação do espaço pela comunidade, refletindo positivamente na vitalidade urbana da área.

Por outro lado, a Praça Haroldo Rosa (P2), localizada em um bairro de classe média a baixa, passou por reformas mais modestas. Embora a infraestrutura tenha sido aprimorada, com melhorias no playground, quadra e academia popular, as intervenções foram menos abrangentes, o que sugere que, embora haja um movimento de renovação, as reformas ainda não atendem de forma completa às

necessidades de toda a população, especialmente no que diz respeito a questões de segurança e acessibilidade para mulheres, como será discutido na sequência.

5.2 Análise dos elementos físico-morfológicos da praça Agenor Moreira

Conforme descrito no item 4.2 Análise dos elementos físico-morfológicos, na Metodologia, nesta etapa de pesquisa, examinou-se as características físicas-morfológicas do espaço, das edificações e de seus componentes para entender como esses se interrelacionam e podem influenciar no uso e ocupação da praça pelas mulheres, incluindo aspectos intrínsecos e aqueles extrínsecos. Em relação aos aspectos intrínsecos da praça, foram analisados elementos e características diretamente relacionados ao próprio espaço interno da praça, a partir do levantamento de elementos físicos e estruturais presentes no próprio espaço da praça, tais como equipamentos e mobiliários.

No que tange aos aspectos extrínsecos, esse incluiu a observação e o levantamento da organização do espaço urbano, como a disposição da malha viária, as características das fachadas e entradas dos edifícios, a permeabilidade do ambiente urbano e a diversidade de usos do solo. É relevante enfatizar que as condições do entorno podem tanto fomentar a vitalidade dos espaços públicos e atrair pessoas, quanto dificultar o acesso e funcionar como um obstáculo à utilização desses.

Ademais, é sabido que espaços públicos de qualidade tendem a registrar uma maior taxa de ocupação, destacando a importância de seu planejamento e design para a promoção do uso ativo e inclusivo das áreas urbanas. Esta etapa de levantamento físicos-morfológicos da praça teve como referência a ferramenta de avaliação dos espaços públicos da UN-Habitat (2020), intitulada “Public. space site-specific assessment: Guidelines to achieve quality public spaces at neighbourhood level” (“Avaliação específica do local do espaço público: Diretrizes para alcançar espaços públicos de qualidade em nível de bairro” - tradução nossa).

Essa é dividida em em cinco dimensões: uso e usuário; acessibilidade; amenidades e mobiliário; conforto e segurança. Com base nessas diretrizes, foram estabelecidas as dimensões de análise deste estudo, as quais foram resumidas em uma ficha avaliativa (Apêndice C). Essas dimensões compreendem a relação específica com a praça, distinguindo entre aspectos intrínsecos e extrínsecos a ela, bem como os atributos que foram examinados dentro dessas dimensões.

Na dimensão “**Uso e usuários**” ao analisar os aspectos extrínsecos a praça, ou seja, seu entorno percebe-se que o bairro de Itapuã, onde está situada a praça Agenor Moreira possui caráter residencial multifamiliar. As edificações são verticalizadas com gabaritos que variam entre cinco e quinze pavimentos em todo o entorno imediato da praça estudada. O modelo de habitação multifamiliar, que abriga muitos moradores em uma mesma área, está se tornando cada vez mais relevante em cidades de médio e grande porte. Ao examinar os dados de densidade urbana fornecidos pelo IBGE no censo de 2010 para uma área dentro de um raio de 200 metros da praça em estudo, foi observado que a maioria dos habitantes são mulheres, totalizando 1.018 em comparação com 933 homens, resultando em um total de 1.951 habitantes.

O uso do solo em seu entorno é pouco diversificado, com predominância do uso residencial (destacado em laranja na figura 9) e com ausência de quadras com edificações com térreo ativo, ou seja, comércio ou serviço no térreo. Em volta da praça em estudo, existe poucos pontos comerciais e mistos, alguns comércios se caracterizam como padarias, lanchonetes, chaveiro e banca de revista. Além disso, existem edifícios de uso misto, nos quais diferentes tipos de atividades coexistem, como lojas e residências no mesmo espaço conforme mostra a figura 9. Alguns exemplos próximos ao local de estudo incluem restaurantes, espaços residenciais e lojas em conjunto com escritórios. Nesse sentido, edifícios de uso misto estão alinhados com o proposto na literatura, pois estimulam a diversidade de uso e, por conseguinte, a vitalidade urbana (JACOBS, 2014).

Figura 9 - Mapa de uso do solo do entorno da praça Agenor Moreira



Fonte: Autora, 2023

Ao analisar as fachadas situadas no entorno da praça Agenor Moreira, essas destacadas na figura 10, nota-se o predomínio de fachadas monótonas e fachadas inativas (evidenciadas em vermelho e amarelo na figura 10). Tal fato é decorrente da prevalência de edifícios habitacionais verticais com poucas aberturas e baixa permeabilidade física que se encontram no entorno imediato da praça, não permitindo o contato visual com o espaço público, tampouco contribuindo para os “olhos da rua”; expressão defendida por Jacobs (2014) ao indicar que ações criminosas podem ser inibidas pelos moradores que observarem o espaço público. Em relação aos elementos morfológicos extrínsecos a ela, ou seja, as características físicas e estruturais que a circundam ou estão adjacentes a ela, percebemos que são elementos que fazem parte do contexto físico imediato da praça, mas não fazem parte

de sua composição direta. Esses elementos influenciam a percepção, uso e função da praça, contribuindo para sua integração no ambiente urbano mais amplo.

Figura 10 - Mapa de fachadas do entorno da praça Agenor Moreira



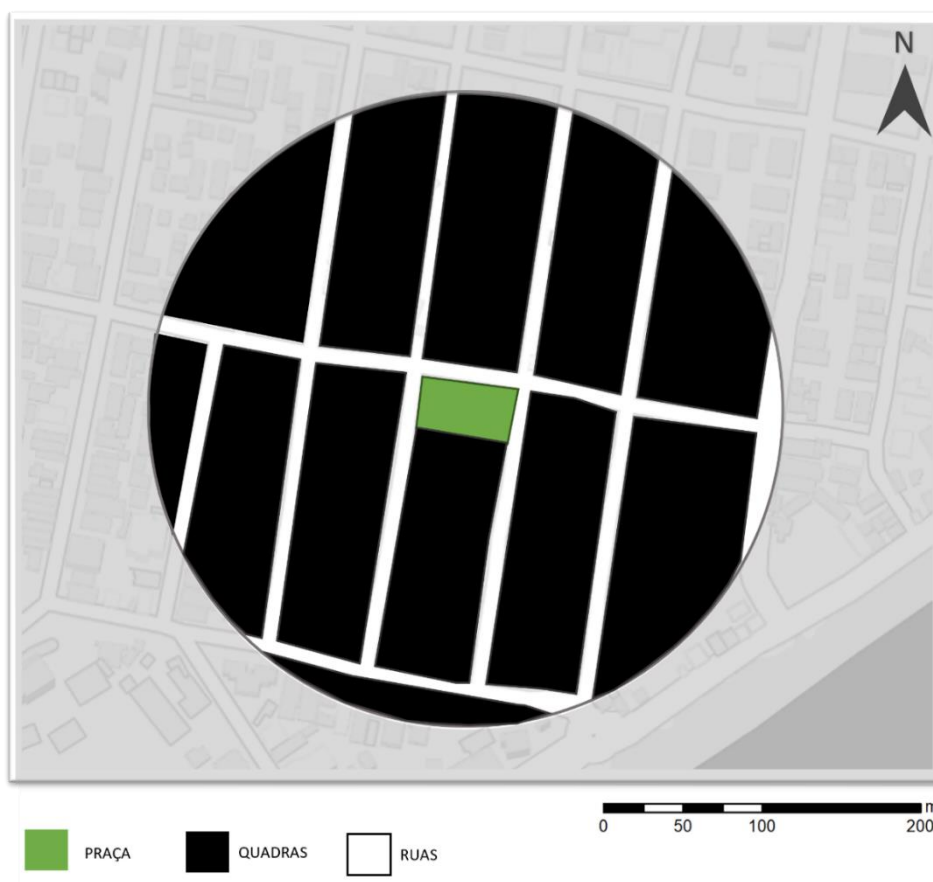
Fonte: Autora, 2023

A classificação das fachadas pode ser analisada sob diferentes perspectivas, destacando seu impacto na interação com o espaço público. Gehl (2014) distingue entre fachadas ativas e passivas. As fachadas ativas são aquelas que estimulam a interação social, apresentando elementos como vitrines, portas e áreas comerciais, contribuindo para ruas mais dinâmicas e convidativas. Em contraste, as fachadas passivas são mais fechadas, com menos aberturas, o que resulta em um ambiente menos estimulante para os pedestres.

Além dessa classificação, a pesquisa incorpora outras tipologias de fachada, como a fachada monótona, que se caracteriza pela repetição excessiva de elementos, criando um efeito visual monótono e sem diversidade. Por outro lado, a fachada

inativa, exemplificada por muros cegos, não contribui para a vitalidade urbana, pois não oferece aberturas para o espaço público e carece de interação visual com a rua. Para avaliar a relação entre os edifícios e o espaço público, foi realizado um mapeamento das aberturas, como portas, portões e janelas, para identificar como essas características influenciam a qualidade do espaço urbano e a interação das pessoas com ele.

Figura 11 - Mapa figura e fundo quadra do entorno da praça Agenor Moreira



Fonte: Autora, 2023

Ao analisar as dimensões das quadras, nota-se na figura 11 a predominância de quadras consideradas curtas, com formato retangular (aproximadamente 65 x 190 metros), que têm menos de 200 metros de extensão. Essa distância é considerada adequada para promover a caminhabilidade, diversidade de trajetos e acesso à praça, o que contribui para a segurança dos moradores que se deslocam a pé ou de bicicleta pelo bairro. Tal fator vai ao encontro da ideia defendida por Jacobs (2014) de que as

quadras curtas proporcionam oportunidades frequentes de virar as esquinas e incentivam os deslocamentos a pé.

Ao analisar os aspectos intrínsecos à praça, ou seja, aqueles que são inerentes a praça em si, percebe-se que há presente, no interior da praça, de atividades comerciais fixas (banca de jornal e chaveiro) e transitórios como é o caso de barracas e carrinhos de comida que se instalam à noite e nos finais de semana, tanto na praça quanto nas calçadas em frente a ela. Tendo em vista que o comércio atrai pessoas, essa característica vem aumentar a vigilância natural e auxiliar na sensação de segurança, em especial à noite e nos finais de semana, quando o comércio acontece em maior escala.

Há ainda atividades inclusivas para mais de uma faixa etária, no caso, crianças e idosos, porém não há atividades inclusivas para crianças com deficiência ou bebês, por exemplo. A respeito de atividades não planejadas há aulas coletivas de zumba organizadas pela comunidade e ocasionalmente eventos culturais organizados pela prefeitura. Não há sinais de restrição de uso como placas de “não pise na grama” nem apropriações comunitárias como hortas, canteiros etc.

Na dimensão “**acesso e acessibilidade**” ao analisar os aspectos extrínsecos a praça, percebe-se que a maioria das calçadas do entorno imediato não são acessíveis e não seguem as normas das ABNT NBR 905, além de estarem em más condições de manutenção o que dificulta o acesso a praça (Figura 12). Ainda sobre acesso, a praça possui dois paraciclos, há presença de pontos de ônibus no entorno, assim como, ciclovias próximas facilita o acesso à praça e consequente usos dela.

Em relação ao acesso e à acessibilidade, é essencial reconhecer que o debate emergente nos estudos acadêmicos e na formulação de políticas públicas enfatiza a importância de integrar a perspectiva de gênero com outros marcadores sociais, como

raça, classe, idade e deficiência, por meio de uma abordagem interseccional ². Essa integração é fundamental para abordar as complexas desigualdades na construção de um espaço urbano verdadeiramente democrático.

Figura 12 - Acessibilidade e comércio praça Agenor Moreira



Fonte: Autora, 2023

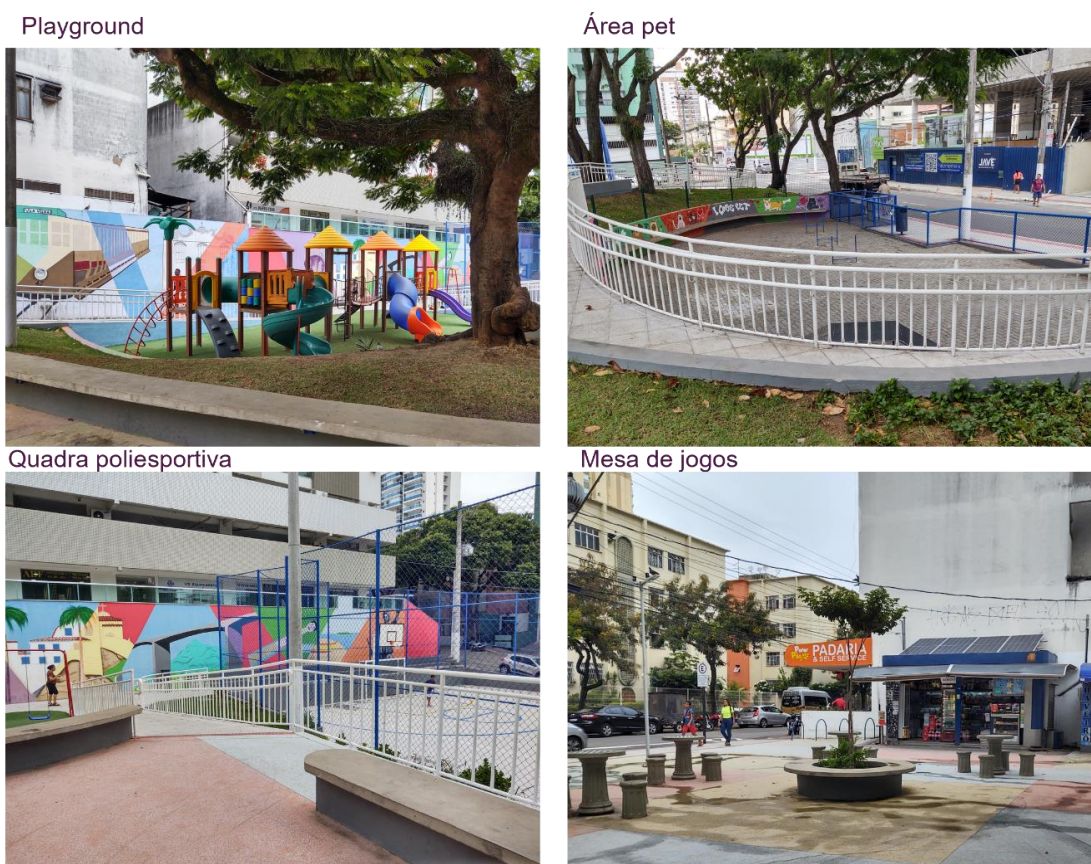
A P1 apresentou melhorias após a reforma, tornando a circulação mais acessível para todos os públicos. No entanto, ainda há desafios a serem enfrentados, como a acessibilidade dos equipamentos e mobiliários, bem como a falta de vagas de estacionamento para pessoas com deficiência. Já P2, embora a calçada perimetral tenha sido reformada, as calçadas do entorno de ambas as praças não são acessíveis, e a pavimentação da praça continuou em piso intertravado, que dificulta o deslocamento, em especial de idosos, mulheres grávidas, crianças pequenas, cadeirantes e carrinhos de bebê. Entre os meios de locomoção, as mulheres utilizam mais o transporte coletivo (43,5%) e o deslocamento a pé (32,5%), ao passo que os

² Interseccionalidade, um termo cunhado por Crenshaw (1989), descreve a sobreposição e interseção de diversas formas de discriminação e opressão, com foco particular nas experiências das mulheres negras. No entanto, esse conceito tem sido expandido para abordar outros marcadores sociais, promovendo um debate mais amplo sobre a complexidade das relações que geram desigualdades e vulnerabilidades.

homens utilizam mais o transporte individual, especialmente carros próprios. Mulheres com menor renda familiar tendem a andar mais a pé e usar ônibus; por outro lado, mulheres de alta renda optam mais pelo transporte individual, conforme Pesquisa Origem e Destino 2017 (PMSP/SDMU, 2020). É imperativo considerar o acesso às praças.

A respeito do desenho universal e da acessibilidade no interior da praça Agenor Moreira, percebe-se (Figura 12) que o piso é nivelado, regular e não trepidante, com percursos e passagens que ligam os equipamentos com largura 1,50m ou superior. Entretanto, apesar da existência de rampas de acesso nas travessias com sinalização tátil de alerta em todo o perímetro e essas estarem conectadas a faixas de pedestres, as calçadas paralelas e do entorno, inclusive as situadas no outro lado da rua, não estão em boas condições para incentivar a caminhabilidade e permitir a chegada até a praça Agenor Moreira.

Figura 13 - Amenidades e mobiliário praça Agenor Moreira



Fonte: Autora, 2023

Na dimensão “**Amenidades e mobiliário**” percebe-se que não há banheiros, torneiras ou bebedouros. Os equipamentos, por sua vez, são o *playground*, quadra e pet park. Existem ainda mesas de jogos de dama e xadrez, uma banca de revistas e um chaveiro lado a lado que proporcionam outras possibilidades de atividades (Figura 13).

Ao analisar a dimensão “**conforto**”, percebe-se que é uma praça bem arborizada (figura 14) e bem sombreada o que auxilia na sensação de conforto térmico e no microclima local. Há canteiros gramados, no entanto, não há uma diversidade de vegetação como arbustos e flores. A manutenção e limpeza da praça está em boas condições, durante uma das visitas foi observado que há funcionários da prefeitura limpando a praça. Devido a presença das árvores, é possível ouvir sons naturais de pássaros e do vento nas folhas, porém, o que predomina é o ruído mecânico de veículos devido ao fluxo intenso.

Figura 14 - Arborização praça Agenor Moreira



Fonte: Google Maps, 2023

A respeito da “**segurança**”, a praça Agenor se encontra em bom estado de conservação, com ausência de sinais evidentes de vandalismo ou depredação. Contudo, conforme destacado por Soares e Saboya (2019), a falta de manutenção e sinais de negligência, como lixo acumulado, mobiliário urbano danificado e pisos deteriorados, podem gerar uma percepção de insegurança. Quando isso ocorre, o espaço tende a ser evitado pelos usuários, resultando em sua ociosidade. Além disso, a falta de controle social visível nesses espaços pode ser interpretada por potenciais criminosos como uma oportunidade para ações ilícitas, aumentando sua vulnerabilidade (Soares; Saboya, 2019).

Assim, observou-se que a praça não conta com câmeras de segurança em seu interior, mas há câmeras instaladas nas edificações ao redor. As fachadas das construções no entorno imediato apresentam trechos com maior permeabilidade, mas predominam-se aquelas mais inativas, com muro cego. Atualmente, em frente a praça existe uma obra em andamento, onde uma edificação está coberta por tapumes, além de um terreno vazio também com tapume.

Desde a reforma, que garantiu a remoção de uma edificação de apoio aos comerciantes e do coreto, não existem mais estruturas que atuam como obstáculos visuais. Entretanto, a praça possui desníveis, o que compromete a legibilidade do espaço, impossibilitando, por exemplo, a visualização completa da praça de uma única vez. A praça, por sua vez, apresenta iluminação adequada e há postes no nível do pedestre e iluminação decorativa no chão, entretanto a iluminação do entorno é precária apenas direcionada a rua, resultando em espaços mais escuros em alguns trechos.

A respeito da vigilância organizada observou-se que a ronda policial e que a viatura, por vezes, fica estacionada na praça (figura 15), no entanto, não há demarcação de estacionamento para viatura nem posto policial nas proximidades. Compreende-se que a presença de autoridades pode inibir a ação criminosa, no

entanto, é necessário fazer um recorte interseccional sobre esse tema. Algumas pessoas, inclusive, mulheres negras podem não se sentir seguras com a presença dessas autoridades haja visto o histórico de abordagem violenta com pessoas negras.

Figura 15 - Viatura praça Agenor Moreira



Fonte: autora, 2023

Em estudo realizado por Carvalho (2022) sobre a violência policial contra mulheres foi observado que 83% das vítimas da letalidade policial eram mulheres negras. A autora fez uma análise de uma amostra de notícias e o estudo revela que as mulheres enfrentam violências cotidianas praticadas por agentes da segurança pública. Essas manifestações violentas ocorrem em espaços públicos, manifestando-se de forma física e verbal. As agressões verbais, em particular, são marcadas por uma conotação sexista, racista e transfóbica. Carvalho (2022) ressalta, ainda, que dos 22 casos analisados, 8 notícias não mencionam a identidade racial da vítima, representando 36,4% da amostra. Entre as matérias que possibilitaram a apreensão dessa categoria de análise, 11 delas relatam vítimas negras (50%), enquanto 3 abordam vítimas brancas (13,6%).

Em termos de mobilidade e segurança viária, foram analisadas as quadras, a tipologia das vias e a presença do transporte público e da infraestrutura cicloviária no

entorno. Quanto às vias, a praça Agenor Moreira está situada em um local atravessado por ruas asfaltadas de tráfego intenso, incluindo uma via classificada como coletora, frequentemente usada para conectar vias principais que ligam a orla à Universidade e a um dos principais shoppings da cidade.

Apesar da velocidade máxima permitida no entorno ser de 30km/h, uma vulnerabilidade notável é a ausência de semáforos nos cruzamentos da praça, o que dificulta o acesso e representa um risco para os pedestres, em especial os mais vulneráveis como mulheres com crianças. Próximo à praça Agenor Moreira, foram encontrados três pontos de ônibus, situados a uma quadra de distância do local. É importante destacar que pontos de ônibus em áreas distantes e isoladas podem expor as mulheres a um maior risco de assaltos, assédios e outros crimes, especialmente durante a noite. A ausência de iluminação adequada e a escassez de presença humana nas proximidades podem agravar essa situação de vulnerabilidade. O quadro 4 apresenta um resumo da análise de acordo com as dimensões.

Quadro 1 - Resumo da análise físico-morfológica da praça Agenor Moreira (continua)

Dimensão	Observações
Uso e usuários	Bairro residencial multifamiliar, com edificações verticalizadas de cinco a quinze pavimentos. Predominância de uso residencial no entorno da praça, com poucos pontos comerciais e mistos. Presença de edifícios de uso misto, alinhados com a vitalidade urbana. Predomínio de fachadas monótonas e inativas, decorrente da prevalência de edifícios habitacionais verticais. Quadras consideradas curtas, promovendo caminhabilidade e segurança.
Aspectos Extrínsecos	
Aspectos Intrínsecos	Presença de atividades comerciais fixas e transitórias no interior da praça, aumentando a vigilância natural e a sensação de segurança. Atividades inclusivas para crianças e idosos, porém ausência de atividades inclusivas para crianças com deficiência ou bebês. Ocorrência de atividades não planejadas, como aulas de zumba e eventos culturais. Ausência de restrições de uso e apropriações comunitárias.

Quadro 1 - Resumo da análise físico-morfológica da praça Agenor Moreira (continua)	
Acessibilidade	Maioria das calçadas do entorno imediato não são acessíveis e não seguem as normas das ABNT NBR 9050, além de estarem em más condições de manutenção, dificultando o acesso à praça. Presença de dois paraciclos na praça, pontos de ônibus no entorno e ciclovia próxima, facilitando o acesso à praça e seus usos.
Aspectos Extrínsecos	
Aspectos Intrínsecos	No interior da praça, o piso é nivelado, regular e não trepidante, com percursos e passagens que ligam os equipamentos com largura 1,50m ou superior. Existência de rampas de acesso nas travessias com sinalização tátil de alerta em todo o perímetro, conectadas a faixas de pedestres. Entretanto, as calçadas paralelas e do entorno, incluindo as situadas no outro lado da rua, não estão em boas condições para incentivar a acessibilidade.
Amenidades e mobiliário	Ausência de banheiros, torneiras ou bebedouros na praça, o que pode limitar o conforto e a conveniência dos frequentadores. Equipamentos presentes incluem um playground, quadra e pet park, proporcionando opções de lazer para diferentes públicos. Presença de mesas de jogos de dama e xadrez, banca de revistas e chaveiro, oferecendo outras possibilidades de atividades e interação na praça.
Aspectos Intrínsecos	
Conforto	Praça bem arborizada e sombreada, auxiliando na sensação de conforto térmico e no microclima local. Presença de canteiros gramados, porém, falta diversidade de vegetação como arbustos e flores. Boas condições de manutenção e limpeza. Presença de sons naturais de pássaros e vento devido à presença das árvores, porém, predominância do ruído mecânico de veículos devido ao fluxo intenso.
Aspectos Intrínsecos	
Segurança	Praça Agenor se encontra em bom estado de manutenção, sem sinais de vandalismo ou depredação. Ausência de câmeras de segurança no interior da praça, mas câmeras instaladas nas edificações ao redor. Predominância de fachadas inativas no entorno, com trechos de maior permeabilidade. Presença de obra em andamento em frente à praça, coberta por tapumes, além de terreno vazio também com tapume. Desníveis na praça comprometem a legibilidade do espaço, impossibilitando a visualização completa de uma única vez. Praça apresenta iluminação adequada, com postes no nível do pedestre e iluminação decorativa no chão, porém iluminação do entorno é precária, resultando em espaços mais escuros em alguns trechos.
Aspectos Intrínsecos	

Quadro 1 - Resumo da análise físico-morfológica da praça Agenor Moreira (conclusão)	
Aspectos Extrínsecos	Presença de ronda policial na praça, com viatura por vezes estacionada, porém sem demarcação de estacionamento para viatura nem posto policial nas proximidades. Compreende-se que a presença de autoridades pode inibir a ação criminosa, mas é necessário considerar a percepção de segurança de diferentes grupos, como mulheres negras, que podem não se sentir seguras com essa presença devido ao histórico de abordagem violenta.
Fonte: autora, 2023.	

5.3 Análise comportamental da praça Agenor Moreira

A pesquisa de campo realizada nesta investigação adotou uma abordagem etnográfica, que, conforme Gil (2010), é caracterizada pela observação participante e pela imersão do pesquisador no ambiente estudado para compreender os comportamentos e as interações dos indivíduos com seu contexto. Essa metodologia permite uma análise detalhada das dinâmicas sociais e culturais, considerando os significados atribuídos pelos participantes a um determinado espaço. No contexto desta pesquisa, a etnografia foi empregada para explorar de maneira profunda como as mulheres utilizam as praças e interagem com o espaço urbano, levando em conta as especificidades de gênero e outros fatores sociais.

Nesse sentido, as observações do mapeamento comportamental foram realizadas no período de dezembro de 2023, abrangendo diferentes horários ao longo da semana, incluindo manhã, tarde e noite, e um final de semana. As observações foram distribuídas em dois dias de semana e um dia de final de semana, totalizando 15 minutos de observação em cada praça, com o intuito de identificar os padrões de uso, a presença das mulheres e os comportamentos adotados por elas em diferentes momentos do dia.

A partir dessas observações, foram elaborados mapas comportamentais que sintetizam a distribuição dos usuários no espaço e suas interações, com o objetivo de fornecer uma visão mais detalhada sobre a apropriação das praças e os aspectos relacionados ao comportamento das mulheres em diferentes contextos de uso. Além disso, os dados coletados foram organizados em um quadro comparativo que permite uma análise mais clara das variações observadas entre os diferentes horários e dias da semana.

Durante a semana e pela manhã, observou-se uma maior concentração de pessoas idosas, predominantemente homens, que se reuniam para socialização e lazer ativo, com destaque para jogos de carta e tabuleiro. Este comportamento pode ser interpretado como uma manifestação de socialização típica de um grupo etário que, em muitos casos, se vê mais limitado em suas opções de lazer. Por outro lado, as mulheres idosas, mais visíveis ao longo das manhãs, estavam predominantemente envolvidas em atividades de cuidado, especialmente com crianças. Este padrão reflete a divisão de gênero ainda presente em muitas sociedades, onde as mulheres, mesmo em idades mais avançadas, continuam a ser as principais responsáveis pelos cuidados familiares, o que restringe seu envolvimento em outras formas de lazer social.

No caso das mulheres adultas, observou-se uma tendência clara de concentração em áreas próximas ao playground, acompanhando as crianças pequenas, e ao mesmo tempo formando grupos de socialização. Esse comportamento parece refletir uma sobrecarga de responsabilidades, onde o cuidado das crianças não apenas ocupa grande parte de seu tempo, mas também as coloca em uma posição de interação social mais restrita, já que seu papel é muitas vezes visto como parte de uma responsabilidade familiar, não necessariamente de lazer.

Interessante também foi notar que as atividades de socialização eram frequentemente intermediadas por outras responsabilidades, como o cuidado com os filhos ou passeios com pets. A praça, portanto, funcionava não apenas como um espaço de lazer, mas também como um ponto de cumprimento de obrigações diárias.

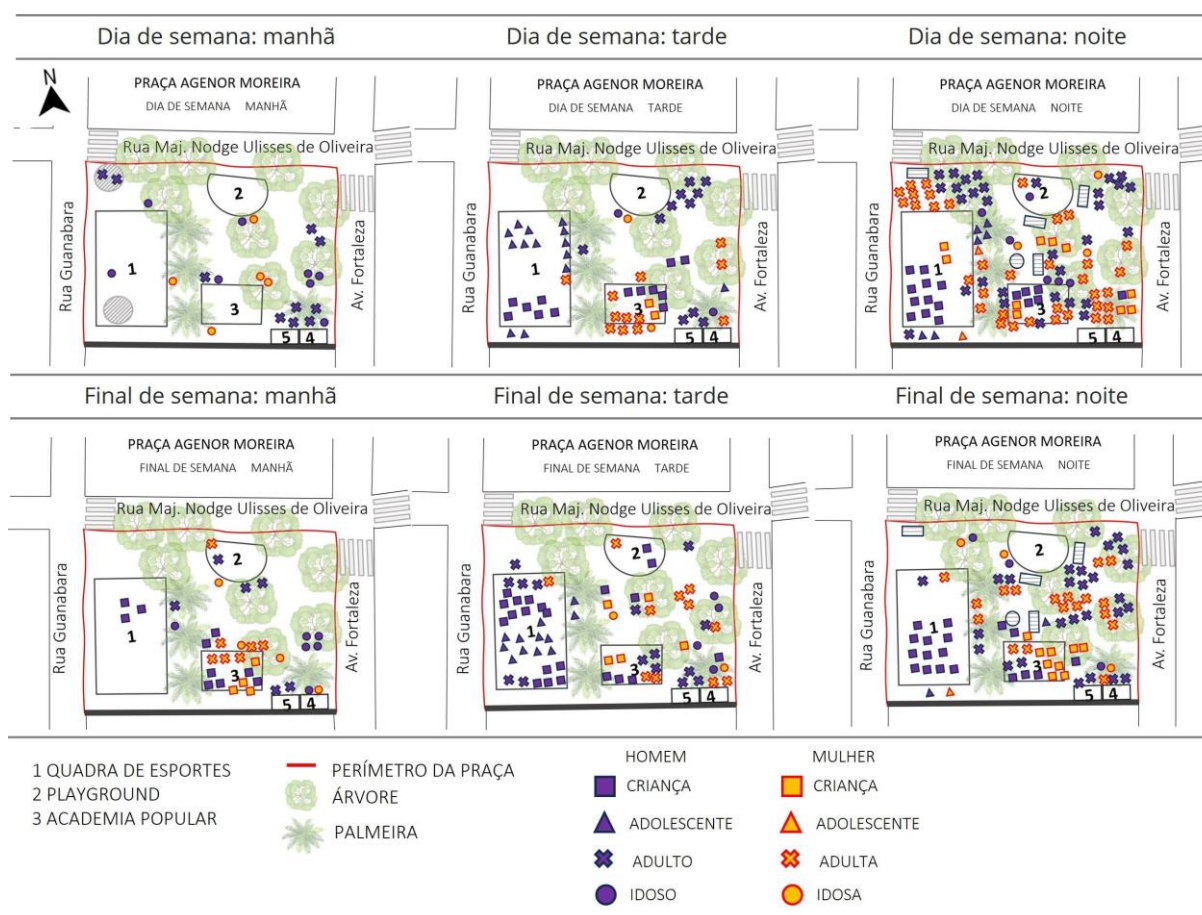
Esta observação abre uma reflexão importante sobre como o espaço público, muitas vezes, é apropriado para múltiplos usos, alguns deles impostos pela necessidade e não pela escolha.

Além disso, outras dinâmicas da praça foram evidentes durante as observações. Muitos indivíduos estavam sentados nos bancos próximos à banca de jornal, outros circulavam pela praça ou se encontravam com vizinhos para breves conversas. Essas interações curtas indicam que, para muitos, a praça é um ponto de socialização cotidiana, mas não necessariamente de lazer prolongado. A presença de usuários de celular também foi notada, mostrando a inserção de tecnologias no comportamento social, o que, por um lado, indica o distanciamento das interações face a face, mas também traz à tona uma forma moderna de apropriação do espaço.

A presença de funcionários de limpeza pública durante a pesquisa é uma variável importante, pois, apesar de ser essencial para a manutenção da praça, essa presença também evidencia uma relação de controle sobre o espaço, o que pode gerar uma sensação de monitoramento para alguns usuários. De fato, a limpeza, embora crucial, pode ser vista como uma tentativa de "regulamentar" o uso do espaço, influenciando a maneira como ele é vivenciado.

Finalmente, foi observada a presença de pessoas em situação de rua, especialmente homens adultos, que se agrupavam em um banco na extremidade da praça. A presença de uma mulher idosa, que esteve tanto nos dias da semana quanto no final de semana, é uma característica que também reflete a marginalização das mulheres em situações de vulnerabilidade, que muitas vezes não possuem os mesmos espaços de acolhimento e proteção. A praça, nesse sentido, não apenas serve como espaço de convivência e lazer, mas também como reflexo das desigualdades sociais e das dinâmicas de exclusão que ainda permeiam muitos contextos urbanos.

Quadro 5 - Mapas comportamentais dos dias de semana e fins de semana (manhã, tarde e noite) da praça Agenor Moreira (P1).



Fonte: elaborado pela autora com auxílio do software PowerPoint, 2023.

Durante a manhã, em dias de semana, a frequência na quadra poliesportiva foi consideravelmente baixa, como indicado pelos mapas comportamentais (Quadro 5). A quadra, de fato, parece ser um espaço predominantemente masculino, com crianças, adolescentes e adultos do sexo masculino usando o espaço para atividades esportivas. As meninas presentes geralmente brincavam isoladas ou apenas observavam os jogos, refletindo uma possível limitação no uso desse equipamento para o público feminino. A observação sugere que as atividades de lazer esportivo continuam a ser vistas como uma esfera predominantemente masculina, o que pode

ser um reflexo das normas sociais e culturais que ainda delimitam as opções de lazer para mulheres em espaços públicos.

Além disso, os mapas comportamentais indicam que, durante o período da manhã e tarde, muitos frequentadores da praça, especialmente adultos e idosos, se limitavam a passar pela praça para compras rápidas, como na banca de jornal ou padaria, e logo se retiravam. Notou-se que as mulheres, muitas vezes, realizavam essas compras com rapidez, o que pode sugerir uma tentativa de evitar permanecer por longos períodos em um ambiente que, aparentemente, não oferece uma variedade de atividades ou serviços que incentivem a permanência. A presença de bolsas, sacolas ou carrinhos de bebê, principalmente entre as mulheres que circulavam sozinhas, pode ser interpretada como um reflexo das funções tradicionalmente associadas às mulheres, como cuidadoras ou responsáveis pelas compras domésticas, o que reforça a ideia de uma carga adicional de responsabilidades que ainda recai sobre elas, mesmo em espaços públicos de lazer.

À noite, a praça se transforma com a presença dos foodtrucks e atrações como o pula-pula, atraindo tanto homens quanto mulheres, mas com uma dinâmica de comportamento distinta. As mulheres, apesar de estarem presentes em maior número para o cuidado das crianças, pareciam manter um papel mais ativo e vigilante, contrastando com a postura mais relaxada dos homens. Esse padrão comportamental pode refletir a continuidade de expectativas sociais de que as mulheres desempenham papéis de cuidado, mesmo em contextos de lazer. Isso sugere que, embora a praça ofereça um ambiente mais diversificado à noite, a divisão de papéis entre os gêneros permanece visível, com as mulheres assumindo principalmente responsabilidades cuidadoras, enquanto os homens parecem ter maior liberdade para um lazer mais descontraído.

Além disso, foi observado um público considerável de adolescentes na praça durante a noite, especialmente em torno da quadra. As meninas adolescentes tendiam a se agrupar, observando os jogos ou socializando entre si. Embora o ambiente da

praça ofereça um espaço para essas jovens, o papel das meninas nas interações sociais parece ser mais passivo em relação ao uso ativo da quadra, o que pode refletir uma dinâmica de gênero mais restritiva, onde meninas são mais observadoras do que participantes ativas nas atividades esportivas. Essa observação também reforça a ideia de que as atividades esportivas em espaços públicos ainda são, de maneira geral, mais voltadas para o público masculino.

Por fim, a análise da contagem de pessoas por gênero e faixa etária revelou uma predominância masculina na praça, especialmente durante a noite, quando as mulheres se apresentam em menor número, provavelmente devido à divisão de tempo e responsabilidades entre trabalho e cuidados familiares. A presença dos foodtrucks parece ter atraído mais público à tarde e à noite, o que indica que as atividades comerciais, como alimentação, têm um impacto significativo na movimentação de pessoas no espaço público. A praça, então, se revela como um espaço multifacetado, mas também com claras distinções nas formas de uso e apropriação, que refletem as dinâmicas sociais e de gênero prevalentes.

Durante a manhã, em dias de semana, a frequência na quadra poliesportiva foi consideravelmente baixa, como indicado pelos mapas comportamentais (Quadro 5). A quadra, de fato, parece ser um espaço predominantemente masculino, com crianças, adolescentes e adultos do sexo masculino usando o espaço para atividades esportivas. As meninas presentes geralmente brincavam isoladas ou apenas observavam os jogos, refletindo uma possível limitação no uso desse equipamento para o público feminino. A observação sugere que as atividades de lazer esportivo continuam a ser vistas como uma esfera predominantemente masculina, o que pode ser um reflexo das normas sociais e culturais que ainda delimitam as opções de lazer para mulheres em espaços públicos.

Além disso, os mapas comportamentais indicam que, durante o período da manhã e tarde, muitos frequentadores da praça, especialmente adultos e idosos, se limitavam a passar pela praça para compras rápidas, como na banca de jornal ou

padaria, e logo se retiravam. Notou-se que as mulheres, muitas vezes, realizavam essas compras com rapidez, o que pode sugerir uma tentativa de evitar permanecer por longos períodos em um ambiente que, aparentemente, não oferece uma variedade de atividades ou serviços que incentivem a permanência. A presença de bolsas, sacolas ou carrinhos de bebê, principalmente entre as mulheres que circulavam sozinhas, pode ser interpretada como um reflexo das funções tradicionalmente associadas às mulheres, como cuidadoras ou responsáveis pelas compras domésticas, o que reforça a ideia de uma carga adicional de responsabilidades que ainda recai sobre elas, mesmo em espaços públicos de lazer.

À noite, a praça se transforma com a presença dos foodtrucks e atrações como o pula-pula, atraindo tanto homens quanto mulheres, mas com uma dinâmica de comportamento distinta. As mulheres, apesar de estarem presentes em maior número para o cuidado das crianças, pareciam manter um papel mais ativo e vigilante, contrastando com a postura mais relaxada dos homens. Esse padrão comportamental pode refletir a continuidade de expectativas sociais de que as mulheres desempenham papéis de cuidado, mesmo em contextos de lazer. Isso sugere que, embora a praça ofereça um ambiente mais diversificado à noite, a divisão de papéis entre os gêneros permanece visível, com as mulheres assumindo principalmente responsabilidades cuidadoras, enquanto os homens parecem ter maior liberdade para um lazer mais descontraído.

Além disso, foi observado um público considerável de adolescentes na praça durante a noite, especialmente em torno da quadra. As meninas adolescentes tendiam a se agrupar, observando os jogos ou socializando entre si. Embora o ambiente da praça ofereça um espaço para essas jovens, o papel das meninas nas interações sociais parece ser mais passivo em relação ao uso ativo da quadra, o que pode refletir uma dinâmica de gênero mais restritiva, onde meninas são mais observadoras do que participantes ativas nas atividades esportivas. Essa observação também reforça a ideia de que as atividades esportivas em espaços públicos ainda são, de maneira geral, mais voltadas para o público masculino.

Por fim, a análise da contagem de pessoas por gênero e faixa etária revelou uma predominância masculina na praça, especialmente durante a noite, quando as mulheres se apresentam em menor número, provavelmente devido à divisão de tempo e responsabilidades entre trabalho e cuidados familiares. A presença dos foodtrucks parece ter atraído mais público à tarde e à noite, o que indica que as atividades comerciais, como alimentação, têm um impacto significativo na movimentação de pessoas no espaço público. A praça, então, se revela como um espaço multifacetado, mas também com claras distinções nas formas de uso e apropriação, que refletem as dinâmicas sociais e de gênero prevalentes.

As meninas adolescentes são visivelmente menos representadas no gráfico 1 de frequência de público, especialmente à tarde, em comparação aos meninos. Esse dado sugere que os meninos parecem ter maior autonomia e liberdade para frequentar os espaços públicos, o que pode estar relacionado com normas sociais e expectativas de comportamento de gênero. Enquanto os meninos podem se deslocar com mais liberdade, as meninas podem estar mais limitadas em suas idas a esses locais, ou talvez optem por outras formas de socialização mais restritas, o que reflete uma disparidade no acesso e no uso do espaço público.

No final de semana, o cenário observado nas praças permanece em grande parte o mesmo de durante a semana, com um movimento de pessoas mais baixo pela manhã e uma maior presença de idosos, conforme apresentado no Gráfico 1. Esse padrão pode ser atribuído ao ritmo mais calmo das manhãs de sábado e domingo, com as pessoas mais velhas aproveitando a tranquilidade do espaço para socialização e lazer.

Gráfico 1 - Contagem de pessoas na praça Agenor Moreira/



Fonte: autora, 2023

Outro ponto importante observado foi o comportamento de crianças e adolescentes na quadra, particularmente os meninos, que frequentemente estavam desacompanhados de tutores. Isso não foi observado entre as meninas e adolescentes, que, ao contrário, pareciam mais acompanhadas ou envolvidas em atividades supervisionadas. Esse comportamento pode ser uma evidência de uma diferença na percepção de segurança e na liberdade para frequentar certos espaços, uma vez que, culturalmente, meninas e mulheres podem ser mais vigiadas ou restringidas no uso do espaço público, especialmente em atividades que envolvem maior liberdade de movimentação, como o esporte.

No final de semana há uma quantidade significativa de pessoas na praça, ainda que muitas famílias frequentem, a proporção de homens resulta maior como mostra o gráfico 1. No final de semana há uma proporção maior de homens, representando 66% do total, em comparação com 34% de mulheres. As meninas observadas na praça, por vezes, estavam no centro dela brincando de patins, ou de bola próximo aos pais que se encontravam sentados nas mesas postas pelos foodtrucks (figura 15). A figura também mostra os foodtrucks e pula-pula que ocupam o centro da praça, assim como uma instalação com um palco para um evento cultural que ocorreu na praça. O comércio transitório, com os mencionados acima, funcionam a tarde e à noite e há uma variedade entre os comerciantes que ocupam nos diferentes turnos.

No que diz respeito às atividades realizadas na praça, observou-se que o lazer contemplativo, caracterizado por uma atividade passiva de descanso e apreciação da paisagem, não ocorre com muita frequência. Entretanto, pela manhã, alguns idosos participam dessa atividade de forma breve. Essa prática matinal de lazer contemplativo é breve e não se prolonga por muito tempo. Durante a manhã, os idosos participam de atividades de lazer ativo, como jogos e interações sociais, além de realizar compras na banca de jornal.

As idosas, por sua vez, dedicam-se ao cuidado das crianças durante a manhã e interagem socialmente. As mulheres adultas são responsáveis pelo cuidado das crianças em todos os turnos, sendo mais numerosas pela manhã e à tarde. Além

disso, elas interagem entre si ou por meio de dispositivos celulares. À noite, mesmo com a presença de famílias e mais homens na praça, as mulheres continuam a cuidar das crianças, mesmo estando em momentos de lazer, descanso ou alimentação.

Figura 16 - Atividades na praça Agenor Moreira



Fonte: autora, 2023

A figura 16 ilustra pessoas fazendo um lanche ou piquenique na grama ao lado do playground, possibilitando a realização dessas atividades enquanto cuidam das crianças. As adolescentes não são frequentes na praça, mas tendem a se sentar e interagir próximo à quadra, onde estão outros jovens e adolescentes. Estes últimos são os que mais se dedicam ao lazer esportivo, desde a infância até a idade adulta,

principalmente na quadra poliesportiva. No caso das crianças, chama a atenção o fato de que as meninas costumam participar de atividades como jogar bola, andar de patinete ou patins, como mostrado na figura 16, no centro da praça, próximas aos seus responsáveis.

Figura 17 - Praça Agenor Moreira: Caminhos mais percorridos



Fonte: autora, 2023.

É importante ressaltar que, embora seja evidente a presença significativa de pessoas na praça, ela é amplamente utilizada como um espaço de circulação (figura 17). Alguns frequentadores vão até lá apenas para adquirir algo na banca de revistas, consumindo os itens no local ou optando por comprar e seguir seu caminho. No entanto, nos finais de semana, não é significativa a quantidade de pessoas que utilizam a praça com a finalidade de circulação, principalmente à noite, quando os usuários frequentam o local para permanecerem.

A figura 17 ilustra os principais caminhos utilizados pelas pessoas dentro da praça, sendo possível observar pessoas a pé ou de bicicleta percorrendo esses trajetos. O caminho mais utilizado segue ao longo do muro, iniciando na Rua

Guanabara e terminando na Av. Fortaleza, paralelamente ao muro. O segundo caminho mais utilizado começa no mesmo ponto, na extremidade próxima à quadra, e atravessa a praça até a outra extremidade, também na Av. Fortaleza. O terceiro caminho mais utilizado tem início próximo à quadra, também na Rua Guanabara, e termina na Av. Fortaleza, próximo à banca de revistas. Esses caminhos são equipados com rampas que suavizam o desnível, considerando que a calçada ao longo da Rua Major Nodge Ulisses de Oliveira é bastante íngreme.

Nesta fase seguinte da pesquisa comportamental, o foco foi ouvir as mulheres usuárias da praça, visando compreender a maneira como elas a utilizam. Para alcançar esse objetivo, foram conduzidas entrevistas com perguntas estruturadas e abertas. As entrevistas foram feitas com mulheres que estavam usando a praça no momento do levantamento de dados e a escolha das participantes foi aleatória. As entrevistas buscaram identificar a faixa etária das participantes, a frequência com que utilizam a praça, os horários de maior movimentação e as motivações de uso do espaço. Além disso, as perguntas abertas exploraram as percepções das usuárias em relação à sensação de segurança e conforto na praça. Durante as entrevistas, também foi solicitado às mulheres que sugerissem melhorias para o local, considerando a introdução de novas atividades e elementos além das já existentes.

As entrevistas buscaram compreender as áreas da praça que as usuárias consideravam mais ou menos agradáveis, a fim de identificar elementos físicos que influenciam suas percepções. Também se investigou como as mulheres percebem as diferenças na apropriação do espaço por homens e mulheres. Utilizando um mapa da praça e de seu entorno, analisaram-se os trajetos mais utilizados e os mais evitados pelas usuárias, considerando fatores relacionados à segurança e bem-estar. Participaram dez mulheres adultas, com idades acima de 18 anos, abrangendo tanto frequentadoras regulares quanto visitantes ocasionais, para garantir uma visão abrangente do uso e da percepção do espaço.

Conforme pode-se observar no gráfico 2, a faixa etária das entrevistadas foi diversa, porém com baixa porcentagem de jovens de 18 a 24 anos (apenas 10%) e

uma maior porcentagem de adultas entre 45 a 60 anos (30%). A respeito da frequência com a qual utilizam a praça, 40% delas indicou a frequência de uso de uma vez por semana, ainda que as que frequentam todos os dias (30%) seja um percentual considerável.

Gráfico 2 - Respostas da praça Agenor Moreira



Fonte: Autora, 2023.

Em relação ao período em que frequentam a praça, as participantes dividiram-se quase igualmente entre dias de semana (52%) e finais de semana (48%). Contudo, é relevante destacar que durante o dia (manhãs e tardes) há uma presença mais expressiva de mulheres na praça em comparação com as noites, tanto em dias de semana quanto nos finais de semana. As mulheres indicaram ainda uma menor porcentagem de uso, correspondente a apenas 4%, no período noturno nos fins de semana.

Ao perguntar como as participantes costumam frequentar a praça, apenas uma delas respondeu que vai sozinha a praça para realizar atividade remunerada, enquanto 70% das mulheres respondentes responderam que frequentam a praça sempre acompanhada com a família (70%) ou com amigos (20%). Esse dado é relevante visto a necessidade de se compreender por que as mulheres não ocupam esses espaços sozinhas. Destaca-se ainda que, ao perguntar sobre maior uso da praça após a reforma, todas responderam que sim, o que mostra a relevância de espaços qualificados na cidade para a vitalidade e para atratividade também das mulheres.

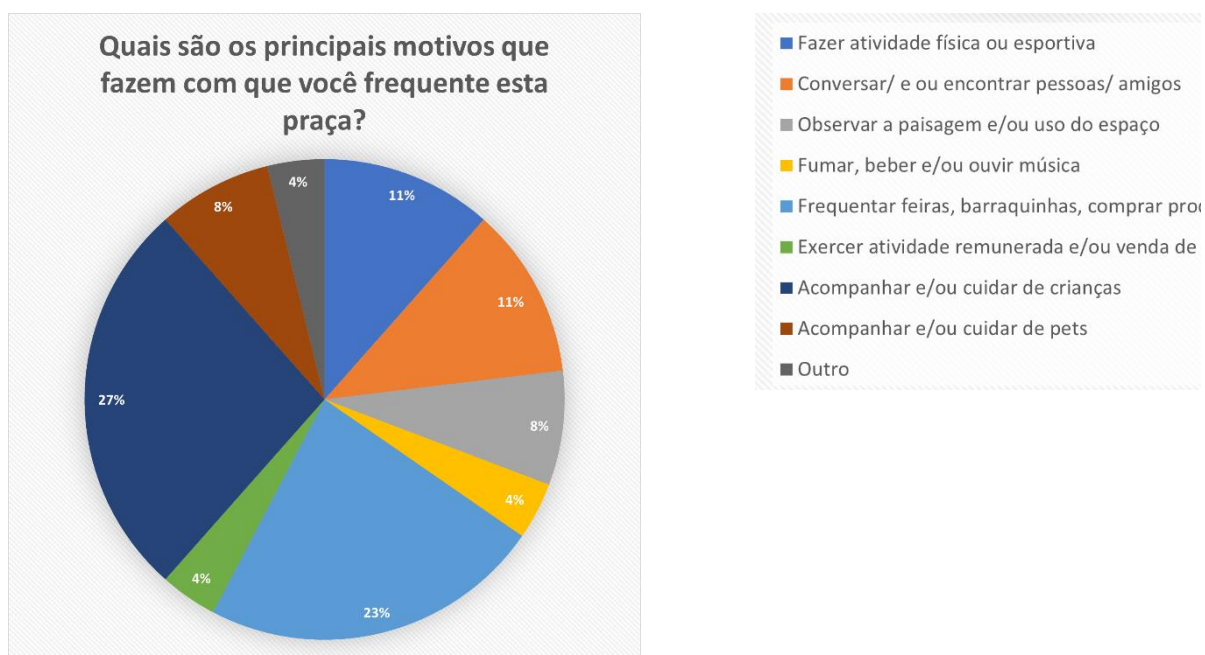
Jacobs (2014) e Gehl (2013) destacam a importância de espaços públicos bem projetados para a saúde e vitalidade das cidades. Jacobs (2014) ressalta que a qualidade dos espaços urbanos influencia diretamente na interação social, na diversidade e na segurança nas áreas urbanas. Para a autora, espaços públicos bem concebidos são cruciais para promover o engajamento comunitário e criar ambientes urbanos mais dinâmicos.

Complementando essa perspectiva, Gehl (2013) foca nas necessidades humanas no centro do design urbano. Ele destaca que espaços públicos devem ser planejados para atender às atividades sociais, lazer e mobilidade sustentável, formando a base para cidades habitáveis e inclusivas. A convergência das visões dos autores reforça a ideia fundamental de que espaços públicos de qualidade não apenas

melhoram a qualidade de vida urbana, mas também desempenham um papel essencial na promoção de comunidades resilientes e prósperas.

A respeito dos principais motivos que levam as mulheres a frequentarem a praça como mostra o gráfico 3, os mais relevantes numericamente estão relacionados as atividades de cuidado “**acompanhar e/ou cuidar de crianças**” e “**acompanhar e/ ou cuidar de pets**” simbolizam 35% das respostas. As respostas obtidas confirmam os padrões observados no mapeamento comportamental, onde as mulheres tendem a se concentrar mais próximo ao *playground*, assumindo a responsabilidade de cuidar das crianças

Gráfico 3 - Resposta pergunta 06 praça Agenor Moreira



Fonte: autora, 2023

. No entanto, é importante notar que a ida a praça não é exclusivamente para o cuidado infantil. As mulheres aproveitam esse momento para socializar, utilizar seus dispositivos móveis ou consumir produtos oferecidos nas barracas próximas. Essa dualidade de funções demonstra a versatilidade do espaço público, onde as mulheres conseguem conciliar responsabilidades familiares com atividades sociais e de lazer,

evidenciando a importância de espaços multifuncionais e inclusivos. Essas conclusões ressaltam a necessidade de considerar essa diversidade de usos ao planejar e projetar espaços públicos. Vale destacar que nesta pergunta as mulheres podiam marcar mais de uma opção tendo em vista essa multiplicidade de possíveis ações.

A resposta expressa pela categoria "frequentar feiras, barraquinhas, comprar produtos, etc." com um percentual significativo de 23% é justificável, dada a notável presença de barraquinhas de comida na praça, tanto durante a semana quanto nos finais de semana. Esse dado reforça a importância dessas atividades comerciais na atração do público para o espaço público. Surpreendem as respostas relacionadas à categoria "fazer atividade física ou esportiva", considerando a ausência de equipamentos específicos para tal atividade na praça. No entanto, a menção da prática esporádica de zumba, uma atividade física de dança conduzida por um profissional, pode explicar esse resultado. Além disso, o simples ato de deslocar-se até a praça e circundá-la pode servir como uma motivação para marcar essa opção, ressaltando a diversidade de atividades físicas que podem ocorrer mesmo em espaços não especificamente designados para isso.

A inclusão da categoria "**conversar e/ou encontrar pessoas/amigos**" como parte da motivação para frequentar a praça destaca a importância das interações sociais no espaço público. Mesmo que não seja a atividade principal, ela contribui para a vitalidade e dinâmica do local, enfatizando a multifuncionalidade dos espaços urbanos. Essas conclusões reforçam a necessidade de considerar a diversidade de motivações e atividades ao planejar e projetar espaços públicos. A respeito da categoria "**exercer atividades remunerada e/ou venda de produtos**" vale destacar que apenas uma respondente trabalha na praça, no entanto, durante a observação e mapeamento comportamental observou-se que os elementos fixos: banca de revistas tem um homem como responsável, mas na banca do chaveiro quem trabalha é uma mulher. Ademais, nas barracas de *foodtruck*, a maioria (com exceção de uma), os

responsáveis são um casal de homem e mulher, portanto, são poucas as mulheres que trabalham sozinhas na praça.

A atividade contemplativa de "**observar a paisagem e/ou uso do espaço**" não obteve uma porcentagem significativa em comparação com as demais categorias. De maneira semelhante, a opção "**fumar, beber e/ou ouvir música**" também não recebeu tantas respostas. É importante ressaltar que a categoria "**descansar, relaxar, e/ou ler um livro**" não recebeu nenhuma resposta, indicando que as mulheres não frequentam a praça principalmente com o intuito de lazer e descanso. Esses resultados sugerem que as motivações das mulheres para frequentar a praça estão mais centradas em atividades sociais, comerciais e, em certa medida, físicas. A ausência de respostas relacionadas ao descanso e à leitura indica que o espaço pode não ser percebido como um local ideal para essas atividades mais contemplativas e tranquilas.

As perguntas abertas foram projetadas para capturar as perspectivas e experiências das participantes em relação ao tema em estudo. Essas questões forneceram uma oportunidade para os participantes expressarem livremente suas opiniões, sentimentos e preocupações, ademais as respostas abertas oferecem informações que complementam os resultados das perguntas fechadas, enriquecendo assim a compreensão do tema.

A pergunta: "*O que te faz sentir segura ou confortável em um espaço público como a praça?*" Dentre as respostas alguns pontos foram levantados, esses destacados no quadro a seguir:

Quadro 7 - Síntese das respostas da pergunta 01 praça Agenor Moreira

Aspecto	Descrição	Efeito/resultado
Presença de Autoridades	Associaram diretamente a sensação de segurança à presença de polícia, da guarda municipal e patrulha,	Tal fato indica que a visibilidade dessas autoridades aumenta sensação de segurança
Presença de Pessoas	A quantidade de pessoas na praça foi mencionada por várias entrevistadas como um fator que as faz sentir-se seguras.	Destaca a importância da vitalidade da comunidade para a percepção de segurança.
Impacto da reforma	Mencionaram positivamente o impacto da reforma na praça, destacando melhorias físicas, como parquinho para crianças e a eliminação de problemas anteriores, como usuários de drogas.	Isso sugere que melhorias na infraestrutura podem ter um impacto significativo na percepção de segurança.
Participação da comunidade	A presença de barraquinhas, vendedores e uma comunidade mais participativa foi destacada por algumas entrevistadas como um elemento que contribui para a sensação de segurança.	Isso ressalta a importância da interação social e atividade comunitária.

Fonte: autora, 2023

Esta pergunta visou entender os fatores que afetam a sensação de segurança e conforto nas praças. Ainda que essa percepção fosse individual, também apresenta padrões coletivos. Portanto, é fundamental para compreender tanto as necessidades

individuais dos frequentadores da praça quanto os fatores que moldam a percepção geral desses espaços.

De acordo com Bondaruk (2007), pesquisador brasileiro, policial militar que desenvolveu um estudo sobre a prevenção do crime relacionado ao desenho urbano na cidade de Curitiba – PR, a vigilância pode ser classificada como: organizada (policiais em patrulhamento), mecânica (iluminação, câmeras), e natural (social, janelas, portas de vidro, cães etc.). Portanto, as entrevistadas destacam tanto a importância da vigilância organizada quanto a natural ao afirmarem sentir mais segurança quando há mais pessoas utilizando o espaço. Como destacam as participantes:

Eu acho, quando a gente tem segurança, né? Às vezes eu venho aqui, se tiver pouca gente, eu não fico. Certo, se tiver polícia, eu fico mais tranquila, mas às vezes o carrinho da polícia não está mais ali. Eu tento vir aqui no horário que eu vejo que tem bastante gente, entendeu? Então é o que me faz sentir segura. [...]” - Entrevistada A

Ah, principalmente a presença da polícia e da guarda municipal, né? presença de mais pessoas. Se a praça está vazia a gente fica um pouquinho de receio de frequentar, né?” – Entrevistada B

Eu acho, quando a gente tem segurança, né? Às vezes eu venho aqui, se tiver pouca gente, eu não fico. Certo, se tiver polícia, eu fico mais tranquila que às vezes o carrinho da polícia está mais ali. Eu tento vir aqui no horário que eu vejo que tem bastante gente, entendeu? Então é o que me faz sentir segura. É assim eu chegar a ter bastante gente e ter segurança. Os moradores de rua, tudo aqui, a gente fica com medo, é assim, eu nunca cheguei a ser agredida por eles, mas eles brigam muito, entendeu? Entre eles e às vezes a gente sente medo, né?” – Entrevistada C

Eu acho que é a quantidade de pessoas, é o número de pessoas que é o número 1, volume maior de pessoas. E eu acho que a estrutura dela, né? Igual aqui tem lugar cercado (playground).” – Entrevistada D

Nessas respostas percebe-se que a presença de pessoas é um fator importante para a sensação de segurança assim como o policiamento, no entanto, há também outros fatores. A entrevistada C, por exemplo, ainda que afirme se sentir mais segura tendo pessoas e a polícia, ainda sente medo da presença das pessoas em situação de rua por serem agressivos e brigarem entre si. E a respeito do caráter físico da

praça, a entrevistada D destaca o fato de o *playground* ser recintado, ajuda a se sentir mais segura em frequentar o espaço com o filho. A posição do *playground* também contribui para proteger as crianças e facilitar a vigilância dos pais, pois está centralizado, próximo a um muro e longe das ruas movimentadas. Isso reflete no fato de que pensar na cidade inclusiva inclui planejar espaços para os grupos mais vulneráveis, ou seja, na segurança das crianças, mulheres e idosos etc. Ainda sobre a infraestrutura, uma participante destaca a melhoria proporcionada pela reforma:

Olha, é... depois dessa reforma é eu fiquei mais segura porque antes era muito abandonada aqui ...O chão era até de... era meio ruim assim sabe? E tinha muito morador de rua então a praça estava meio que largada né? a questão não é os moradores de ruas é porque estava largado mesmo que era muito feio não tinha esse parquinho para as crianças né então agora dá mais segurança e está melhor sem dúvidas.” – Entrevistada E

Antes da reforma, a praça estava abandonada, causando insegurança aos moradores. Uma das entrevistadas mencionou a presença de pessoas em situação de rua, que já era uma preocupação anterior à reforma e associou essa presença ao abandono do local, anterior a reforma. Outras participantes também relataram incômodos com a presença de pessoas em situação de rua e usuários de drogas na praça. Algumas observaram uma diminuição após a reforma - que com a revitalização passou a ser mais frequentada pela população e aumentou a sensação de segurança - entretanto outras mulheres relataram que continuam apreensivas quanto à persistência dessa situação.

Embora não tenham enfrentado diretamente problemas com essas pessoas, notaram comportamentos agressivos entre elas, gerando medo e insegurança, especialmente entre as mulheres. Sobre a relação entre espaços abandonados e sensação de segurança, os autores Soares e Saboya (2019) afirmam que a presença de sinais de negligência, desordem e deterioração física no ambiente urbano contribui para a sensação de insegurança e medo. Portanto, áreas que exibem tais características tendem a serem evitadas pelos moradores.

É essencial reconhecer que a presença de pessoas em situação de rua é um tema complexo, delicado e comum nas cidades metropolitanas, e é reflexo da desigualdade social. Embora os espaços públicos espelhem o que acontece na sociedade, este estudo não teve como objetivo uma análise aprofundada dessa

temática. No entanto, compreende-se a sensação de medo e insegurança das participantes, ressaltando que essa questão multifacetada demanda abordagens complexas e multidisciplinares.

A respeito da participação comunitária e da presença de vendedores e barracas de comida, por exemplo, Jacobs (2014) destaca a importância da vitalidade urbana e da vigilância natural através da circulação de pessoas nas ruas, preferencialmente em diferentes horários, para a criação de uma cidade mais atrativa e segura. Para a autora, para manter a “[...] segurança dos espaços públicos, lidando com estranhos, de modo que sejam um trunfo e não uma ameaça, garantindo a vigilância informal das crianças nos lugares públicos [...]” (JACOBS, 2013, p. 271).

A segunda pergunta foi sobre aspectos passíveis de melhorias na praça, com o seguinte questionamento: *“Na sua opinião, o que poderia melhorar na praça? Tem alguma atividade que você gostaria que existisse na praça?”* Dentre as respostas alguns pontos foram levantados:

Quadro 9 - Síntese das respostas da pergunta 02 praça Agenor Moreira (continua)

Aspecto	Descrição	Efeito/resultado
Necessidade de Variedade de Brinquedos	Algumas entrevistadas expressaram o desejo de mais diversidade nos brinquedos para crianças, sugerindo que a monotonia pode impactar o interesse das crianças na praça.	Isso sugere a necessidade de ter espaços lúdicos para mais de uma faixa etária
Atrativos para Todas as Idades	A sugestão de atrativos para todas as idades foi mencionada, indicando uma busca por atividades que envolvam não apenas crianças, mas também adultos e idosos.	Foram citados eventos culturais, música ao vivo e atividades esportivas. a praça poderia ser mais atrativa se oferecesse programas e atividades como alongamento, ginástica e yoga destinados a essa faixa etária.

Quadro 9 - Síntese das respostas da pergunta 02 praça Agenor Moreira (conclusão)		
Segurança e Manutenção	Algumas entrevistadas destacaram a importância da segurança física dos equipamentos e mobiliários, mencionando preocupações com a qualidade dos materiais utilizados na reforma e apontando problemas como o acúmulo de água, principalmente em áreas frequentadas por animais de estimação.	Essas respostas indicam que é necessário ouvir os usuários da praça para realizar um projeto funcional e adequado. Além disso, a importância de uma análise pós-ocupação para verificar o espaço e manutenção manter a integridade do espaço e por consequência a segurança dos usuários.
Inclusão e Sensibilização	Uma participante mencionou a importância de espaços inclusivos na praça já que crianças com transtorno do espectro autista também brincam no local.	É possível a proposta de atividades que promovam a sensibilização sobre questões como a inclusão de pessoas autistas,

Fonte: autora, 2023.

Vale destacar que algumas participantes expressaram sua satisfação com a praça e, portanto, não ressaltaram nenhuma necessidade de melhorias específicas. No entanto, mesmo as participantes que afirmaram estar satisfeitas com a praça expressaram preocupações quanto à manutenção futura do espaço. Outras mencionaram a infraestrutura, sugerindo a inclusão de brinquedos diferentes no parquinho, bem como a adição de outros atrativos para as crianças como sugeridos nos comentários a seguir:

“Olha eu acho que melhorar só se colocar mais brinquedo diferente porque às vezes as crianças enjoam né? Atividade, não”. – Entrevistada A

“Eu gostaria que o que pudesse melhorar é a questão de um atrativo para trazer mais pessoas para vender lanche e também atrativo para criança. Eu acho importante ter, sabe? Daí as famílias vem. Por ser mãe de um autista

colocar algum símbolo ou cartaz falando sobre a importância da inclusão e do respeito” – Entrevistada B.

Em concordância com as respostas da primeira pergunta, onde algumas participantes destacaram sentir-se mais seguras com a presença de autoridades, foi apontada a necessidade de reforçar a segurança na praça por meio do policiamento como melhoria. Uma das entrevistadas que faz uso diário da área pet afirma que a execução do projeto não condiz com as atividades realizadas. Por exemplo, os obstáculos de ferro destinados aos cachorros brincarem não são utilizados e, em algumas situações, acabam machucando os animais devido à quantidade presente no espaço. Ela ressalta que a água fica empoçada quando chove, uma vez que a área pet está abaixo do nível da calçada e no local não existe escoamento adequado. Esse problema impacta diretamente no odor do local que acaba se concentrando, sem se dissipar para a calçada e a rua. Além disso, por ser uma área onde os cachorros urinam e defecam, o odor torna-se bastante forte.

A entrevistada destaca a falta de manutenção e menciona que a própria comunidade já teve que contratar um carro-pipa para realizar a limpeza. Ela sugere que bastaria a instalação de um ponto de água, como uma torneira, para que a comunidade pudesse se encarregar da limpeza. Essa participante ressalta a importância de compreender como o espaço é utilizado para que o projeto seja adequado, enfatizando, assim, a necessidade de consultar a população e realizar uma análise pós-ocupação para possíveis adequações e melhorias.

Em relação às atividades sugeridas, algumas mencionaram o desejo de ter mais barracas de comida e atividades culturais, como pequenos eventos que costumavam ocorrer, de acordo com as participantes:

“Melhorar nada. Atividade acho que podia ter mais atividade para adultos, não é? Também não é porque aqui tem muita coisa para criança. A gente podia ter mais atividades para adultos também. Música ao vivo, esses eventos pequenininhos. Tipo assim.” – Entrevistada B

“Talvez o policiamento. Tem mais atividades também de inclusão para crianças, porque quase não tem. Incluir crianças com deficiências e de pessoas também, adultos, idosos. Igual atividade tipo zumba, mas ter outras, aulinha de futebol para as crianças do bairro.” - Entrevistada C

Portanto, as entrevistadas destacam a necessidade de oferecer atividades para o público adulto e idoso, uma vez que a praça já possui atrativos para o público infantil. Além disso, as respostas refletem a preocupação com a manutenção do espaço, segurança dos equipamentos e a inclusão de diversas faixas etárias, como o público idoso e crianças com deficiência, revelando a necessidade de tornar o espaço mais inclusivo.

A terceira pergunta buscou espacializar na praça, os locais mais agradáveis, com a seguinte questionamento: “Qual lugar da praça você acha mais agradável? Por quê?” Dentre as respostas alguns pontos foram levantados no Quadro 7.

Quadro 10 - Síntese das respostas da pergunta 03 praça Agenor Moreira (continua)

Aspecto	Descrição	Efeito/resultado
Áreas com Sombra	Entrevistadas mencionaram frequentemente que locais com sombra, especialmente debaixo de árvores, são considerados mais agradáveis. A sombra proporciona conforto e frescor, tornando essas áreas preferidas.	Essa preferência ressalta a importância de dar prioridade ao sombreamento natural ao planejar espaços ao ar livre. O uso de árvores maduras ou estruturas de sombreamento pode melhorar a experiência dos usuários, tornando os espaços mais agradáveis e acolhedores.
Centro da Praça	Algumas entrevistadas destacaram o centro da praça como um lugar agradável devido à visibilidade que oferece. Isso pode estar relacionado à capacidade de monitorar as crianças enquanto brincam.	Essa ideia enfatiza a importância de criar espaços ao ar livre com áreas centrais amplas e bem visíveis, facilitando a supervisão dos pais enquanto as crianças brincam. Ao projetar ou reformar praças públicas, é essencial garantir que o centro proporcione uma visibilidade adequada, promovendo um ambiente seguro e tranquilo para as famílias aproveitarem.

Quadro 10 - Síntese das respostas da pergunta 03 praça Agenor Moreira (conclusão)		
Área PET e Playground:	A área destinada a animais de estimação (PET) e o playground foram mencionados como lugares agradáveis. O playground é especialmente valorizado pelas entrevistadas com crianças, enquanto a área PET representa um espaço de convivência para grupos.	Essa percepção ressalta a necessidade de projetar e manter áreas específicas para animais de estimação e playgrounds em espaços públicos, reconhecendo suas diferentes funções e benefícios para a comunidade. Ao planejar novos espaços ou revitalizar áreas existentes, é fundamental considerar as necessidades tanto das famílias com crianças quanto dos donos de animais de estimação, garantindo assim uma experiência positiva para todos os usuários.
Bancos e Quadra	Bancos e áreas próximas à quadra foram citados como lugares agradáveis. Bancos oferecem conforto para descansar,	Essa visão destaca a importância de ter assentos confortáveis próximos às quadras em espaços públicos, reconhecendo seu papel no bem-estar dos usuários. Ao planejar ou renovar áreas ao ar livre, é essencial incluir bancos estrategicamente posicionados para promover o conforto e a interação social, melhorando a qualidade do espaço para toda a comunidade

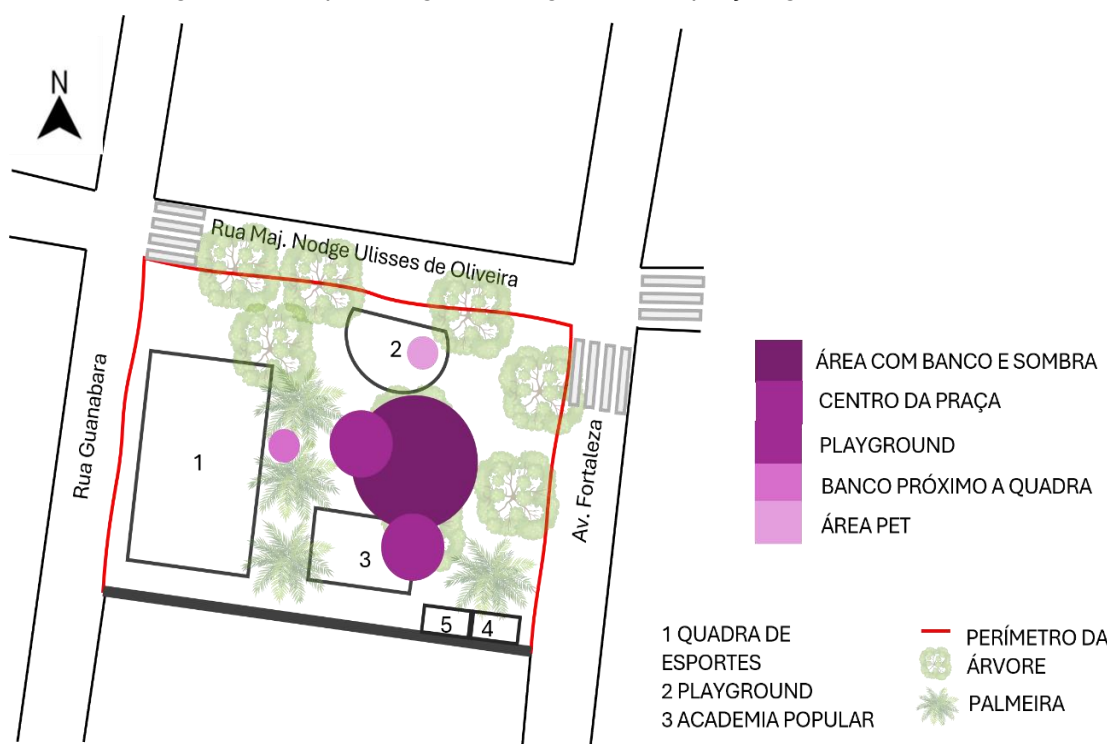
Fonte: autora, 2023.

A principal questão levantada foi a importância da sombra proporcionada pelas árvores e dos bancos, tornando as áreas mais agradáveis. Destaca-se o papel crucial do elemento natural: a árvore. Uma respondente enfatizou a relevância das árvores ao afirmar: “É aqui debaixo das árvores tem um ventinho bom. O interessante é nunca tirar essas árvores se não tivesse eu não estaria aqui não.” (Entrevistada A). Outra destacou: “perto das árvores, o vento aqui (perto do playground) é mais fresco. Você

consegue olhar as crianças sem precisar, estar lá no meio delas, no meio da confusão.” (Entrevistada B)

A partir das respostas coletadas, tornou-se evidente os locais mais mencionados pelos participantes, conforme ilustrado no mapa apresentado na figura 18. Estes lugares concentram-se principalmente no centro da praça, onde as atividades e a interação social são mais intensas, e na área adjacente ao playground, que oferece sombra e assentos, proporcionando um ambiente agradável para os frequentadores. Além disso, foi observado um destaque para a proximidade da quadra poliesportiva, indicando sua importância como ponto de interesse e interação na praça.

Figura 18 - Mapa de lugar mais agradável da praça Agenor Moreira



Fonte: Autora, 2023.

As respostas indicam que elementos como sombra, visibilidade, atividades específicas e características ambientais desempenham um papel significativo na percepção de lugares agradáveis na praça. Outro ponto que surgiu nas respostas está

intimamente ligado ao cuidado com as crianças: “Aqui no playground mesmo é que eu posso pelo menos deixar meu filho aqui e esquecer (Entrevistada C).” Eu gosto do centro da praça por conta da questão de visualização, você tem um controle melhor das crianças, né? (Entrevistada D)

A quarta pergunta buscou compreender os locais menos agradáveis: “*Qual lugar da praça você acha menos agradável? Por quê?*” Dentre as respostas alguns pontos foram levantados:

Quadro 12 - Síntese das respostas da pergunta 04 praça Agenor Moreira (continua)

Aspecto	Descrição	Efeito/resultado
Espaço para Animais de Estimação (Área PET):	Uma entrevistada mencionou a área destinada aos animais de estimação, expressando preocupação com a falta de limpeza frequente e o odor resultante do xixi de cachorros.	Esta resposta demonstra que ainda que seja bem utilizada a área pet, é necessário limpeza e manutenção para evitar odores e deixar o espaço desagradável.
Área com pessoas em situação de rua e Crianças Maiores	Uma entrevistada apontou uma área próxima aos moradores de rua e crianças maiores com bicicletas e skates como menos agradável à noite.	A questão social é relevante e precisa ser resolvida. A respeito de crianças de bicicleta e skate, isso mostra a necessidade de mais espaços para a prática desses esportes e brincadeiras.
Quadra de Esportes	Uma entrevistada considerou a quadra menos agradável, possivelmente devido à exposição solar direta e à baixa frequência de uso.	Essa resposta revela a importância de espaços para prática de esportes mais sombreados.

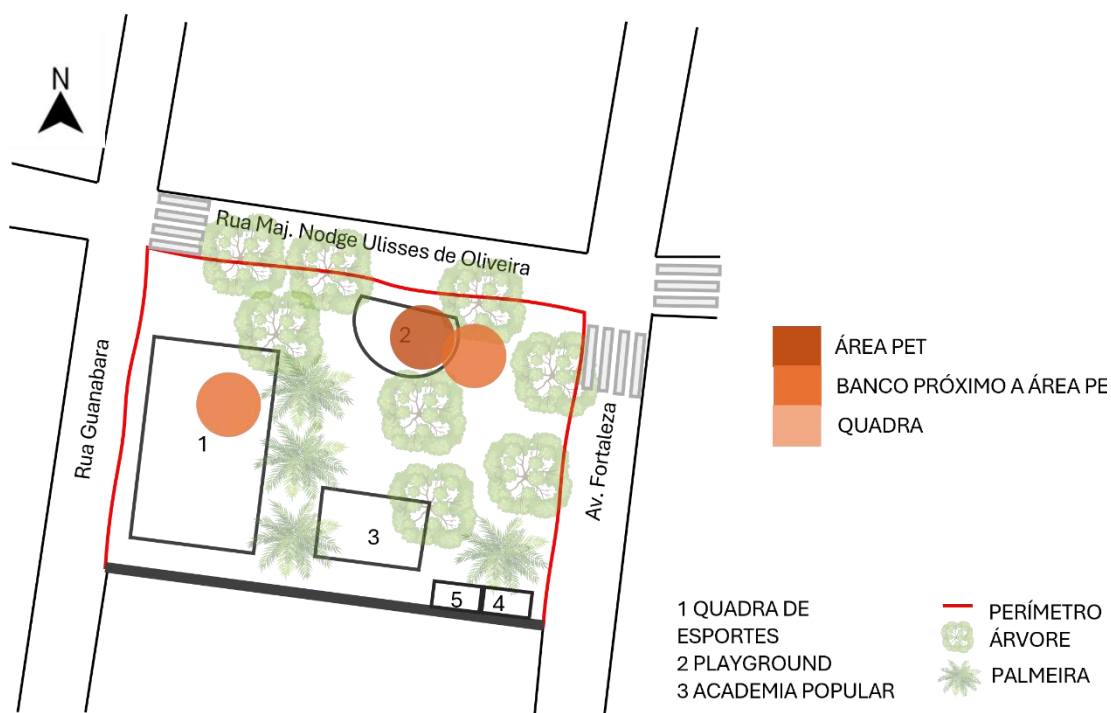
Fonte: autora, 2023.

Grande parte das entrevistadas não souberam apontar uma área da praça que acham menos agradável por estarem satisfeitas com o local ou não terem em mente

um local em específico. No entanto, há participante que identifica a área pet como menos agradável devido ao odor, destacaram: “Espaço de cachorro porque eles lavam acho que com pouca frequência de se você chegar ali perto vai ver um odor né de xixi de cachorro e tal acho que eles podiam estar lavando mais (Entrevistada A)” e “Área pet meu filho tem fobia de cachorro ele corre pra rua, grita (Entrevistada B)”

Além disso, há uma área da praça específica na extremidade em que tem bancos lineares de concreto que funcionam, por vezes, de canteiro onde concentram-se as pessoas em situação de rua. Durante as visitas, observou-se que esses concentram-se apenas neste trecho, próximo à área pet onde conseguiam sentar-se, deitar e colocar seus pertences.

Figura 19 - Mapa de lugar menos agradável da praça Agenor Moreira



Fonte: Autora, 2023

A Figura 19 ilustra a praça Agenor Moreira, bem como outros locais mencionados como desagradáveis, como a quadra, devido à exposição solar e ao fato de não ser utilizada pelas mulheres entrevistadas, e a área destinada aos animais de estimação, que provocou divisão de opiniões entre as entrevistadas. Aquelas que frequentam regularmente a praça tendem a preferir essa área, embora reconheçam a

necessidade de uma limpeza e manutenção mais frequentes para melhorar sua condição. A respeito de “crianças maiores” ou adolescentes, durante a visita também foi observado que esses andam pela praça de bicicleta de maneira recreativa ou chegam à praça de bicicleta, principalmente à noite, o que conflita com as atividades de barraquinhas e com as outras crianças menores que brincam no centro da praça. Estes realizam manobras, assim como, os que andam de skate e podem atrapalhar ou incomodar algumas pessoas.

Vale ressaltar que, apesar deste uso evidenciar que o espaço é utilizado por pessoas de diferentes faixas etárias, mostra a necessidade de mais espaços de lazer para o público de crianças maiores e adolescentes, haja visto o conflito de usos existentes na praça. Destaca-se ainda que as respostas mostram informações relevantes sobre as áreas que podem ser percebidas como menos agradáveis na praça, seja devido a questões de limpeza, segurança ou preferências pessoais.

As respostas das entrevistadas sobre os espaços considerados agradáveis e desagradáveis na praça revelaram percepções diversas, que refletem experiências pessoais e contextuais. Embora essas percepções sejam subjetivas, observar padrões recorrentes entre as respostas permitiu identificar elementos físicos que influenciam a forma como o espaço é apropriado. Esses elementos oferecem subsídios para uma compreensão mais ampla da interação entre a configuração espacial e a vivência cotidiana das usuárias.

Essa subjetividade reflete a diversidade de experiências individuais que são influenciadas por fatores como contexto sociocultural, histórico e emocional. No entanto, ao relacionar essas percepções com elementos físicos observáveis, foi possível identificar padrões que ultrapassam o nível individual. Por exemplo, áreas sombreadas e tranquilas foram frequentemente associadas à sensação de conforto, enquanto locais com pouca iluminação e visibilidade foram apontados como desagradáveis, especialmente no período noturno. Esses achados corroboram

estudos de Whyte (1980), que destacam a relação intrínseca entre a percepção individual e os aspectos físicos do espaço urbano.

A quinta pergunta direcionou-se a compreender a diferença de uso entre homens e mulheres na praça, com o questionamento: "*Você acha que homens e mulheres usam a praça de forma igual? Por quê?*" Dentre as respostas alguns pontos foram levantados:

Envolvimento das Mulheres com as Crianças: Muitas entrevistadas destacaram que as mulheres utilizam a praça mais frequentemente devido à presença de crianças. Elas desempenham um papel ativo trazendo seus filhos para brincar e socializar. No entanto, uma entrevistada destacou que os homens também trazem seus filhos, mas com uma postura mais descontraída, às vezes até tomando uma cerveja. Isso destaca diferentes motivações para frequentar a praça.

Presença Masculina na Quadra de Esportes: Algumas entrevistadas evidenciaram a maior presença masculina na quadra de esportes. Entretanto, uma delas sinalizou um equilíbrio no uso da praça entre homens e mulheres, mencionando que apesar da quadra ser mais frequentada por homens, as mulheres estariam mais presentes em outras áreas da praça.

Atividades Ligadas ao Público Masculino: Uma entrevistada mencionou que a praça tem mais atividades ligadas ao público masculino, como jogar baralho e grupos de amigos bebendo cerveja, enquanto outra entrevistada não identificou atividades específicas para as mulheres na praça.

Encontro e Socialização: A percepção geral das entrevistadas foi de que as mulheres frequentavam a praça para atividades mais centradas

na família, enquanto os homens frequentavam a praça para socializar, descontraír e participar de atividades específicas.

A maioria das mulheres afirmaram não haver distinção entre o uso da praça por homens e mulheres, no entanto, em suas justificativas percebe-se que há algumas disparidades. Por exemplo nesta resposta:

“Sabia que aqui eu acho que sim? Porque a gente vê mais homens na quadra, mas a gente vê mais mulheres aqui então fica equilibrado”. – Entrevistada A

“Eu acho que usa porque aqui quando eu venho trazer meu filho aí também tem uns pais das crianças então a gente usa e educa as crianças né porque eles começam a socializar com outras crianças então a gente fica assim... Tem mais mulheres né por causa das crianças que te vem pra gastar energia das crianças. – Entrevistada B

Uma das entrevistadas percebeu a quadra como um ambiente mais masculino e o centro da praça e próximo ao parquinho, como um ambiente mais feminino, em quantidade similar. Outra participante afirmou que o uso na praça de homens e mulheres seria igual, e citou que percebe que homens e mulheres levam crianças ao playground. Enquanto outra resposta mostra que há diferença nas atividades desempenhadas:

“Infelizmente, acho que as mulheres. Elas vêm para praça exatamente com os filhos. Sim, né? Para trazer as crianças para brincar, para distrair. Muitos homens, hoje, eles têm essa função, mas muitos homens também vêm para tomar uma cerveja com os amigos, jogar um baralho, jogar alguma coisa, simplesmente vou bater papo. É diferente. – Entrevistada C

“Não. A mulher traz as crianças para brincar e é para correr. O homem às vezes vem até trazer os filhos, mas para tomar uma cervejinha e descontraír, traz um amigo ou outro. A mulher não. Às vezes vem para né gastar energia das crianças. O homem vem para trazer (as crianças) às vezes e tomar uma cervejinha, descontraír com uns colegas ou algum vizinho de prédio, morador assim, né? Acho que é diferente”. - Entrevistada D

A partir das respostas, é evidente um foco significativo na atividade de cuidado, embora a responsabilidade recaia principalmente sobre as mulheres, mesmo que seja mais compartilhada. Enquanto os homens tendem a usar a praça como um espaço de

lazer e descontração, as mulheres, embora socializem e consumam nas barracas, não conseguem manter a postura descontraída.

Essa observação foi corroborada durante a análise comportamental, na qual as mulheres são predominantes nos playgrounds, enquanto à noite e nos finais de semana há um maior número de homens envolvidos no cuidado com as crianças. Além disso, as participantes identificaram as quadras como uma área voltada principalmente para o público masculino, o que está em linha com as descobertas da análise comportamental, onde a maioria dos frequentadores são homens, adolescentes e jovens adultos.

Ao questionar as participantes sobre as ruas do entorno da praça que consideram inseguras para outras mulheres, a maioria expressou preocupação com a segurança do bairro como um todo. Uma observação notável no mapa das ruas mais citadas, apresentado na Figura 19, foi que uma das ruas consideradas mais perigosas é justamente uma das principais vias de acesso à praça, frequentemente utilizada pelas entrevistadas.

A Avenida Fortaleza, apesar de sua natureza residencial, foi apontada como perigosa devido à pouca iluminação e à presença de árvores que dificultam a visibilidade. Uma entrevistada relatou uma tentativa de assalto na esquina próxima à praça. As outras ruas mencionadas foram citadas apenas uma vez por diferentes participantes, evidenciando que metade delas destacou a Avenida Fortaleza, enquanto a outra metade mencionou outras ruas. Outra entrevistada mencionou a Rua Curitiba, onde reside, e compartilhou uma experiência de assalto na porta de casa, ela e sua filha foram vítimas. Portanto, fica claro que é essencial analisar e melhorar a segurança das ruas circundantes à praça, a fim de aumentar a sensação

de segurança das mulheres que as transitam diariamente, assim como para chegar até a praça.

Figura 20 - Mapa de "ruas para evitar" no entorno da praça Agenor Moreira



Fonte: Autora, 2023

Com base nas respostas das entrevistadas, as ruas do entorno consideradas inseguras foram aquelas marcadas por baixa iluminação, ausência de circulação e proximidade de terrenos ou estruturas abandonadas. Essa percepção reflete os mapas mentais criados pelas mulheres, onde trajetos são evitados com base na avaliação de possíveis riscos, alinhando-se ao conceito de geografia do medo. Gordon e Riger (1989) destacam que o "medo feminino" foi historicamente considerado uma característica inata de meninas e mulheres, resultado de um longo processo de

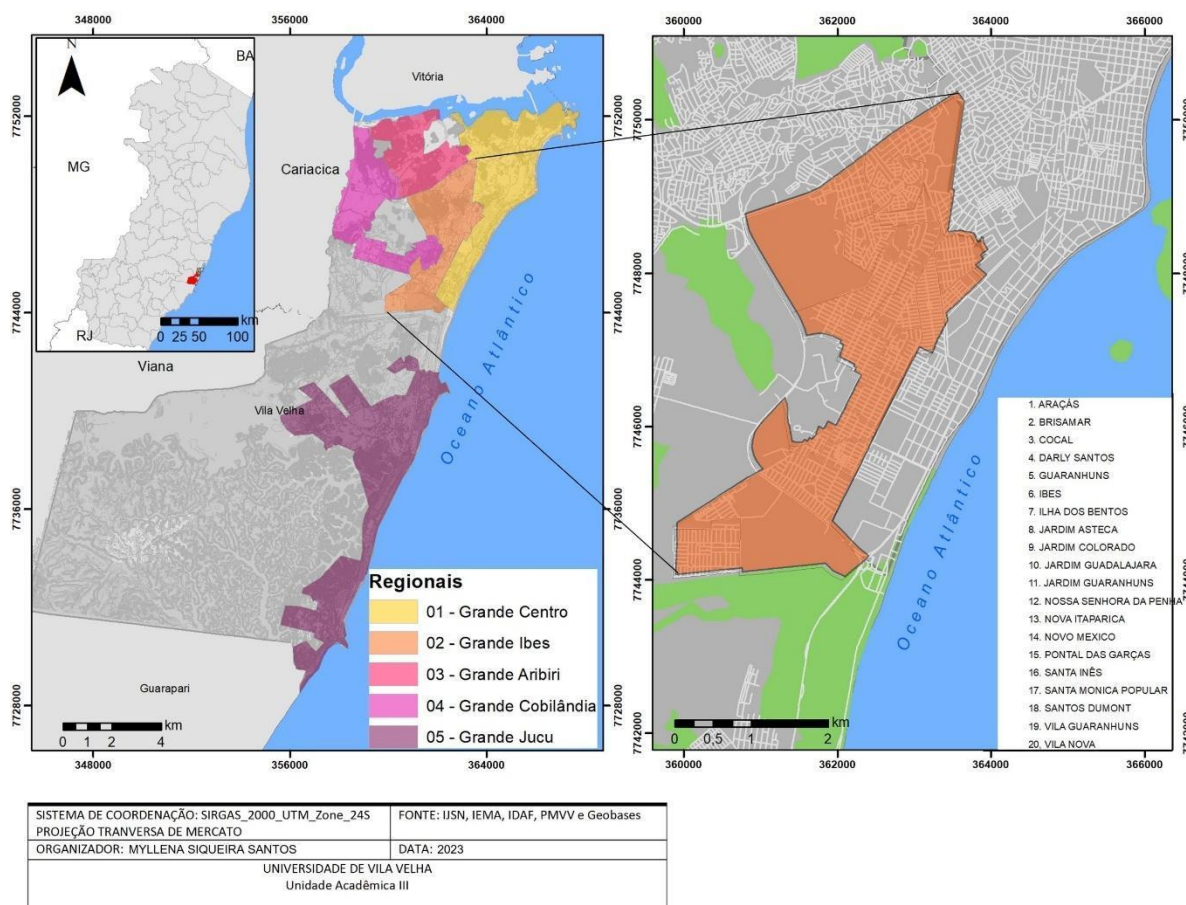
socialização. As autoras também ressaltam o paradoxo do medo feminino, em que, apesar de as mulheres serem mais propensas a sofrer violência em espaços privados e por pessoas conhecidas, continuam a relatar maior temor em espaços públicos, particularmente à noite e em relação a estranhos.

Esse fenômeno evidencia que o medo do crime é amplamente influenciado por uma análise de gênero que molda a percepção de risco das mulheres em espaços urbanos. Portanto, estratégias urbanísticas voltadas para a segurança das ruas adjacentes a praças devem considerar tanto elementos físicos quanto simbólicos, garantindo um acesso que seja menos associado a ameaças e mais a um sentimento de pertencimento e tranquilidade.

5.5 A praça Haroldo Rosa

A praça Haroldo Rosa localiza-se no bairro Santa Mônica, na Regional 02 (Grande Ibes) - ilustrada na figura 21, apresenta alta densidade demográfica de aproximadamente 180 hab./ha e renda per capita de R\$1.433,47 (IBGE,2010). A população do bairro é 54,4% da população do bairro composta por mulheres.

Figura 21 - Mapa de localização da Regional 02



Fonte: autora, 2023

A praça Haroldo Rosa, possui área de 2.880m² e como mostra a figura 22, está próxima a outra praça do bairro concentrando os espaços públicos na extremidade. As praças encontram-se próximas a uma importante avenida que faz o limite do bairro de Santa Mônica. A Avenida João Mendes é uma referência nos bairros próximos por ser uma avenida de muitos comércios de importância local. A praça está inserida em

um bairro adensado, porém, de residências unifamiliares com 1 a 3 pavimentos (Figura 23).

Figura 22 -Localização da praça Haroldo Rosa no bairro Santa Mônica



Fonte: autora, 2023

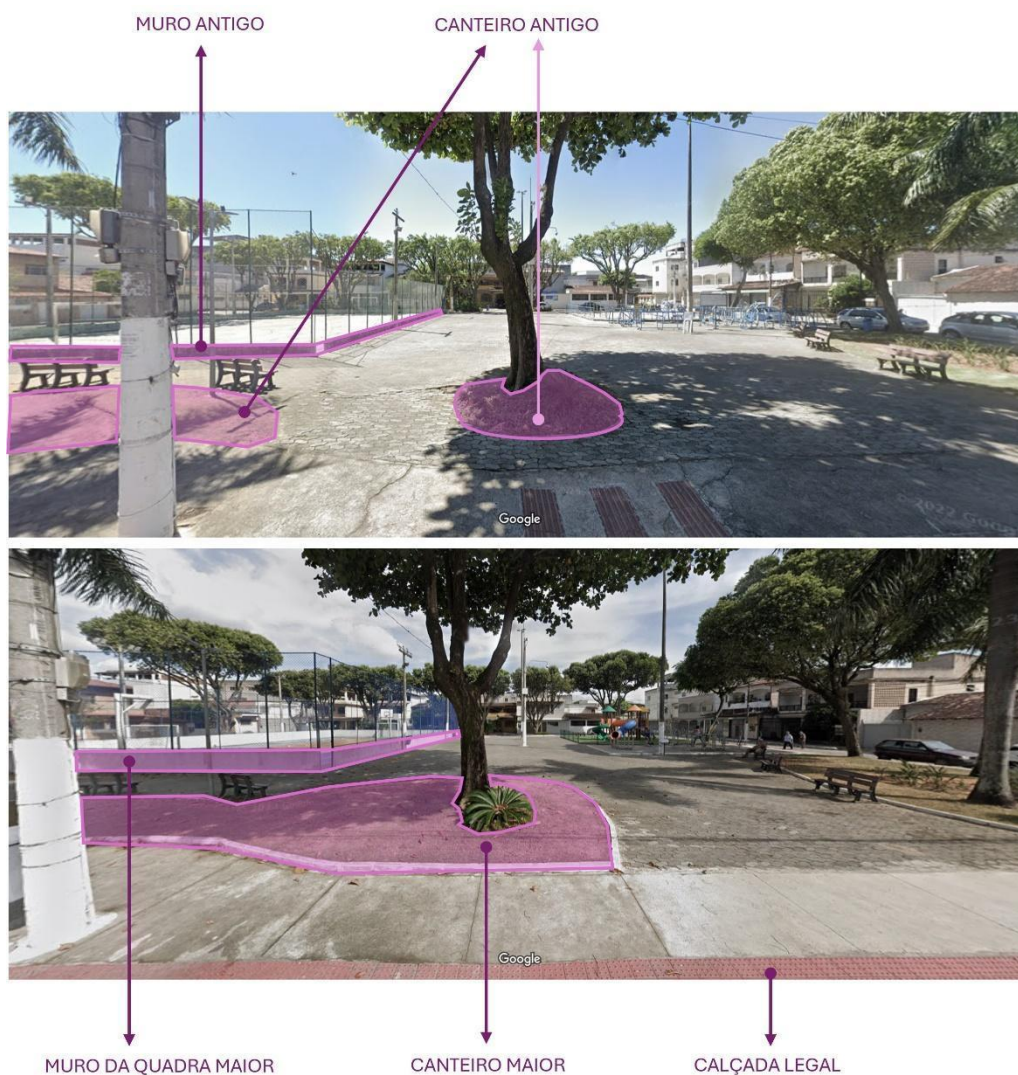
Figura 23 - Imagem aérea da praça Haroldo Rosa reformada



Fonte: Prefeitura, 2023

A reforma da praça foi inaugurada em 21 de outubro de 2022, com destaque para a instalação de novos equipamentos, como o *playground* e a academia popular. Além disso, foram realizadas novas pinturas na quadra poliesportiva e readequação da calçada (conforme figura 23). Embora a reforma não tenha envolvido mudanças grandiosas, houve uma melhoria nos equipamentos que estavam em mau estado de conservação. É importante notar, antes de iniciar a análise, que o contexto socioeconômico em que a praça está situada é distinto daquela e que a reforma realizada na praça se difere da realizada na praça Agenor Moreira.

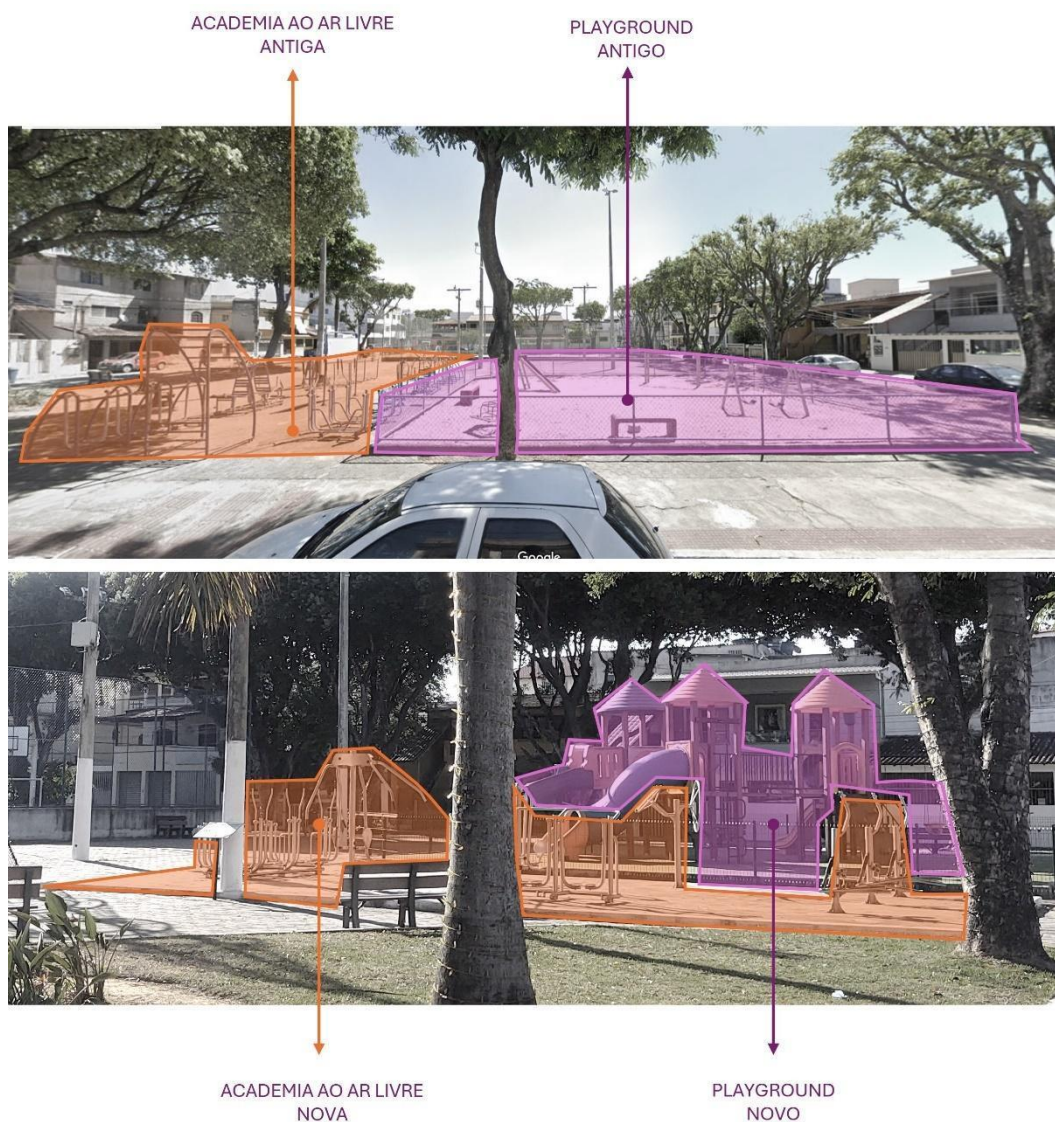
Figura 24 - Antes e depois da reforma praça Haroldo Rosa/ R. Aniceto Ferreira Lima



Fonte: Adaptado Google Maps, 2023

A quadra por sua vez teve o pequeno muro perimetral aumentado e o alambrado substituído por um novo, assim como a calçada em volta da praça foi adequada ao padrão da “calçada legal” para melhorar a acessibilidade (figura 24). Na figura 24 pode-se perceber que o piso não mudou, mas o tamanho do canteiro aumentou, dando maior espaço para a árvore de grande porte cujas raízes estavam causando problemas no piso. O *playground* foi completamente refeito antes era de areia com brinquedos de madeira e metal e agora é de piso sintético com brinquedos de plástico.

Figura 25 - Antes e depois da reforma praça Haroldo Rosa/ R. Nove



Fonte: Adaptado Google Maps, 2023

5.6 Análise dos elementos físico-morfológicos da praça Haroldo Rosa

Ao analisar a dimensão “**Uso e usuários**”, percebe-se que o bairro de Santa Mônica, onde está situada a praça Haroldo Rosa possui caráter residencial, sendo sua maior parte composta por uso residencial unifamiliar sem edifícios altos no entorno, caracterizados por edificações entre 1 a 3 pavimentos no máximo. Portanto o entorno possui uma característica espacial distinta da encontrada no bairro de Itapuã onde está localizada a praça Agenor Moreira.

Jacobs (2014) destaca a necessidade inicial de compreender a cidade e reconhecer a importância da mistura de usos, em vez de separá-los. Segundo a autora, a vitalidade das áreas urbanas e a sustentação da cidade dependem do uso ativo e da participação da população. A ausência de diversidade de usos em determinados locais resulta em ruas desertas e monótonas em certos horários do dia, levando os habitantes a evitarem essas áreas devido à falta de segurança. Para Jacobs (2014), a ativa utilização desses espaços, independentemente do horário ou dia da semana, contribui para torná-los mais seguros, graças à presença constante de pessoas em diferentes momentos e situações.

E isso ocorre nesta praça, durante as visitas de campo ficou nítido que a praça e seu entorno é pouco movimentado. Ademais, nota-se pela Figura 25, que o entorno da praça, em um raio de até 400 metros, apresenta um uso do solo pouco diverso. A maioria das edificações possui uso residencial, com algumas residências marcadas como uso misto devido à presença de comércio ou serviço no térreo ou na frente da casa. Um exemplo dessa configuração é encontrado na Avenida João Mendes, que divide os bairros Santa Mônica e Santa Mônica Popular, apresentando o maior número de edificações de uso misto, além de comércios e serviços.

Vale ressaltar que nas imediações da praça encontram-se duas escolas. A primeira, conforme ilustrado na Figura 00, é uma escola Municipal de Ensino Fundamental, enquanto a segunda, de maior porte, é uma instituição particular que abrange desde a educação infantil até o ensino médio.

Figura 26 - Mapa de uso do solo do entorno da praça Haroldo Rosa



Fonte: Autora, 2023

Ao analisar as fachadas do entorno percebe-se, através da figura 27, que há predomínio de fachadas monótonas e fachadas inativas (evidenciadas em vermelho e amarelo), principalmente monótonas. As fachadas inativas são muros cegos como percebe-se no entorno da escola e do condomínio residencial, enquanto as fachadas ativas, são aquelas com uso comercial ou de serviço com vitrines e aberturas que interagem com espaços públicos. Essas concentram-se principalmente na Avenida João Mendes.

Diferente do caso da praça Agenor Moreira, as fachadas do entorno da praça Haroldo Rosa tem maior permeabilidade. O entorno da praça apresenta habitações unifamiliares implantadas em lotes menores e esses com aberturas, grades e janelas para o exterior. O que vai ao encontro com a literatura e com que afirma Jacobs

(2014), pois a autora enfatiza a necessidade de edifícios com janelas voltadas para as ruas, criando uma permeabilidade visual que permite a vigilância natural.

Jacobs (2014, p.36) refere-se à relação entre a permeabilidade visual da edificação e o espaço público quando ao afirmar: “[...] os edifícios de uma rua preparada para receber estranhos e garantir a segurança tanto deles quanto dos moradores devem estar voltados para a rua. Eles não podem estar com os fundos ou um lado morto para a rua e deixá-la cega”.

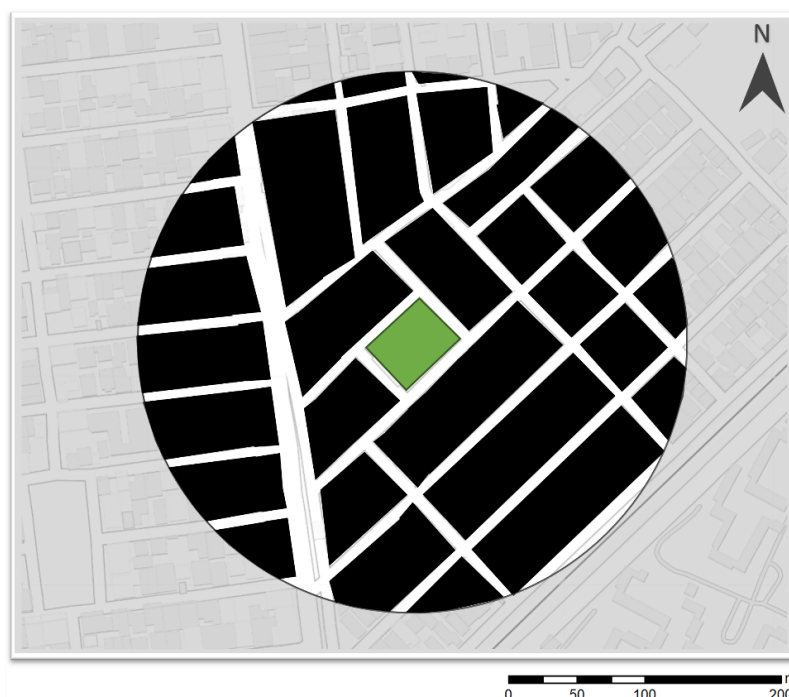
Figura 27 - Mapa de fachadas do entorno da praça Haroldo Rosa



Fonte: Autora, 2023

Ao examinar as dimensões das quadras (figura 28), torna-se evidente a predominância de quadras consideradas curtas, apresentando um formato retangular (aproximadamente 65 x 190 metros), com extensões inferiores a 200 metros. Essa medida é vista como apropriada para fomentar e estimular a mobilidade a pé, proporcionar variedade de trajetos e facilitar o acesso à praça. Esses aspectos, por sua vez, podem contribuir no aumento da sensação de segurança dos residentes que transitam a pé ou de bicicleta pelo bairro.

Figura 28 - Mapa de figura fundo quadras do entorno da praça Haroldo Rosa



Fonte: Autora, 2023

Destaca-se também que as quadras menores criam mais possibilidades de caminhos e percursos nas proximidades da praça. Para Jacobs (2014) as quadras devem ser curtas, pois, desempenham um papel significativo na configuração da malha urbana, favorecendo a permeabilidade e a continuidade do espaço urbano ao oferecerem alternativas dinâmicas de percursos. Ao adotarem dimensões mais compactas, essas quadras não apenas estimulam uma maior conectividade entre diferentes áreas do bairro.

Em relação à dimensão '**uso e usuários**', a praça Haroldo Rosa diferencia-se da praça Agenor Moreira pois não abriga atividades comerciais formais ou informais, como *foodtrucks* ou bancas de revista. Ademais, a praça não apresenta atividades temporárias ou não planejadas, o que se observa, porém, são pequenas apropriações comunitárias como garrafa pet com sacolas para que os donos de cachorro recolham

as fezes de seus pets. No entanto, a Praça Benedito de Oliveira Trabach, próxima a Haroldo Rosa, apresenta uma dinâmica diferente, contando com tais atividades tanto na própria praça quanto nas proximidades, possivelmente devido à sua localização próxima a uma via movimentada e ao comércio local. Visto a proximidade com a praça Haroldo Rosa, é essencial também compreender suas características e a influência da proximidade e dos usos da Praça Benedito de Oliveira Trabach. A movimentação nesta última acaba por afetar a Praça Haroldo Rosa, que em algumas ocasiões encontra-se menos frequentada, assim como suas ruas.

Figura 29 - Acessibilidade na praça Haroldo Rosa



Fonte: Autora, 2023

Ao analisar a “**acessibilidade**” do entorno percebe-se que as calçadas não são adequadas, algumas possuem sinalização tátil enquanto outras não e há obstáculos como desníveis em uma mesma calçada. Na praça, por sua vez, possui sinalização tátil em toda a sua calçada perimetral e nas rampas de acesso, porém, como comentado acima, as calçadas do entorno não são acessíveis o que dificulta e por vezes impossibilita a autonomia de pessoas com deficiência (Figura 29). O piso da calçada da praça é de concreto nivelado, porém, o piso no seu interior é de blocos

intertravados e ainda que seja nivelado e com boa manutenção é trepidante o que não é adequado para pessoas que utilizam cadeira de rodas.

Na dimensão “**Amenidades e mobiliário**” assim como a praça Agenor Moreira analisada previamente, não há banheiros, torneiras e bebedouros. Os equipamentos, por sua vez, são playground, quadra e academia popular (Figura 30)

Figura 30 - Amenidades e mobiliário praça Haroldo Rosa



Fonte: autora, 2023.

A respeito da dimensão “**conforto**” a praça é bem arborizada e sombreada e seus canteiros gramados têm uma diversidade maior de vegetação ao se comparar com a praça Agenor Moreira (Figura 31). A praça possui plantas, arbustos com e sem flores o que agrega, também, na qualidade estética. A praça não está em boas

condições de manutenção, no entanto, é possível ver lixeira quebrada a porta da quadra também.

A respeito da limpeza, de maneira geral, durante as visitas observou-se que a praça estava limpa apenas com folhas caídas das árvores. Por estar localizada em uma área residencial com baixo fluxo de veículos a praça é silenciosa, portanto, é possível ouvir sons naturais como o vento nas folhas e os pássaros com mais clareza do que na praça Agenor Moreira. Há presença de ruídos mecânicos, porém, em comparação, este não é tão significativo.

No quesito “**segurança**” como mencionado acima há alguns sinais de depredação nas lixeiras e na quadra, ainda que, de maneira geral os equipamentos e mobiliários estejam em boas condições. A praça Haroldo Rosa, diferentemente da Agenor Moreira possui câmera de segurança no seu interior.

Figura 31 - Conforto e Segurança praça Haroldo Rosa



Fonte: autora, 2023

O entorno da praça se destaca por não apresentar muros cegos, já que as fachadas das residências possuem aberturas, grades e vidros voltados para o espaço público, promovendo a vigilância natural conforme abordado por Bondaruk (2007) e o conceito dos "olhos da rua" defendido por Jane Jacobs. Essa permeabilidade visual, aliada à quantidade de aberturas para o espaço público, desempenha um papel crucial na promoção da sensação de segurança. No entanto, é importante destacar que a diversidade de usos também desempenha um papel significativo na percepção de

segurança, afetando a movimentação de pessoas em diferentes momentos do dia (JACOBS, 2014). Quanto ao impacto dos usos na segurança, Baraúse e Saboya (2018, p. 429) afirmam:

“[...] a forma como os usos não residenciais interagem com os usos residenciais, no nível do tipo arquitetônico, é determinante para seu efeito na vigilância natural e, conseqüentemente, na ocorrência de crimes: quando estão isolados entre si, geram pontos sem vigilância por significativos períodos; quando estão integrados na mesma edificação, podem complementar-se de maneira muito mais harmônica no que diz respeito aos horários de funcionamento e à geração de uma vigilância natural mais distribuída ao longo do dia e dos dias da semana.”

O quadro 13 apresenta um resumo da análise da praça Haroldo Rosa de acordo com as dimensões.

Quadro 13 - Resumo da análise físico-morfológica da praça Haroldo Rosa (continua)

Dimensão	Observações
Uso e usuários	O bairro de Santa Mônica, onde está localizada a Praça Haroldo Rosa, é predominantemente residencial, com edificações de até 3 pavimentos. O entorno da praça apresenta uso do solo pouco diversificado, com predominância de uso residencial unifamiliar. Presença de escolas nas imediações da praça.
Aspectos Extrínsecos	
Aspectos Intrínsecos	Predominância de fachadas monótonas e inativas no entorno da praça, especialmente ao redor da escola e condomínio residencial. No entanto, maior permeabilidade visual em comparação com a Praça Agenor Moreira, com habitações unifamiliares e aberturas para o exterior. Predomínio de quadras curtas, favorecendo a mobilidade a pé e o acesso à praça. Diferentemente da Praça Agenor Moreira, a Praça Haroldo Rosa não abriga atividades comerciais formais ou informais, mas apresenta pequenas apropriações comunitárias.
Acessibilidade	Calçadas do entorno apresentam irregularidades, falta de sinalização tátil e obstáculos, dificultando a locomoção de pessoas com deficiência.
Aspectos Extrínsecos	

Quadro 13 - Resumo da análise físico-morfológica da praça Haroldo Rosa (continua)	
Aspectos Intrínsecos	Calçada perimetral e rampas de acesso na praça possuem sinalização tátil, porém o piso interno é de blocos intertravados, o que pode ser trepidante e inadequado para cadeiras de rodas.
Amenidades e mobiliário	Equipamentos: Playground, quadra e academia popular. Infraestrutura: Ausência de banheiros, torneiras e bebedouros, semelhante à Praça Agenor Moreira.
Aspectos Intrínsecos	
Conforto	Praça bem arborizada e sombreada. Canteiros gramados com diversidade maior de vegetação em comparação com a Praça Agenor Moreira. Presença de plantas e arbustos com e sem flores, agregando na qualidade estética. Condições de manutenção da praça não estão adequadas, com lixeira quebrada e deterioração da quadra. Limpeza geral da praça limitada a folhas caídas das árvores. Localização em área residencial com baixo fluxo de veículos resulta em ambiente silencioso, permitindo a audição clara de sons naturais como o vento nas folhas e os pássaros. Presença de ruídos mecânicos, porém menos significativos em comparação com a Praça Agenor Moreira.
Segurança	Sinais de depredação em algumas lixeiras e na quadra, apesar de boa condição geral dos equipamentos. Presença de câmera de segurança no interior da praça.
Aspectos Intrínsecos	
Aspectos Extrínsecos	Entorno da praça caracterizado pela ausência de muros cegos, com fachadas das residências voltadas para o espaço público, promovendo vigilância natural. Importância da diversidade de usos na percepção de segurança, influenciando a movimentação de pessoas em diferentes momentos do dia. Integração entre usos não residenciais e residenciais pode contribuir para uma vigilância mais distribuída ao longo do dia e dos dias da semana.
Fonte: autora, 2023.	

5.7 Análise comportamental da praça Haroldo Rosa

A análise comportamental foi realizada utilizando a mesma metodologia da análise feita na praça Agenor Moreira nos períodos da manhã tarde e noite em dois dias da semana e em um dia de final de semana. A pesquisa de campo foi realizada nos mesmos dias em ambas as praças ao finalizar a análise em uma praça a pesquisadora se deslocava para a outra praça e assim sucessivamente. A praça Haroldo Rosa tem uma movimentação de pessoas muito menor que a praça Agenor Moreira acredita-se que por dividir o público com a praça Benedito de Oliveira Trabach que possui barraquinhas e comércio. Além disso a localização da praça estudada, diferentemente da Agenor Moreira, não está em uma avenida ou rua importante de conexão do bairro. Portanto, o público que frequenta a Haroldo Rosa tende a ser os moradores do entorno do bairro.

Figura 32 - Mapa de circulação praça Haroldo Rosa



Fonte: autora, 2023

As observações feitas foram ilustradas nos mapas comportamentais de cada dia e horário como mostra o quadro 14. Nos dias de semana o que se observa é que a praça é mais utilizada para circulação, ou seja, as pessoas atravessam a praça mais do que passam pelas calçadas (Figura 32). No entanto a calçada da praça na rua

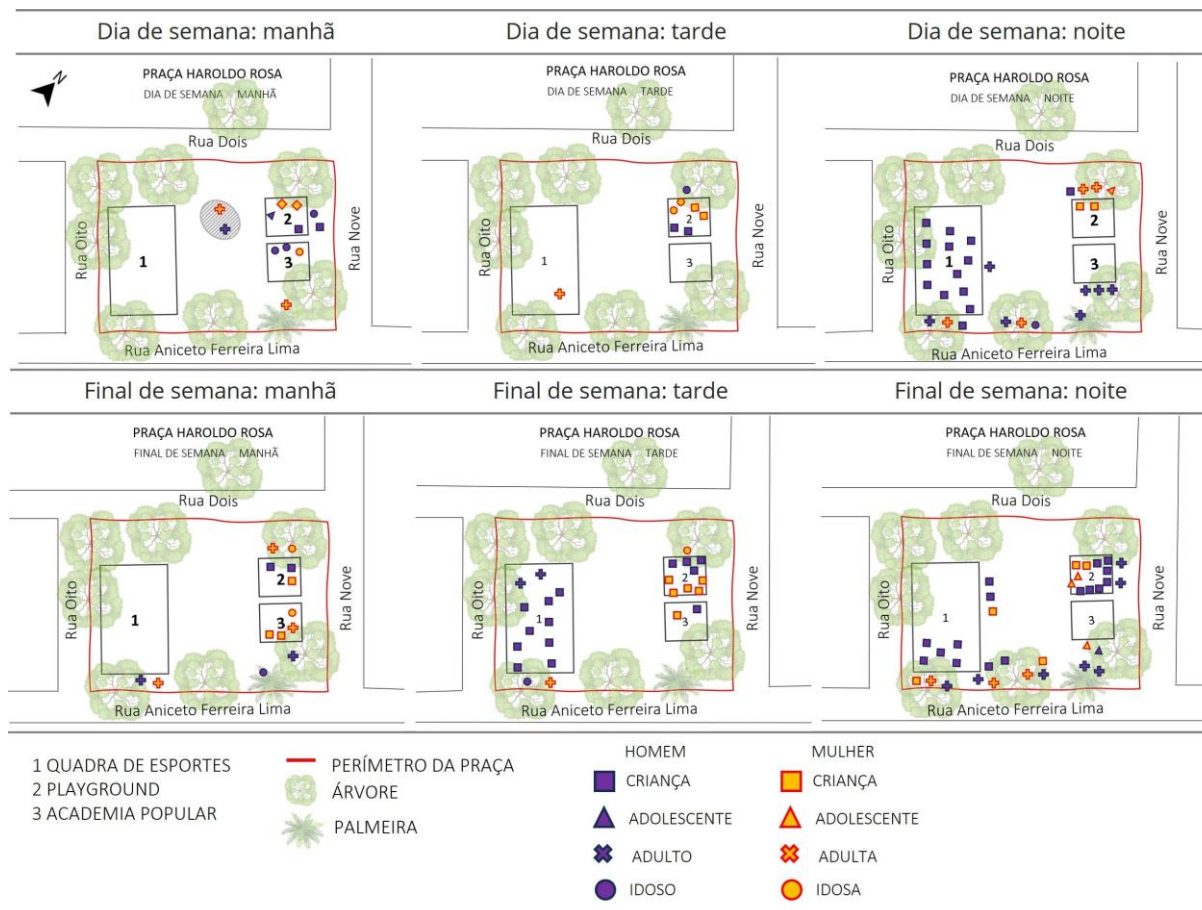
Aniceto Ferreira Lima é a mais utilizada inclusive que a do outro lado da rua. Durante a semana é possível observar homens e mulheres que levam os cachorros para passear e circulam em volta da praça e vão embora, poucos são os que permanecem. Além disso, crianças que saem da escola fazem esse trajeto acompanhadas por responsáveis ou por vezes sozinhas.

Durante a semana pela manhã observa-se a presença de idosos e algumas mulheres cuidando das crianças no parquinho, como mostra o quadro 14. Diferentemente da praça Agenor Moreira foi observado pessoas descansando nos bancos nas sombras das árvores, outro idosos passavam pela praça e observavam o lugar e depois saíam. Ademais foi observada a presença de idosos utilizando a academia ao ar livre fazendo exercícios. Assim como, mulheres idosas cuidando de crianças. Em um dos dias da semana havia uma grande quantidade de funcionários da prefeitura na praça descansando e conversando (quadro 14). No outro dia, no entanto, foi observado dois funcionários realizando a limpeza, no caso um homem e uma mulher.

No período da tarde durante a semana, nota-se uma concentração significativa de pessoas no parquinho, como ilustra o mapa comportamental no quadro 14. É relevante ressaltar que algumas crianças mais velhas e até mesmo adolescentes se reúnem nesse espaço, mesmo que não seja originalmente destinado a esse público. Surpreendentemente, até mesmo mulheres adultas encontram-se sentados no chão do parquinho. As mulheres idosas também aparecem cuidando de crianças pela tarde, estas ficam ou no próprio parquinho ou nos bancos em frente a ele.

Foi observado que homens também desempenham a atividade de cuidado com as crianças e se localizam próximos ao parquinho. Ademais, desperta a atenção um evento particular de uma mulher adulta que utiliza a quadra, que estava vazia neste dia e horário, para brincar com o cachorro por ser um espaço fechado ela pode deixá-lo solto. Portanto através da observação foi notado que há bastante pessoas que cuidam de cachorros na praça ainda que não haja um espaço específico para tal, como ocorre na praça Agenor Moreira.

Quadro 14 - Síntese Mapas comportamentais praça Haroldo Rosa



Fonte: autora, 2023.

A noite durante a semana, há presença de homens e mulheres socializando e cuidando de crianças assim como idosas e homens jogando na quadra (quadro 14). A noite é quando a quadra é mais utilizada e em sua grande maioria por crianças. Como mencionado anteriormente há pessoas que circulam pela praça com seus cachorros e isso ocorre mais no período da noite. No entanto, como não há atrativos, nem comércios nas imediações da praça, depois de certo horário (a partir das 20h) a praça esvazia. Isso foi percebido durante as visitas informais e informado durante conversa com um morador.

Gráfico 4 - Contagem de pessoas dia de semana praça Haroldo Rosa



Fonte: autora, 2023.

A contagem de pessoas foi utilizada para complementar a análise do mapa comportamental a fim de ter dados quantitativos, dito isso, observa-se no gráfico 4 que a quantidade de pessoas na praça de maneira geral é baixa. É possível perceber que durante a semana a quantidade total de homens é um pouco maior que a de mulheres. A presença de adolescentes não é expressiva em nenhum turno do dia e a quadra é mais utilizada por crianças e adultos. O panorama geral, conforme indicado pelo gráfico 00, revela uma predominância masculina na praça, com uma proporção de 65% de homens em relação a 35% de mulheres durante a semana. E no final de semana de 64% de homens em relação a 36% de mulheres.

Figura 33 - Mãe e filhas usando a academia ao ar livre praça Haroldo Rosa



Fonte: Autora, 2023.

No final de semana, as atividades seguem uma dinâmica semelhante ao dia de semana. Pela manhã, há a presença de crianças acompanhadas de seus responsáveis no parquinho, onde interagem e socializam entre si. Além disso, observa-se pessoas que optam por descansar na praça ou simplesmente socializar, incluindo idosos e adultos. Na academia popular, destaca-se não apenas a presença de idosos, mas também a utilização lúdica dos aparelhos por crianças, que os encaram como brinquedos. Um cenário que chama a atenção é o de uma mãe realizando atividades físicas, enquanto suas filhas brincam de forma animada na academia, criando um ambiente participativo. No entanto, essa imagem também reflete a multiplicidade de atividades realizadas pelas mulheres (figura 33). Nas tardes dos finais de semana, percebe-se uma presença mais expressiva de crianças na quadra em comparação aos adultos e idosos, uma observação atribuída ao fato de alguns responsáveis, residentes nas proximidades da praça, permitirem que seus filhos brinquem de maneira autônoma. Esses responsáveis aparecem ocasionalmente para supervisionar as atividades, muitas vezes observando da entrada de suas casas ou de suas garagens.

Nessa praça em particular, é notável que, principalmente entre os mais velhos, a tendência é abrir suas garagens e se acomodar em cadeiras na calçada ao final da tarde. Durante uma das visitas de campo, também foi observado que as pessoas encaram a praça como uma extensão de suas casas, utilizando-a para atividades como fazer churrasco nos finais de semana, por exemplo, como ilustra a Figura 34. A noite percebe-se que há um número maior de adultos supervisionando as crianças do que no período da tarde.

Figura 34 - Pessoas fazendo churrasco na praça Haroldo Rosa



Fonte: Autora, 2023.

Há especialmente um número maior de adolescentes no final de semana a noite seja nos bancos ou novamente no parquinho juntamente com as crianças. O que foi observado nesta praça diferentemente da praça Agenor Moreira é que as crianças não utilizam o centro da praça para andar de patins, bicicleta ou skate, por exemplo. Isto pode ocorrer devido ao piso da praça ser trepidante e não favorecer esse tipo de atividade, portanto, o centro da praça tende a ficar ocioso.

As crianças dividem-se entre o parquinho e a quadra, no entanto, a quadra a tarde e à noite tende a ter crianças maiores e adultos. Isso mostra que, talvez, haja a necessidade de mais espaços lúdicos para diferentes idades. No final de semana tem maior concentração de pessoa na praça, principalmente à noite, como mostra o gráfico 00. Pela manhã há um equilíbrio entre homens e mulheres, mas a tarde e à noite tem mais crianças principalmente, porém um pouco mais homens adultos. Assim como nos dias de semana não há uma quantidade expressiva de adolescentes com exceção à noite.

5.8 Análise perceptiva da praça Haroldo Rosa

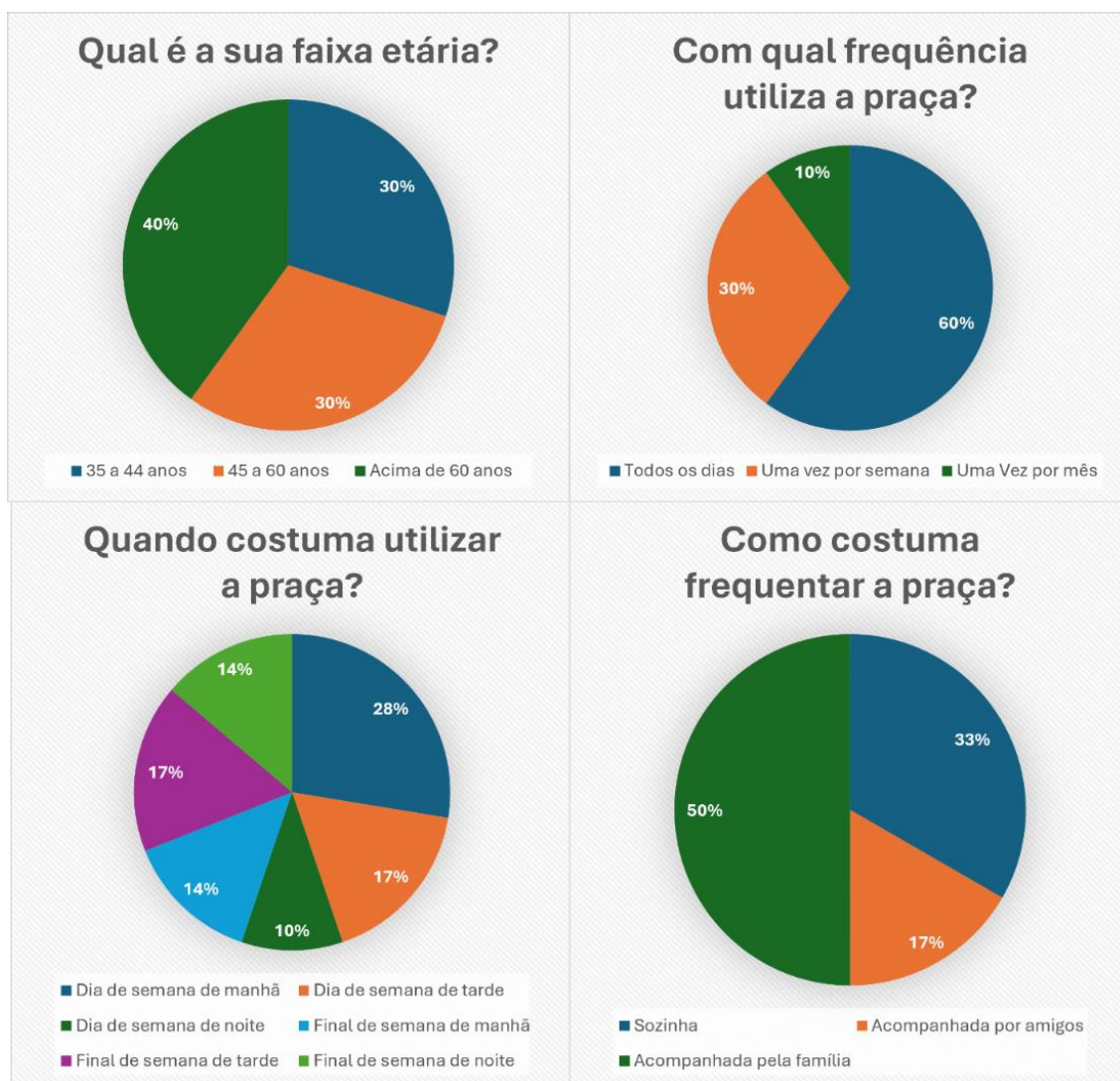
Nesta fase da pesquisa, usando o mesmo método da praça Agenor Moreira, o enfoque concentrou-se na escuta das usuárias para compreender a forma como elas utilizam as praças. Foi utilizado mesmo método da praça Agenor Moreira, ou seja, uma entrevista semiestruturada com seis perguntas fechadas foi aplicado, visando identificar faixa etária, frequência de uso, horários preferenciais e motivações para visitar o espaço. Entrevistas com perguntas abertas exploraram percepções sobre segurança, conforto e sugestões para melhorias, incluindo a introdução de novas atividades.

Foram também investigadas as áreas consideradas mais ou menos agradáveis, buscando identificar elementos físicos que influenciam as percepções. Além disso, as mulheres foram questionadas sobre eventuais diferenças na utilização da praça por homens e mulheres. A análise incluiu o mapeamento das ruas mais frequentemente utilizadas e aquelas evitadas pelas usuárias, considerando preocupações com bem-estar e segurança. A pesquisa contou com a participação de dez mulheres adultas, visando obter uma visão abrangente, incluindo aquelas não regularmente vinculadas ao local.

Conforme pode-se observar no gráfico 5, a faixa etária das entrevistadas tem maior porcentagem de mulheres mais velhas como acima de 60 anos e depois divide-se entre 35 a 44 anos e 45 a 60 anos. Não teve respondentes da faixa etária de 18 a

24 anos nem de 25 a 34 anos. Sobre a frequência com que utilizam a praça, mais da metade utiliza a praça todos os dias, em seguida uma vez por semana e a menor porcentagem uma vez por mês.

Gráfico 5 - Respostas das perguntas 1,2,3 e 4 (Praça Haroldo Rosa)

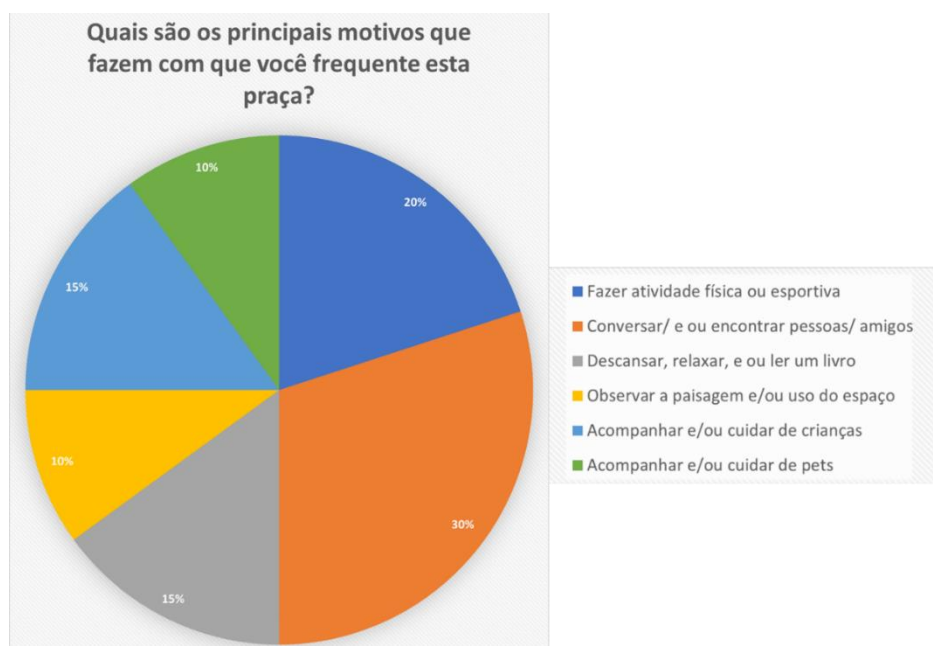


Fonte: Autora,2023.

A respeito do período no qual frequentam a praça apesar de estar dividido entre dia de semana (55%) e final de semana (45%), a maioria frequenta em dia de semana pela manhã (28%). E dia de semana a noite teve o menor percentual (10%). Contudo, é relevante destacar que durante as manhãs e tardes, há uma presença mais expressiva de mulheres na praça em comparação com as noites, tanto em dias de

semana quanto nos finais de semana, conforme as respostas. Metade das entrevistadas frequentam a praça acompanhada pela família, no entanto, nessa praça mais mulheres afirmaram frequentar a praça sozinha e a menor parcela frequenta acompanhada com os amigos.

Gráfico 6 - Respostas da pergunta 05 (Praça Haroldo Rosa)



Fonte: autora, 2023

Outra pergunta foi “Você passou a frequentar mais a praça depois da reforma?” e 70% das respostas foi “não” e 30% “sim”. Algumas entrevistadas elaboraram a resposta ao dizer que já utilizavam a praça antes então não houve mudança quanto a isso. A respeito dos principais motivos que levam a frequentar a praça, 30% das respostas foi “**conversar/ e ou encontrar pessoas/ amigos**” e 20% “**fazer atividades físicas e/ou esportivas**” (Gráfico 6). As atividades de cuidado como “**acompanhar e/ou cuidar de crianças**” e “**acompanhar e/ou cuidar de pets**” somam 25% das respostas. E as atividades de lazer contemplativo “descansar, relaxar, e ou ler um livro” e “**observar a paisagem e/ou uso do espaço**” somam os 25% restantes. Esses dados corroboram o que foi observado na análise comportamental, tendo em vista que a maioria das entrevistadas foi idosas, e estas desempenham mais atividades de

cuidado, mas de socializar, descansar e observar a paisagem. Ademais sua presença também foi observada na academia ao ar livre.

Na etapa de perguntas abertas a primeira era “*O que te faz sentir segura ou confortável em um espaço público como a praça?*” Dentre as respostas alguns pontos foram levantados:

Quadro 15 - Síntese das respostas da pergunta 01 praça Haroldo Rosa (continua)

Aspecto	Descrição	Efeito/resultado
Presença de Pessoas	Várias entrevistadas mencionaram a presença de pessoas na praça como um fator que as faz sentir seguras ou confortáveis. Isso sugere que a movimentação e a aglomeração de pessoas contribuem para um ambiente mais acolhedor.	A presença significativa de pessoas na praça pode ser recomendada, sugerindo a importância de ter atrativos na praça e no entorno para melhorar a vitalidade urbana e promover a sensação de segurança entre os frequentadores do espaço público.
Segurança Física	Algumas entrevistadas expressaram que a presença de policiais ou medidas de segurança física, como câmeras de vigilância, são elementos importantes para se sentirem seguras. Isso destaca a importância da segurança percebida para o conforto no espaço público.	A presença de policiais e medidas de segurança física, como câmeras de vigilância, poderiam contribuir para aumentar a sensação de segurança das pessoas no espaço público.
Tranquilidade e Conhecimento do Local	Algumas entrevistadas mencionaram a tranquilidade da praça e o fato de conhecerem as pessoas ou a comunidade ao seu redor como fatores que contribuem para sua sensação de segurança. Conhecer as pessoas e estar familiarizado com o ambiente parece ser crucial.	Essa familiaridade e senso de comunidade promovem um ambiente acolhedor e confortável, incentivando as pessoas a desfrutarem do espaço público de forma mais relaxada e participativa.

Quadro 15 - Síntese das respostas da pergunta 01 praça Haroldo Rosa (conclusão)

Comunidade Unida e Representação	Uma entrevistada destacou a importância de uma comunidade unida e de ter alguém para representar e zelar pela praça. Isso sugere que uma comunidade ativa e bem representada pode influenciar positivamente a segurança percebida.	Uma comunidade unida tende a promover a vigilância natural e o cuidado coletivo com o espaço público, aumentando a sensação de segurança entre os moradores e visitantes. Além disso, a presença de representantes locais pode facilitar a comunicação entre os moradores e as autoridades responsáveis pela manutenção e segurança da área, promovendo um ambiente mais seguro e acolhedor para todos.
Proximidade a Residências	A proximidade a residências e a presença de pessoas conhecidas foram mencionadas como fatores que contribuem para a sensação de segurança. Isso sugere que a familiaridade com os frequentadores locais é um elemento importante.	Quando a praça está localizada próxima a residências, os moradores tendem a se apropriar do espaço e a monitorá-lo de forma mais ativa, contribuindo para a vigilância natural e inibindo comportamentos indesejados. Além disso, a presença de pessoas conhecidas cria um senso de comunidade e pertencimento, fazendo com que os frequentadores se sintam mais confortáveis e protegidos. Isso reforça a importância da interação social e da conexão com o entorno para promover um ambiente seguro e acolhedor na praça.

Fonte: autora, 2023

Assim como na praça Agenor Moreira, nota-se que a presença de pessoas e autoridades desempenha um papel crucial na segurança das mulheres. Contudo, durante as entrevistas nesta praça, tornou-se evidente que a união da comunidade é um elemento significativo. O fato de todos se conhecerem e morarem a muitos anos no bairro contribui para uma sensação de segurança. No entanto, pelas respostas percebe-se que as entrevistadas sentem falta de um representante local que pudesse exigir e cuidar da praça e do bairro. As respostas, entretanto, revelaram divergências,

pois algumas mulheres sentem-se seguras devido à tranquilidade e familiaridade com o local, enquanto outras, mesmo conhecendo o bairro e seus residentes, ainda expressam temores relacionados à violência, mencionando crimes recentes na área. Essas últimas afirmaram ainda não se sentirem seguras em lugar algum do bairro por medo da violência.

O medo, enquanto construção individual, também se manifesta como um sentimento coletivo e generalizado denominado por Baierl (2004) como "medo social", gerando indignação diante da impotência em lidar com a violência. A autora distingue duas categorias de medo: o real, diante de situações concretas de alto risco, e o potencial, originado da sensação de insegurança proveniente de estatísticas veiculadas na mídia. Esta desempenha um papel de destaque ao intensificar o temor da população, disseminando informações tendenciosas e estatísticas exageradas sobre a violência urbana. Lira (2014) enfatiza que a mídia, ao veicular notícias sensacionalistas, contribui para a amplificação do medo, tornando a violência algo corriqueiro, especialmente para as classes desprivilegiadas, que acabam por banalizar essas ocorrências devido à exposição constante.

A segunda pergunta era *“Na sua opinião, o que poderia melhorar na praça? Tem alguma atividade que você gostaria que existisse na praça?”* Dentre as respostas alguns pontos foram levantados:

Quadro 16 - Síntese das respostas da segunda pergunta da Praça Haroldo Rosa (continua)

Aspecto	Descrição	Efeito/resultado
Melhoria na Segurança:	A maioria das entrevistadas destacou a necessidade de melhorar a segurança na praça, seja através de policiamento mais frequente, cobertura da quadra para evitar bolas perdidas nas casas ou a presença de guardas municipais.	Essa observação destaca a importância de implementar medidas concretas para melhorar a segurança na praça, como aumentar a presença policial ou instalar dispositivos de segurança, como câmeras de vigilância. Essas ações podem contribuir significativamente para aumentar a sensação de segurança dos frequentadores e tornar o espaço mais acolhedor e convidativo.

Quadro 16 - Síntese das respostas da segunda pergunta da Praça Haroldo Rosa (conclusão)		
Atividades Físicas e de Lazer:	Algumas entrevistadas expressaram o desejo de ter atividades físicas na praça, como a presença de professores para auxiliar no uso dos equipamentos de academia ao ar livre. Também foram mencionadas sugestões de atividades como ginástica, capoeira e projetos sociais.	Essa observação ressalta a importância de oferecer uma variedade de atividades físicas e de lazer na praça para atender às necessidades e interesses da comunidade local. A presença de profissionais qualificados para orientar o uso dos equipamentos de academia ao ar livre e a oferta de atividades como ginástica, capoeira e projetos sociais podem promover a saúde e o bem-estar dos frequentadores, além de estimular a interação social e a integração comunitária.
Manutenção e Prevenção de Depredação	Algumas entrevistadas ressaltaram a importância de evitar a depredação e a necessidade de manutenção constante na praça. A presença de guardas ou vigilância foi sugerida como forma de prevenir danos.	Essa observação sublinha a necessidade crítica de implementar medidas eficazes de manutenção e prevenção de depredação na praça. A presença de guardas ou sistemas de vigilância pode desempenhar um papel fundamental na dissuasão de comportamentos danosos e na garantia da conservação do espaço público.
Projetos Sociais e Comércio Informal:	Algumas entrevistadas sugeriram a implementação de projetos sociais na comunidade, aproveitando o espaço da praça. Além disso, uma entrevistada mencionou a possibilidade de ter barraquinhas e foodtrucks como uma melhoria.	Essa visão destaca a necessidade de introduzir atividades comerciais e sociais na praça, visando satisfazer as demandas da comunidade local. A inclusão de barraquinhas e foodtrucks, juntamente com projetos sociais, poderia preencher essa lacuna, proporcionando opções de entretenimento, alimentação e interação social, e assim, revitalizando o espaço público.

Fonte: autora, 2023.

Em conformidade com as respostas à primeira pergunta, onde as participantes destacaram sentir-se mais seguras com a presença de autoridades, foi apontada a necessidade de melhorar a segurança na praça por meio do policiamento. Ainda a respeito de ter a presença de guardas, por exemplo, entrevistadas citaram que a presença a importância devido aos vândalos e a depredação que ocorre na praça. Esta foi a principal questão citada pelas participantes.

Outras entrevistadas citaram a academia ao ar livre que segundo elas tinha um professor que instruía a população, mas isso não ocorre mais. Há a preocupação com as mulheres mais idosas de saber usar os aparelhos da maneira correta. Outro ponto levantado foi a sugestão de projetos sociais para a comunidade do bairro, foi citado inclusive aulas de capoeira que ocorriam na praça, mas a entrevistada não soube dizer se ainda acontecem.

A terceira pergunta era “*Qual lugar da praça você acha mais agradável? Por quê?*” Dentre as respostas alguns pontos foram levantados:

1. **Academia ao Ar Livre:** Várias entrevistadas mencionaram a academia ao ar livre como um lugar agradável. Elas destacaram a importância de poder realizar exercícios para a saúde e a conveniência desse espaço.
2. **Parquinho:** O parquinho também foi mencionado por algumas entrevistadas como um lugar agradável. A presença de crianças, a paz, o sossego e a sombra foram aspectos destacados que tornam esse local atrativo.
3. **Perto do parquinho e quadra:** Algumas entrevistadas destacaram que apreciam áreas próximas ao parquinho, onde há bancos e sombra, tornando o local agradável. A atmosfera mais animada e a possibilidade de observar as crianças brincando contribuem para a sensação de conforto nesses espaços.

Figura 35 - Mapa de lugar mais agradável da praça Haroldo Rosa



Fonte: autora, 2023.

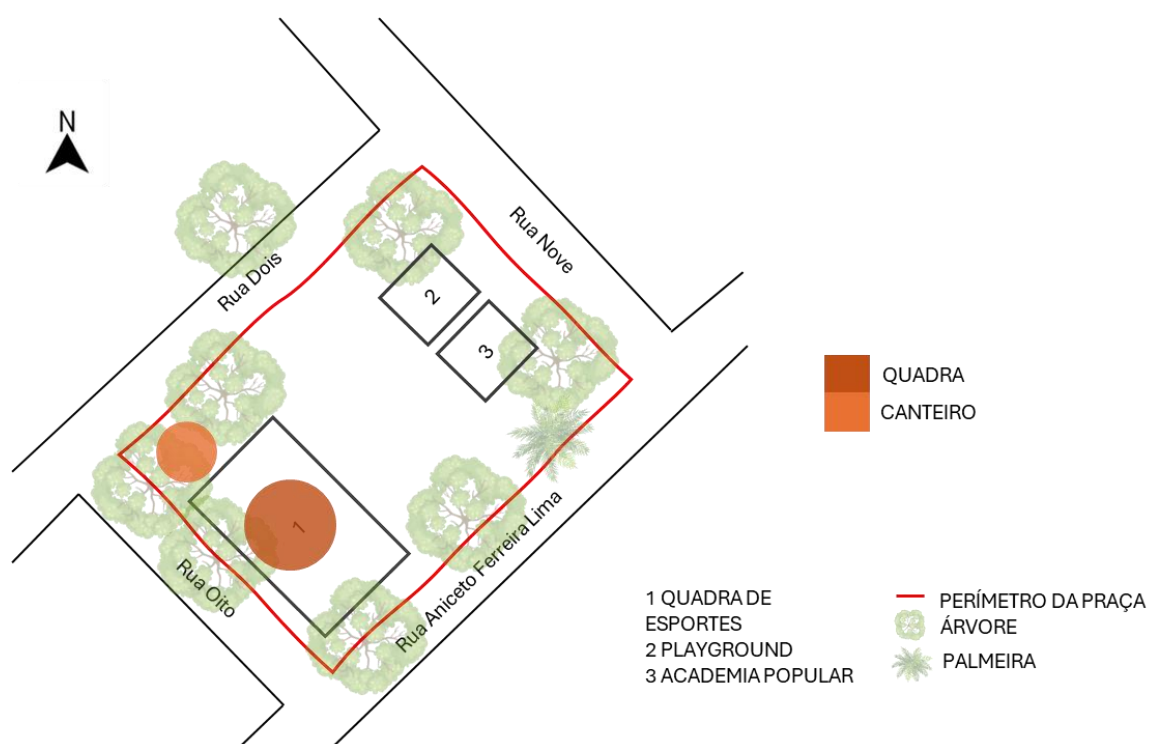
Assim como na entrevista realizada na praça Agenor Moreira os principais fatores para tornar o espaço agradável são: bancos com sombra e os equipamentos. Nessa praça destacou-se a academia ao ar livre como lugar agradável é um equipamento que não tem na outra praça. Em semelhança a praça Agenor Moreira, foram citados o parquinho e a quadra que possibilitam o cuidado das crianças como ilustra a figura 35.

É notável observar a associação entre a presença de crianças e a criação de um ambiente agradável, animado e confortável. Essa correlação destaca-se ao reconhecermos que espaços seguros para as crianças também são benéficos para todos, pois ao planejar e estruturar ambientes pensando nos grupos mais vulneráveis, atendemos às necessidades de toda a comunidade. A ideia central é que a segurança e o conforto das crianças se estendem a todos os frequentadores, promovendo, assim, um ambiente inclusivo e propício ao bem-estar coletivo.

A quarta pergunta era “Qual lugar da praça você acha menos agradável? Por quê?” Dentre as respostas alguns pontos foram levantados:

1. **Avaliação Positiva:** A maioria das entrevistadas não identificou nenhum lugar específico como menos agradável, considerando o ambiente da praça como ótimo, ou sem alguma justificativa.
2. **Preocupação com Usuários de Drogas:** indicou-se uma preocupação geral com a presença crescente de usuários de drogas na praça, embora não tenha especificado um lugar específico.
3. **Quadra:** expressou-se que a quadra é menos agradável devido à falta de manutenção e à presença de vândalos, o que pode afetar negativamente a qualidade desse espaço.

Figura 36 - Mapa de lugar menos agradável da praça Haroldo Rosa



Fonte: autora, 2023.

É essencial destacar que, de maneira geral, as participantes não identificaram um local específico na praça que fosse desagradável. No entanto, essa pergunta revela aspectos que contribuem para compreender as insatisfações das entrevistadas. A vegetação, por exemplo, mencionada como um elemento que torna o ambiente mais agradável, torna-se motivo de preocupação quando não recebe manutenção adequada, podendo representar um obstáculo visual (Figura 36). A quadra, citada como um espaço animado onde as crianças brincam, também suscita inquietação devido à depredação, conforme mostra a figura 36. Assim, uma preocupação expressa pelas entrevistadas é a necessidade de preservação desses espaços. A falta de manutenção não apenas influencia na percepção visual, mas também pode afetar a segurança, pois, espaços sem manutenção influenciam na percepção do criminoso em relação ao controle social desses ambientes, que passam a tornar-se mais vulneráveis a ações criminosas (SOARES e SABOYA, 2019).

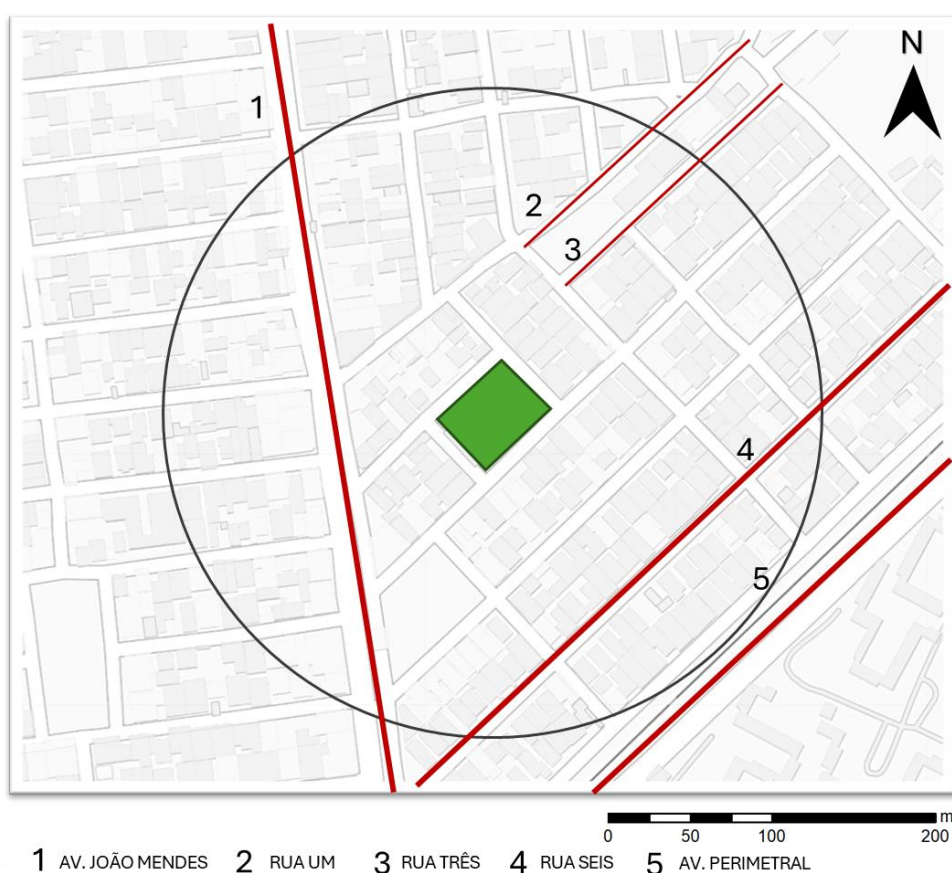
A quinta pergunta era "*Você acha que homens e mulheres usam a praça de forma igual? Por quê?*" Dentre as respostas alguns pontos foram levantados:

1. **Perspectiva de Igualdade:** A maioria das entrevistadas acredita que homens e mulheres usam a praça de forma igual. Elas destacam a participação conjunta em atividades familiares, como festas e a presença de famílias e crianças brincando.
2. **Percepção de Diferença:** Outras entrevistadas têm uma percepção de diferença, argumentando que as mulheres costumam vir para cuidar das crianças, enquanto os homens podem estar mais envolvidos em atividades como jogar bola, indicando uma possível divisão de papéis.

Com base nas respostas à quinta pergunta sobre a igualdade de uso da praça por homens e mulheres, surgiram duas perspectivas distintas. A maioria das entrevistadas expressou a visão de igualdade, ressaltando a participação conjunta em atividades familiares, como festas, e a presença de famílias e crianças brincando. Essa percepção destaca a praça como um espaço compartilhado de convívio familiar, onde ambos os gêneros participam ativamente. Por outro lado, algumas entrevistadas

apresentaram uma perspectiva de diferença, sugerindo que as mulheres tendem a frequentar a praça para cuidar das crianças, enquanto os homens se engajam em atividades mais esportivas, como jogar bola. Essa observação aponta para uma possível divisão de papéis de gênero no uso do espaço público, indicando que as atividades realizadas por homens e mulheres na praça podem ser influenciadas por expectativas sociais específicas relacionadas a seus respectivos gêneros.

Figura 37 - Mapa de ruas "para evitar" praça Haroldo Rosa



Fonte: Autora, 2023.

Ao perguntar às participantes sobre as ruas próximas à praça que elas consideram inseguras para outras mulheres, a maioria expressou preocupação com a segurança do bairro como um todo. Alguns participantes mencionaram que o bairro parecia tranquilo devido à sua longa permanência e aos vizinhos conhecidos, enquanto outros apontaram para crimes recentes ocorridos nas proximidades,

ressaltando preocupações com a segurança local. Dentre as mais citadas pelas participantes estão a Av. João Mendes, a Rua Seis e a Av. Perimetral, como ilustra o mapa da figura 37.

A primeira é uma avenida movimentada devido ao comércio durante o dia, porém, à noite, tende a ficar deserta. Devido às suas duas vias largas e ao intenso tráfego, atravessar a rua pode se tornar perigoso para os pedestres, contribuindo para uma sensação de insegurança. A Rua Seis, por sua vez, é pouco iluminada e cercada por residências, resultando em menos movimento de pessoas, o que pode aumentar o sentimento de insegurança, especialmente entre as mulheres. A Avenida Perimetral é dividida pelo Canal da Costa, um canal tamponado que recebe esgoto. Ladeada por condomínios extensos com grandes muros, a rua não é bem iluminada à noite, contribuindo para a sensação de insegurança na área.

5.8 Síntese comparativa das duas praças

A análise das reformas nas praças Agenor Moreira e Haroldo Rosa revela uma clara disparidade no nível de investimento e atenção dispensados a essas duas áreas públicas, refletindo a desigualdade de tratamento de espaços públicos em diferentes contextos urbanos. A Praça Agenor Moreira, situada em uma área de maior valorização econômica e social, recebeu uma reforma substancial, refletindo a priorização de espaços em áreas de maior valorização imobiliária. A inclusão de elementos como o mural artístico e a melhoria dos equipamentos urbanos visam não só à função social da praça, mas também à valorização estética e econômica da área. Em contraste, a Praça Haroldo Rosa, localizada em uma área menos densa e predominantemente residencial, recebeu intervenções pontuais, o que pode sugerir uma abordagem mais restrita e uma percepção de menor necessidade de intervenção. Isso pode indicar uma lacuna na gestão pública, onde as áreas com menor atratividade econômica e visibilidade social acabam sendo negligenciadas no que diz respeito ao investimento em espaços de maior visibilidade.

Do ponto de vista da apropriação feminina desses espaços, observa-se que as intervenções realizadas na Praça Agenor Moreira têm se mostrado mais eficazes para atrair diversos públicos, incluindo as mulheres, devido à infraestrutura mais atrativa e ao aumento da segurança percebida. Elementos como os bancos de concreto moldados e a presença de um mural artístico contribuem para a criação de uma identidade visual, que torna o espaço mais acolhedor e propício ao encontro social. Por outro lado, a Praça Haroldo Rosa, com melhorias mais limitadas, pode não ter sido capaz de atrair a mesma diversidade de usuários. A ausência de intervenções mais visíveis e alguns sinais de depredação podem gerar uma sensação de espaço abandonado, comprometendo o uso do espaço por qualquer grupo social, especialmente as mulheres, que geralmente têm um relacionamento mais cauteloso com o espaço público.

Esses resultados evidenciam a necessidade de um planejamento urbano que considere as especificidades de diferentes grupos sociais, especialmente as mulheres, ao projetar e reformar espaços públicos. A experiência de uso das praças urbanas não deve ser medida apenas pela estética ou pela quantidade de equipamentos, mas também pela capacidade de gerar sentimentos de pertencimento, segurança e inclusão. A reforma da Praça Agenor Moreira demonstra como o planejamento urbano pode integrar fatores físico-morfológicos que favorecem o uso social do espaço, enquanto a reforma da Praça Haroldo Rosa reforça o impacto negativo da falta de intervenção, que afeta diretamente a qualidade de vida e o bem-estar das mulheres na área. Para que a cidade se torne mais inclusiva e acessível, é essencial que o planejamento urbano não apenas repare ou melhore os elementos físicos, mas que também considere as diversas experiências de uso, priorizando a segurança e o conforto das usuárias.

No que diz respeito à segurança, a Praça Haroldo Rosa apresenta maior permeabilidade visual, mas a baixa movimentação de pessoas, especialmente à noite, a torna menos segura em comparação com a Praça Agenor Moreira. Embora a Agenor Moreira tenha menos aberturas para o espaço público, ela se beneficia de uma

presença policial mais constante, o que contribui para uma maior sensação de segurança. Em relação à acessibilidade, a reforma na Praça Agenor Moreira trouxe melhorias significativas, tornando o espaço mais acessível para diversos públicos. Contudo, ainda existem desafios, como a ausência de vagas destinadas a pessoas com deficiência nas calçadas ao redor. Na Praça Haroldo Rosa, embora a calçada externa tenha recebido melhorias, não houve avanços substanciais em termos de acessibilidade.

Quanto ao conforto, ambas as praças oferecem ambientes agradáveis, com sombreamento adequado, presença de árvores e sons naturais. Entretanto, a Praça Agenor Moreira pode ser afetada pelo elevado fluxo de veículos nas proximidades, gerando sons mecânicos indesejados. Em contrapartida, a Praça Haroldo Rosa, com um movimento de carros consideravelmente menor, oferece um ambiente mais tranquilo. As características do entorno e da própria praça parecem influenciar diretamente no uso e na apropriação do espaço.

A Praça Agenor Moreira, embora apresente aspectos que geram certa insegurança, como a presença de muros e o tráfego intenso de veículos, conta com atrativos estéticos e infraestruturais que a tornam mais convidativa. A praça foi aprimorada após a reforma, o que contribuiu para o aumento da sensação de conforto, com espaços sombreados e a presença de equipamentos urbanos modernos. Além disso, a presença de comércio informal nas redondezas gera uma atmosfera dinâmica e ativa, o que atrai uma diversidade de frequentadores, incluindo pessoas que não residem nas proximidades, mas que buscam um espaço de socialização ou lazer. A localização da praça, em uma área residencial com fácil acesso, contribui para o uso constante por diferentes grupos sociais, embora também atraia um público com maior heterogeneidade e, por vezes, maior risco de violência.

A localização da praça influencia diretamente no uso e na dinâmica de apropriação do espaço. Algumas praças atraem um público maior, o que não foi antecipado inicialmente na pesquisa. A Praça Agenor Moreira, por exemplo, conta com maior visibilidade e infraestrutura, como a presença de food trucks e atividades

de lazer, o que gera um espaço mais dinâmico e multifacetado. Essa diversidade de atrativos, somada à localização, contribui para uma ampla gama de frequentadores, incluindo aqueles que não residem nas proximidades. A apropriação do espaço por parte das mulheres, por sua vez, reflete as responsabilidades sociais acumuladas, já que muitas delas circulam pelo espaço público acompanhadas de crianças, bolsas e carrinhos de bebê. Isso exige um planejamento urbano que considere essas questões, garantindo maior acessibilidade e conforto para esses usuários.

Por outro lado, a Praça Haroldo Rosa se caracteriza por uma utilização mais intimista e voltada para a comunidade local. As famílias que frequentam o espaço com frequência mantêm uma relação próxima com ele, tratando-o como uma extensão de suas casas. Esse vínculo mais estreito leva a uma maior vigilância comunitária e zelo pelo ambiente, o que contribui para a percepção de segurança e conforto. A praça, em sua forma mais simples e modesta, favorece atividades de lazer como churrascos e encontros familiares, além de ser um ponto de encontro para moradores que compartilham uma identidade mais consolidada com o espaço.

Em contrapartida, a Praça Haroldo Rosa, localizada em uma área mais residencial, possui uma dinâmica voltada para os moradores locais. O espaço é utilizado de maneira mais intimista, com as famílias locais se reunindo para eventos como churrascos. Essa relação mais próxima e o vínculo de pertencimento são fatores que contribuem para o zelo do local, embora o público seja mais restrito, o que resulta em uma apropriação mais limitada do espaço. Mesmo assim, as dinâmicas sociais observadas em ambas as praças, com mulheres exercendo múltiplas funções, como cuidado de crianças e socialização, reiteram que, independentemente do espaço, as questões relacionadas às responsabilidades acumuladas pelas mulheres se refletem no uso desses ambientes.

No que tange ao comportamento feminino, observam-se semelhanças entre as duas praças. As mulheres desempenham múltiplas funções, com destaque para

atividades relacionadas ao cuidado, além de ler, socializar, usar o telefone, comer e se exercitar. O espaço público reflete aspectos do espaço privado, com as mulheres realizando diversas tarefas simultaneamente. Observa-se que, em ambas as praças, as mulheres estão concentradas nas áreas de recreação, especialmente nos parquinhos. Durante a noite, a presença masculina aumenta, com os homens assumindo a responsabilidade pelas crianças. Nas atividades esportivas, as quadras são predominantemente utilizadas por homens, enquanto as meninas brincam em outros espaços da praça.

A presença masculina é mais expressiva em ambas as praças, representando cerca de 60% do total de frequentadores, enquanto as adolescentes são numericamente inferiores. Quanto às motivações para frequentar as praças, os dados corroboram a observação de que a maioria das mulheres frequentam a Praça Agenor Moreira para cuidar de crianças ou pets. Já na Praça Haroldo Rosa, destaca-se que as mulheres frequentam o local com maior regularidade, em contraste com a menor frequência observada na Praça Agenor Moreira.

No que diz respeito às questões abertas, a sensação de segurança das mulheres está intimamente relacionada à presença de autoridades, câmeras de segurança e rondas policiais, além da movimentação de pessoas. A comunidade unida e a presença de vendedores ambulantes também foram identificadas como fatores relevantes. Na Praça Haroldo Rosa, a tranquilidade do ambiente e o conhecimento mútuo entre os frequentadores foram destacados como aspectos positivos. As respostas da entrevista, assim como a observação do comportamento, estiveram alinhadas com as teorias discutidas, corroborando as observações feitas durante o estudo e confirmando as relações entre os dados empíricos e as conclusões teóricas.

A partir dos resultados obtidos, é necessário elaborar apontamentos para um planejamento urbano e projetos mais inclusivos, com maior participação das mulheres, como indicado pelas respostas da entrevista. Embora essas respostas sejam subjetivas, elas fornecem uma base sólida para a implementação de mudanças

no espaço público, apontando necessidades e perspectivas que podem melhorar a utilização e a percepção dos espaços por esse público. Essa abordagem torna-se essencial para promover ambientes mais acessíveis e adequados às diversas dinâmicas sociais, respeitando as necessidades específicas das mulheres. As sugestões de melhorias na praça estão voltadas, principalmente, para o bem-estar das crianças e idosos, indicando uma preocupação comunitária com o espaço público. Em síntese, as características físicas e sociais das praças influenciam diretamente no comportamento e na percepção das mulheres. Para promover um uso mais igualitário e inclusivo desses espaços, é fundamental considerar não apenas as características da praça em si, mas também o seu entorno e a interação com a comunidade local.

A partir dos resultados e da revisão de literatura é possível sugerir alguns apontamentos para espaços públicos mais inclusivos:

1. **Acessibilidade:** Investir em infraestrutura que garanta a acessibilidade para pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, como rampas, calçadas adequadas, sinalização tátil e banheiros acessíveis.
2. **Segurança e iluminação:** Melhorar a segurança dos espaços públicos através da iluminação adequada, instalação de câmeras de segurança e aumento da presença policial, criando ambientes mais seguros para todos.
3. **Diversidade de atividades:** Oferecer uma variedade de atividades e espaços que atendam às necessidades e interesses de diferentes grupos da comunidade, incluindo áreas de lazer, cultura, esporte e recreação.
4. **Infraestrutura inclusiva:** Mais banheiros, que sejam maiores, mais seguros e mais frequentes. *Playfair*: espaços para promoção de esportes e quadras para meninas e mulheres. Mais bancos para sentar-se, especialmente com sombras de árvore: mulheres sentam mais que homens porque estão sempre com crianças, compras e andam mais a pé.

5. **Movimento Urbano:** Investir na ampliação das calçadas e nos acessos para facilitar o deslocamento das pessoas a pé, tendo em vista que as mulheres andam acompanhadas, com crianças, carrinhos de bebê, sacolas etc.
6. **Participação comunitária:** Incentivar a participação ativa da comunidade no planejamento, design e gestão dos espaços públicos, garantindo que as vozes de todos os grupos sejam ouvidas e consideradas. Assim como representantes comunitários que zelem pela manutenção e segurança do local, agindo como porta-voz para as autoridades.
7. **Educação e conscientização:** Promover a educação e conscientização sobre questões de inclusão e diversidade nos espaços públicos, criando campanhas de sensibilização por meio de aplicativos de rastreamento e guichês de informação e denúncias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como objetivo investigar como as características físico-morfológicas das praças podem influenciar nas inter-relações das mulheres com esses espaços públicos, considerando os seus usos e apropriações. Ao examinar as praças Agenor Moreira e Haroldo Rosa, foi possível observar diferenças marcantes em termos de contexto físico, segurança percebida e uso do espaço pelas mulheres. A Praça Agenor Moreira, localizada em uma área mais movimentada e verticalizada, apresentou desafios relacionados à segurança devido ao tráfego intenso, embora tenha se beneficiado de melhorias infraestruturais após a reforma. Em contraste, a Praça Haroldo Rosa, situada em um ambiente mais tranquilo e residencial, destacou a importância da sensação de segurança proporcionada pela comunidade local. Ambas as praças refletiram um uso diversificado do espaço pelas mulheres, que desempenham diversas atividades, como cuidar de crianças, socializar e se exercitar.

Com relação aos objetivos do estudo, foi possível avançar na compreensão das dinâmicas de gênero no espaço público urbano, além de identificar aspectos-chave que influenciam na experiência das mulheres em praças urbanas. Destaca-se também a importância da participação ativa da comunidade nos projetos de planejamento urbano, especialmente ao se dar voz às mulheres, cujas perspectivas frequentemente não são adequadamente consideradas. Embora os resultados obtidos nas praças estudadas ofereçam informações valiosas sobre a melhoria de espaços urbanos, é importante reconhecer que cada espaço possui suas particularidades. As percepções de segurança, por exemplo, são subjetivas e variam de acordo com o contexto e as experiências individuais, exigindo abordagens sensíveis que considerem essas diferentes perspectivas.

Uma das limitações deste estudo foi o tamanho da amostra, que pode ter restringido a representatividade dos resultados. Embora tenha sido entrevistado mulheres em duas praças urbanas distintas, uma amostra maior possibilitaria uma análise mais abrangente e uma compreensão mais profunda das inter-relações entre as mulheres e o espaço público em contextos urbanos variados. Além disso, ao se restringir a apenas duas praças, características específicas de outros espaços urbanos podem não ter sido capturadas.

Com base nos resultados, há várias áreas que merecem investigação adicional. Expansões dessa pesquisa para incluir praças urbanas em diferentes cidades e contextos culturais seriam valiosas, permitindo uma comparação mais abrangente sobre as interações entre as mulheres e o espaço público em diferentes ambientes urbanos. Também é fundamental considerar outras identidades de gênero além das mulheres e explorar como diferentes grupos percebem e utilizam os espaços públicos de maneira distinta. Pesquisas futuras podem ainda incorporar outras dimensões de diversidade, como etnia e sexualidade, para compreender melhor como as experiências de diferentes grupos impactam o uso e a percepção dos espaços urbanos. Por fim, é importante continuar a explorar metodologias inovadoras e abordagens teóricas que ajudem a entender as complexidades das interações entre as pessoas e o ambiente urbano, especialmente as experiências femininas na cidade.

Os resultados deste estudo têm implicações significativas, tanto do ponto de vista prático quanto teórico. Em termos práticos, os resultados podem embasar futuros projetos de praças urbanas mais sensíveis ao gênero. Além disso, ressaltam a necessidade de políticas públicas e práticas de planejamento urbano que promovam a participação ativa das mulheres, garantindo que suas vozes sejam consideradas nos processos de tomada de decisões relativos ao design e à gestão de praças urbanas. Os achados desta pesquisa também sublinham a importância de abordagens sensíveis ao gênero na concepção de espaços públicos, reconhecendo as diversas necessidades e experiências das mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABOIM, Sofia. Do público e do privado: uma perspectiva de gênero sobre uma dicotomia moderna. **Revista Estudos Feministas**, v. 20, p. 95-117, 2012.

ACTIONAID. Brasil lidera assédio de mulheres em espaço público, 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/uoHUJF>>, acessado em junho de 2023

ALEXANDER, Christopher. **A pattern language: towns, buildings, construction**. Oxford university press, 1977.

ARENDT, Hanna. **The Human Condition**. Chicago: University of Chicago Press, 1959.

AUMONT, J. O olho interminável – cinema e pintura. São Paulo: Cosac & Naify, 2008.

BAIERL, Luzia. **Medo Social: Da violência visível ao invisível da violência**. São Paulo - SP: Cortez, 2004.

BAUMAN, Z. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2009

BEAUVOIR, Simone. **Segundo sexo: a experiência vivida**, volume 2. Tradução Sergio Milliet – 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BENÉVOLO, L. **História da Cidade**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: os limites da democracia no Brasil**. 1ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

BONDARUK, R. L. **A prevenção do crime através do desenho urbano**. Curitiba: edição do autor, 2007.

CALDEIRA, Teresa. **Cidade de muros – Crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2 ed. 2003.

CALIÓ, Sônia Alves. **Incorporando a questão de gênero nos estudos e no planejamento urbano**. IV Encontro de Geógrafos da América Latina. São Paulo 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/JXivaj>> acessado em junho de 2023.

CAMPBELL, Brígida. **Arte para uma cidade sensível**. São Paulo: Invisíveis Produções, 2015.

CARVALHO, D. **“RESPEITA A POLÍCIA”: A VIOLÊNCIA POLICIAL COMO UMA MANIFESTAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES NO BRASIL**. Revista Contraponto, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 172–188, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/contraponto/article/view/129102>. Acesso em: 29 jan. 2023.

COLLINS, Patricia Hill. **Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica**. Boitempo Editorial, 2022.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Boitempo Editorial, 2021.

D'INCAO, Maria Ângela. **“Mulher e família burguesa”**. In: DEL PRIORE, Mary (Org.); BASSANEZI, Carla (Coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

DEL PRIORE, Mary. **Sobreviventes e guerreiras: uma breve história da mulher no Brasil de 1500 a 2000**. Planeta Estratégia, 2020.

DEL VALLE, Teresa. **Andamios para una nueva ciudad: Lecturas desde la antropología**. Madrid: Cátedra, 1997.

Departamento de Vivienda, Obras Públicas y Transportes. **Manual de análisis urbano: Género y vida cotidiana**. Servicio Central de Publicaciones del Gobierno Vasco. Vitoria-Gasteiz, Espanha, 2010.

ELKIN, Lauren. **Flâneuse: women walk the city in Paris, New York, Tokyo, Venice, and London**. New York: Farrar; Strausand Giroux, 2016.

FBSP – FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2022**. São Paulo: FBSP, 2022.

FONTOURA, Natália; LIRA, Fernanda; PINHEIRO, Luana; REZENDE, Marcela. **Os Desafios do Passado no Trabalho Doméstico do Século XXI: reflexões para o caso brasileiro a partir dos dados da PNAD Contínua**: um estudo com base nos dados da Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 2018. Brasília, DF: IPEA, 2019. (Texto para Discussão, n.2528).

FREIRE, Paula. Gênero e planejamento territorial: uma aproximação. XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais. **Anais....** 2008, Caxambu- MG. Disponível em: < <http://www.abep.org.br/~abeporgb/publicacoes/index.php/anais/article/view/3378>>. Acesso em junho de 2023.

FREITAS, Carolina Alvim de Oliveira. **Estudos Feministas sobre a Questão Urbana: Abordagens e Críticas**. Anais XVIII ENANPUR. Natal, 2019. Disponível em: < <http://anpur.org.br/xviiienanpur/anaisadmin/capapdf.php?reqid=967>>, acessado em janeiro de 2024.

GEHL, Jan; SVARRE, Birgitte. A vida na cidade: como estudar. **São Paulo: Orgráfico Gráfica e Editora**, 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2016. xvi, 200 p. ISBN 9788522451425.

GONZAGA, Terezinha de Oliveira. **A cidade e arquitetura também mulher**. Conceituando a metodologia de planejamento urbano e dos projetos arquitetônicos do ponto de vista de gênero São Paulo: Annablume; 1ª edição, 2022.

HARKOT, K. Marina. **A BICICLETA E AS MULHERES: mobilidade ativa, gênero e desigualdades socioterritoriais em São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 192. 2018.

HELENE, D. O urbanismo feminista do Col·lectiu Punt 6. FeminisUrbana. 12 de setembro 2017. Disponível em: <https://feminismurbana.wordpress.com/2017/09/12/o-urbanismo-feminista-do-col%C2%B7lectiu-punt-6/> Acesso em: 29 outubro 2023

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

IPEA. INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Retrato das desigualdades de gênero e raça**. Tendências nas horas dedicadas ao trabalho e lazer: uma análise da alocação do tempo no brasil. Brasília: Ipea, 2015.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

KERN, Leslie. Cidade feminista: a luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens. **Rio de Janeiro, Oficina Raquel**, 2021.

LAMAS, José Manuel R. G. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. 2. ed., Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo, SP: Centauro, 2015. 144 p. ISBN 9788588208971.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**. BOD GmbH DE, 2019.

LEITÃO, Lúcia (Org.). As praças que a gente quer: manual de procedimentos para intervenção em praças. Recife: Prefeitura Municipal, 2002.

LIMA, D. Julia. COMO AS MULHERES SE DESLOCAM EM SÃO PAULO: Mulheres seguem um padrão de mobilidade urbana 'especial'. Elas andam mais a pé e de transporte público. **Nexo jornal**, São Paulo, 12, dez. 2016. Disponível em: <<https://laboratoriodacidade.org/2019/02/01/mobilidade-urbana-e-genero/>>. Acesso em: junho de 2023.

LIRA, P. **Geografia do crime e arquitetura do medo**. Vitória: GSA, 2014

LYRA, E. G. Luna. **Por Onde Caminham As Mulheres? Um Estudo Sobre Percursos Cotidianos De Mulheres Diaristas Em Belo Horizonte**. Dissertação

(Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, p. 128. 2017.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2007. 315 p.

MARTÍNEZ, A. S. MMOYA, J. R.; MUNHOZ, M. A. **Mujeres Espacio y Sociedad: Hacia una Geografía Del Género**. Madrid: Editorial Síntesis S.A, 1995.

MELLO, Luísa Antonitsch Mansilha; RIBEIRO, Ana Paula Pereira da Gama Alves. Circulação e vivência nas cidades: ser mulher, ser flâneuse. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, 2021.

METRÔ. Pesquisa de Mobilidade da região metropolitana de São Paulo. 2017. Disponível em: < <http://www.metro.sp.gov.br/pesquisa-od/informacoes-od.aspx> >. Acesso em: junho 2023

MONNET, Nadja. **Flanâncias femininas e etnografia**. Tradução de P.B. Jacques. Revista REDOBRA - UFBA, Salvador, v. 11, ano 4, p. 218-234, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/2xLt66>> Acesso em? junho 2023.

MONTANER, Josep Maria. **Política e arquitetura: por um urbanismo do comum e ecofeminista**. Editora Olhares, 2021.

MONTANER, Josep Maria; MUXÍ, Zaida. **Arquitetura e política: ensaios para mundos alternativos**. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

MONTEIRO, Rosa et al. CES – Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. **Guia para a Integração a Nível Local da Perspetiva de Género na Segurança e Prevenção da Violência no Espaço Público**. 2016. Disponível em: <https://lge.ces.uc.pt/files/LGE_seguranca_prevencao_violencia_digital.pdf > Acesso em: junho de 2023.

MONTEIRO, Poliana. **A produção feminista do espaço: costurando uma colcha epistêmica para pensar a cidade e as lutas urbanas**. Anais XVIII ENANPUR. Natal, 2019. Disponível em: <<http://anpur.org.br/xviiienanpur/anaisadmin/capapdf.php?reqid=1465>>, acessado em novembro de 2024.

MUXÍ, MOORE, G. T. (1984). **Estudos de comportamento ambiental**. In J. C. Snyder & A. Catanese (Orgs.), *Introdução à Arquitetura* (pp. 65-85). Rio de Janeiro: Campus.

MUXI, Z. Arquitectura y género: depoimento. Costa Rica. Revista Su Casa. Entrevista concedida a Kurt Aumair y cortesía de la arquitecta. No. 46. 2008

MUMFORD, L. **A Cidade na História: suas histórias, transformações e perspectivas**. Tradução Neil R. da Silva. São Paulo: Martins Fortes, 1998.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. 2015. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>> Acesso em: junho de 2023.

Pinheiro, J. Q., Elali, G. A., & Fernandes, O. S. (2008). **Observando a interação pessoa- ambiente: vestígios ambientais e mapeamento comportamental**. In J. Q. Pinheiro & H. Günther (Orgs.), *Métodos de Pesquisa nos Estudos Pessoa-Ambiente* (pp. 75-104). São Paulo: Casa do Psicólogo.

RISÉRIO, Antonio. **Mulher, casa e cidade**. Editora 34, 2015.

ROLNIK, Raquel. **“Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e no Rio de Janeiro”**. Estudos Afro-Asiáticos, Rio de Janeiro, n. 17, p. 29-41, set. 1989.

ROSE, Gillian. **Feminism and geography: the limits of geographical knowledge**. Cambridge/ Oxford: Polity Press, 1993.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado e Violência**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2006

SERPA, Angelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. 2ª Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

SILVA, Joseli Maria. Gênero e sexualidade na análise do espaço urbano. Geosul, Florianópolis, v. 22, n. 44, p 117-134, 2007. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/%20geosul/article/viewFile/12612/11775>>, acessado em junho de 2023.

SILVA, Natália Alves; FARIA, Daniela; PIMENTA, Marília. **Feminismo e o espaço urbano: apontamentos para o debate**. XVII Enapur. São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/RSuSLH>> acessado em junho de 2023.

SIQUEIRA, A. Lúcia. **POR ONDE ANDAM AS MULHERES? Percursos e medos que limitam a experiência de mulheres no centro do Recife**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, p. 162. 2015.

SITTE, Camillo. **A arte de construir as cidades: o papel da arte na construção das cidades de amanhã**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

SOARES, M.; SABOYA, R. T. Fatores espaciais da ocorrência criminal: modelo estruturador para a análise de evidências empíricas. **Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 11, 2019.

SOIHET, Rachel. **“Mulheres pobres e violência no Brasil urbano”**. In: DEL PRIORE, Mary (Org.); BASSANEZI, Carla (Coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

Sommer, R., & Sommer, B. (1997). **A Practical Guide to Behavior Research, Tools and Techniques**. Nova York: Oxford University Press.

TILLY, Louise; SCOTT, Joan W. **Women, work and family**. Nova Iorque/ Londres: Routledge, 1989.

UNOPS. Escritório das Nações Unidas de Serviços para Projetos (UNOPS). Instituto Semeia. Parque para todas e todos. Parque para Todos e Todas: Sugestões para a implantação de parques urbanos com perspectiva de gênero. maio 2020. Disponível em: <<https://semeia.org.br/biblioteca/publicacoes/parques-para-todas-e-todos-2020/>>. Acesso em: jun. 2023.

VILA VELHA. Fonplata: governo aprova crédito de U\$27,6 milhões para-Vila Velha. Site da Prefeitura de Vila Velha, 21 out. 2019. Seção Secretaria de Obras e Projetos Estruturantes. Disponível em: <https://www.vilavelha.es.gov.br/noticias/2019/10/fonplata-governo-federal-aprova-credito-de-us-27-6-milhoes-para-vila-velha-27356>. Acesso em: 1 abr. 2024.

WILSON, Elizabeth. The invisible flâneur. In: WILSON, Elizabeth. **The contradictions of culture: cities, culture, women**. Londres: Sage Publications, 2001. pp. 72-89.

WHYTE, William H. **The social life of small urban spaces**. Washington, DC: Project for Public Spaces, 1980. 125 p

ZUKIN, Sharon. **Loja de cultura: do varejo à cultura urbana**. 1. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1982.

APÊNDICES

Apêndice A - Estado da arte dissertações de mestrados

Autor e Título	Objetivo de Pesquisa	Ano
MENDES, BEATRIZ BRITO. As Mulheres pela Cidade: Usos e percepções femininas sobre os Espaços Públicos no Centro de Campina Grande – PB'	Investigar as práticas socioespaciais das mulheres e sua percepção em relação aos atributos morfológicos dos espaços públicos do Centro de Campina Grande, na Paraíba	2021
ALBUQUERQUE, MARIANA IMBELLONI BRAGA. De quantos caminhos se faz um direito? - mobilidade e gênero nos quadros de cidade'	pensar o direito à mobilidade urbana a partir da mobilidade de mulheres, localizando-o junto aos marcos de direito à cidade e toda gama de direitos na cidade	2019
PAULA, DANIELA MESQUITA GONCALVES DE. GÊNERO E ESPAÇO PÚBLICO: UMA PERSPECTIVA DA APROPRIAÇÃO DE PRAÇAS DE GOIÂNIA-GO'	análise da relação do sujeito, em função de seu gênero , com os espaços públicos	2019
RAMOS, MARINA FERREIRA MARIANO. AS MULHERES NEGRAS E O ESPAÇO PÚBLICO: UM ENCONTRO SUBVERSIVO'	intuito de construir uma análise de como as mulheres negras experimentam o espaço público das cidades, com a proposta do uso da raça e do gênero como categorias analíticas.	2019
Apêndice A - Estado da arte dissertações de mestrados (continua)		

COSTA, ANA MADALENA VIEIRA DE ALBUQUERQUE BELO. QUITANDEIRAS CONTEMPORÂNEAS: vivências cotidianas de mulheres comerciantes de comida de rua nos bairros de São José e Santo Antônio em Recife'	observar as estratégias e atividades desenvolvidas por estas atrizes sociais, na medida em que ocupam um espaço urbano e constroem significados ao reproduzir uma condição ancestral de labor a céu aberto, o arruar e mascatear em suas quitandas contemporâneas nas ruas dos bairros de São José e Santo Antônio.	2018
DUARTE, JOEL MEIRELES. O DIÁLOGO ENTRE A MULHER E O DIREITO À CIDADE'	Identificar o diálogo entre a mulher e o direito à cidade , em Salvador	2018
GARCIA, CAROLINA GALLO. GÊNERO DA CIDADE EM DISPUTA: PRÁTICAS ARTÍSTICAS COMO MANIFESTAÇÃO DO DISSENSO'	evidenciar a dimensão de gênero presente na acepção dominante de espaço público ao questionar os parâmetros históricos de constituição da dicotomia público-privada como uma tecnologia de produção de espaços generificados tradicionalmente cindida entre homens-públicos e mulheres-privadas .	2018
HARKOT, MARINA KOHLER. A bicicleta e as mulheres: Mobilidade ativa, gênero e desigualdades socioterritoriais em São Paulo'''	investiga por que o uso da bicicleta é tão incomum entre mulheres em grandes cidades brasileiras	2018
MENDES, SARAYNA MARTINS. SER MULHER NA CIDADE: UM ESTUDO SOBRE A CIRCULAÇÃO DAS MULHERES DO PORTO DO CAPIM PELA CIDADE DE JOÃO PESSOA.'	visa fazer uma etnografia da circulação do corpo feminino pela cidade	2018
MERLI, GIOVANNA AUGUSTO. LUGAR DE MULHER É NA CIDADE: DESENHO URBANO PARA INCLUSÃO DE GÊNERO NA CIDADE DE UBERLÂNDIA '	desenvolvimento e aplicação de métodos para a inclusão de gênero nos espaços urbanos , tendo como objeto a cidade de Uberlândia, a partir de diretrizes de planejamento e propostas de desenho urbano .	2018
SUMI, CAMILLA MASSOLA. A CIDADE NA PERSPECTIVA DO GÊNERO: AS POLÍTICAS PÚBLICAS URBANAS 1990-2015 em São Paulo/SP'	identificar a inclusão das questões do gênero nas políticas públicas urbanas na perspectiva das mulheres , implantadas na cidade de São Paulo	2018
ELVIR, MARIA AMANDA MARTINEZ. Mulher e Mobilidade Urbana: Retratos da mobilidade das mulheres da comunidade do Coque em Recife'	estudar que construções sociais têm configurado o espaço urbano , a fim de entender a segregação urbana , por classe e por gênero, dos sistemas de mobilidade oferecidos às mulheres que vivem em	2017

	realidades de pobreza na comunidade do Coque em Recife	
SARMENTO, DANIELA PAREJA GARCIA. A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NA CONSTRUÇÃO DA CIDADE CONTEMPORÂNEA: CONTRIBUIÇÕES PARA UM NOVO MODELO DE PLANEJAMENTO URBANO EM BLUMENAU/SC'	discutir o direito das mulheres à cidade de Blumenau, e isso frente à desigualdade de gênero em relação ao acesso e ao uso da infraestrutura urbana	2017
LYRA, LUNA ESMERALDO GAMA. Por onde caminham as mulheres? Um estudo sobre os percursos cotidianos de mulheres diaristas em Belo Horizonte'	compreender de que maneira o planejamento e a produção do espaço urbano afetam de forma sexista a vida das mulheres	2016
SAVIO, THAYNA DAVILLA. EI. GOSTOSA! ASSÉDIO DE RUA E INTERAÇÕES NO ESPAÇO PÚBLICO'	analisar o assédio de rua enquanto modalidade de violação das normas sociais, bem como seu efeito negativo na vida das mulheres assediadas	2016
SIQUEIRA, LUCIA DE ANDRADE. POR ANDAM AS MULHERES? PERCURSOS E MEDOS QUE LIMITAM A EXPERIÊNCIA DE MULHERES NO CENTRO DO RECIFE'	compreender como se dá essa relação e como influenciam na experiência do medo da mulher no espaço público através de exercício investigatório que partiu de um arcabouço teórico internacional e nacional e a contextualização através da investigação empírica no centro do Recife.	2015
VIEIRA, CLAUDIA ANDRADE. IMAGENS REVELADAS, DIFERENÇAS VELADAS: RELAÇÕES DE GÊNERO NA DINÂMICA DO ESPAÇO PÚBLICO NA CIDADE DO SALVADOR, BAHIA'	Analisar as assimetrias de gênero no acesso, uso e usufruto do espaço público , cujo recorte espacial é o Centro Antigo da Cidade do Salvador, Bahia, das primeiras décadas do século XX	2013
Fonte: elaborado pela autora com base no Catálogo de Teses & Dissertações – CAPES, 2022.		

Apêndice B – Roteiro entrevista semiestruturada



MESTRADO EM ARQUITETURA E CIDADE – UNIVERSIDADE VILA VELHA PESQUISA DE CAMPO: QUESTIONÁRIO

Praça: () Haroldo Rosa () Agenor Moreira

Data: __/__/__

Qual é o seu gênero?

() feminino () outro: _____ () prefiro não dizer

Qual é a sua faixa etária?:

() 18 a 24 anos () 25 a 34 anos () 35 a 44 anos () 45 a 60 anos () Acima de 60 anos

Com qual frequência utiliza esta praça?

() todos os dias () uma vez por semana () uma vez a cada duas semanas
() uma vez por mês () raramente

5. Quando você costuma frequentar esta praça?

() Dia de semana de manhã () Final de semana de manhã
() Dia de semana de tarde () Final de semana de tarde
() Dia de semana de noite () Final de semana de noite

Como você costuma frequentar esta praça?

() Sozinha () Acompanhada por amigos () Acompanhada pela família

Você passou a frequentar mais a praça depois da reforma?

() Sim () Não () Não sei dizer

Quais são os principais motivos que fazem com que você frequente esta praça? (PODE MARCAR MAIS DE UMA OPÇÃO)

() Fazer atividade física ou esportiva
() Conversar e/ ou encontrar pessoas/ amigos
() Descansar, relaxar e/ou ler um livro
() Observar a paisagem e/ou uso do espaço
() Fumar, beber e/ou ouvir música
() Frequentar feiras, barraquinhas, comprar produtos diversos etc.
() Exercer atividade remunerada e/ou venda de produtos
() Acompanhar e/ou cuidar de crianças
() Acompanhar e/ou cuidar de pets
() Acompanhar e/ou cuidar de idosos
() Outro: _____

Apêndice B – Roteiro entrevista semiestruturada



**MESTRADO EM ARQUITETURA E CIDADE –
UNIVERSIDADE VILA VELHA
PESQUISA DE CAMPO: QUESTIONÁRIO**

Praça: () Haroldo Rosa () Agenor Moreira Data: __/__/__

O que te faz sentir segura ou confortável em um espaço público, como a praça?

Na sua opinião, o que poderia melhorar nesta praça? Tem alguma atividade que você gostaria que existisse nesta praça?

Qual lugar da praça você acha mais agradável? Por que?

Qual lugar da praça você acha menos agradável? Por que?

Você acha que homens e mulheres usam a praça de forma igual? Por que?

Tem alguma rua no entorno da praça que recomendaria que uma mulher que não conhece o bairro evite? Por que?

Apêndice C – Ficha avaliativa

Praça Haroldo Rosa			
Dimensão	Local	Atributos	Anotações
Uso e usuários	Intrínsecos à praça	Há atividades econômicas formais e não formais? (Foodtruck, banca de jornal barraquinhas, etc.)	Não há barracas (comércio transitório) nem estandes como banca de jornal (comércio fixo)
		Há atividades inclusivas ? (crianças, idosos e pessoas com deficiências)	Há atividades para crianças e idosos, porém não há para pessoas com deficiência
		Há atividades temporárias / não planejadas?	Não
		Há apropriações comunitárias? (horta, artes, canteiros ajardinados)	Sim, garrafa PET com sacolas plásticas para recolher as fezes dos cachorros
		Há sinalização de regras de restrição de uso (ex.: não pise na grama)	Não
	Extrínsecos à praça	*Qual é o uso do solo no entorno? (residencial, misto, comercial, institucional e serviço)	Predominantemente residencial unifamiliar
		*Como são as fachadas predominantemente? (ativa/inativa, monótona/ não-monótona)	Predominantemente fachadas monótonas
		Qual é o gabarito do entorno imediato a praça? (quantidade de pavimentos das edificações circundantes)	Entre 1 a 4 pavimentos
		Qual é a densidade urbana do entorno? (quantidade de habitantes em 200m)	2090 hab (933 homens/1097 mulheres)
		* Estes dados são referentes ao raio de 200m do entorno da praça e foram representados em mapa	
Acessibilidade	Intrínsecos à praça	Qual é o tipo de material no piso rota acessível? (pedra portuguesa, concreto, emborrachado, etc.)	Piso intertravado de concreto
		A largura dos percurso internos da praça é superior a 1,50m?	Sim
		Há sinalização tátil na rota acessível?	Não, somente calçada do entorno

	Extrínsecos à praça	A calçada do entorno imediato é acessível ? (1,50m, sinalização tátil, pavimentação adequada)	Não
		Na calçada do entorno imediato há rampas de acesso?	Não
		Há ponto de ônibus, prox. ciclovia, ruas pedestre?	Há pontos de ônibus e ciclovia próximos

Amenidades e Mobiliário	Intrínsecos à praça	Há torneira ou bebedouro?	Não
		Há banheiro na praça?	Não
		Qual é a quantidade de assentos formais e informais	10
		Há playground, pet park, academia, quadra, etc?	Playground, academia ao ar livre e quadra
		Há sinal de Wi-fi gratuito na praça?	Não

Conforto	Intrínsecos à praça	Há árvore, gramado, canteiros, etc.?	Sim
		Há diversidade/tipologia da vegetação? (arvores, gramas, flores, arbsutos, etc.)	Sim, há grama, árvores de grande porte e palmeiras, e arbustos e flores.
		A praça está limpa e com boa manutenção?	Sim
		Há presença de sons naturais?	Sim, pássaros cantando e folhas balançando
		Há presença de ruídos mecânicos? (ruído de carro, obras, etc.)	Pouco, os sons naturais sobressaem

* Estes dados são referentes a área da praça e foram representados em mapa

Segurança	Intrínsecos à praça	Há sinais de vandalismo e depredação?	Sim, lixeira quebrada
		Há a presença de câmeras de segurança?	Sim
		Há muros cegos no perímetro da praça?	Não
		Há construções que são osbtaculos visuais?	Não
		Há vegetação que são obstáculos visuais?	Sim, há arbustos mais altos na extremidade da praça
		Há iluminação nivel do pedestre?	Sim
		Há iluminação geral? (postes altos para a via)	Sim

	Extrínsecos à praça	A quantidade de postes e a quantidade de iluminação está adequada?	Sim
		Há presença de ronda policial?	Sim
		Há presença de posto policial?	Não
		Há presença de estacionamento para viatura?	Não
		Fachada permeável sim ou não? (grades, vidro, muro, etc.)	A maioria das fachadas é permeável com grades ou vidro.
		Quantidade de aberturas para o espaço público	23

Praça Agenor Moreira			
Dimensão	Local	Atributos	Anotações
Uso e usuários	Intrínsecos à praça	Há atividades econômicas formais e não formais? (Foodtruck, banca de jornal barraquinhas, etc.)	Sim, há comércio transitório (barracas, foodtruck) e banca de jornal e chaveiro
		Há atividades inclusivas ? (crianças, idosos e pessoas com deficiências)	Há atividades para crianças e idosos, porém, não há atividades que incluem pessoas com deficiências
		Há atividades temporárias / não planejadas?	Sim, a prefeitura em algumas ocasiões promove eventos culturais e musicais, além disso há aulas de zumba organizadas pela comunidade.
		Há apropriações comunitárias? (horta, artes, canteiros ajardinados)	Não
		Há sinalização de regras de restrição de uso (ex.: não pise na grama)	Não
	Extrínsecos à praça	*Qual é o uso do solo no entorno? (residencial, misto, comercial, institucional e serviço)	Predominantemente residencial multifamiliar
		*Como são as fachadas predominantemente? (ativa/inativa, monótona/não-monótona)	Predominantemente fachadas monótonas
		Qual é o gabarito do entorno imediato a praça? (quantidade de pavimentos)	Entre 4 a 15 pavimentos

		das edificações circundantes)	
		Qual é a densidade urbana do entorno? (quantidade de habitantes em 200m)	1951 hab (933 homens/1018 mulheres)
* Estes dados são referentes ao raio de 200m do entorno da praça e foram representados em mapa			
Acessibilidade	Intrínsecos à praça	Qual é o tipo de material no piso rota acessível? (pedra portuguesa, concreto, emborrachado etc.)	Piso de concreto não trepidante colorido
		A largura dos percurso internos da praça é superior a 1,50m?	Sim
		Há sinalização tátil na rota acessível?	Não, somente calçada do entorno
	Extrínsecos à praça	A calçada do entorno imediato é acessível? (1,50m, sinalização tátil, pavimentação adequada)	Não
		Na calçada do entorno imediato há rampas de acesso?	Não
		Há ponto de ônibus, prox. ciclovias, ruas pedestre?	Há pontos de ônibus e ciclovias próximos
Amenidades e Mobiliário	Intrínsecos à praça	Há torneira ou bebedouro?	Não
		Há banheiro na praça?	Não
		Qual é a quantidade de assentos formais e informais	25
		Há playground, pet park, academia, quadra, etc?	Playground, pet park e quadra
		Há sinal de Wi-fi gratuito na praça?	Não
Conforto	Intrínsecos à praça	Há árvore, gramado, canteiros, etc.?	Sim
		Há diversidade/tipologia da vegetação? (árvores, gramas, flores, arbustos, etc.)	Sim, mas é pouca, há grama, árvores de grande porte e palmeiras, mas não há diversidade de arbustos e flores.
		A praça está limpa e com boa manutenção?	Sim
		Há presença de sons naturais?	Sim, pássaros cantando e folhas balançando

		Há presença de ruídos mecânicos? (ruído de carro, obras, etc.)	Sim, ruído de veículos principalmente
* Estes dados são referentes a área da praça e foram representados em mapa			
Segurança	Intrínsecos à praça	Há sinais de vandalismo e depredação?	Não
		Há a presença de câmeras de segurança?	Não
		Há muros cegos no perímetro da praça?	Não
		Há construções que são obstáculos visuais?	Não
		Há vegetação que são obstáculos visuais?	Não
		Há iluminação nível do pedestre?	Sim
		Há iluminação geral? (postes altos para a via)	Sim
		A quantidade de postes e a quantidade de iluminação está adequada?	Sim
	Extrínsecos à praça	Há presença de ronda policial?	Sim
		Há presença de posto policial?	Não
		Há presença de estacionamento para viatura?	Não
		Fachada permeável sim ou não? (grades, vidro, muro, etc.)	A maioria das fachadas é com muro, mas com grades ou vidro.
		Quantidade de aberturas para o espaço público	4

Apêndice D – Parecer do Comitê de ética



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Mulher e espaço público: apropriações em praças urbanas

Pesquisador: MYLLENA SIQUEIRA SANTOS

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 76003123.6.0000.5064

Instituição Proponente: SOCIEDADE EDUCACAO E GESTAO DE EXCELENCIA / VILA VELHA LTDA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.663.097

Apresentação do Projeto:

A presente pesquisa busca analisar elementos físico-morfológicos que influenciam nas inter-relações entre a mulher e as praças urbanas e que contribuem para a construção de cidades mais seguras e inclusivas. O presente estudo é de natureza aplicada, exploratória e descritiva, adotando uma abordagem qualitativa

Objetivo da Pesquisa:

etapa para entender a percepção do espaço pelas usuárias serão aplicado questionários com as mulheres maiores de idade presentes nas praças. Este trabalho almeja identificar aspectos físicos que auxiliam na criação de cidades mais inclusivas e seguras para as mulheres

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos envolvidos com sua participação são: possibilidade de constrangimento ao responder o questionário; desconforto; medo; vergonha; estresse; quebra de sigilo; cansaço ao responder às perguntas; quebra de anonimato, que poderão serão minimizados garantindo um local reservado e liberdade entretanto você poderá encerrar a sua participação na pesquisa a qualquer momento, caso se sinta constrangido ou impossibilitado em respondê-lo.

Endereço: Avenida Comissário José Dantas de Melo, 21
Bairro: BOA VISTA II **CEP:** 29.102-920
UF: ES **Município:** VILA VELHA
Telefone: (27)3421-2063 **Fax:** (27)3421-2063 **E-mail:** cep@uvv.br



UNIVERSIDADE VILA VELHA -
ES/UVV



Continuação do Parecer: 6.663.097

Benefícios:

A pesquisa não irá gerar benefícios financeiros, porém, acredita-se no seu impacto social na medida que trará benefícios a comunidade, pois, com os resultados da pesquisa podem levar a ações e projetos futuros que considerem as necessidades das mulheres. Assim como, projetos que tenham a participação feminina como foco e a valorização deste grupo social

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A presente pesquisa busca analisar elementos físico-morfológicos que influenciam nas inter-relações entre a mulher e o espaço público de praças urbanas e que contribuem para a construção de cidades mais seguras e inclusivas para o público feminino.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

apresentação dos termos.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

pendencia adequadas.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2234914.pdf	14/02/2024 13:32:31		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	14/02/2024 13:32:10	MYLLENA SIQUEIRA SANTOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	BROCHURA.pdf	23/11/2023 18:39:41	MYLLENA SIQUEIRA SANTOS	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	23/11/2023 18:38:06	MYLLENA SIQUEIRA SANTOS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Endereço: Avenida Comissário José Dantas de Melo, 21
Bairro: BOA VISTA II **CEP:** 29.102-920
UF: ES **Município:** VILA VELHA
Telefone: (27)3421-2063 **Fax:** (27)3421-2063 **E-mail:** cep@uvv.br



UNIVERSIDADE VILA VELHA -
ES/UVV



Continuação do Parecer: 6.663.097

Não

VILA VELHA, 22 de Fevereiro de 2024

Assinado por:
Racire Sampaio Silva
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida Comissário José Dantas de Melo, 21
Bairro: BOA VISTA II **CEP:** 29.102-920
UF: ES **Município:** VILA VELHA
Telefone: (27)3421-2063 **Fax:** (27)3421-2063 **E-mail:** cep@uvv.br

